

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
LINHA DE PESQUISA: ANÁLISES TEXTUAIS, DISCURSIVAS E ENUNCIATIVAS**

BRUNO ROSA DA ROSA

**UMA ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE RESISTÊNCIA DO/NO CORPO TRANS NO
JORNAL DO NUANCES: *NICOLE, UMA MULHER POSSÍVEL***

Porto Alegre

2023

BRUNO ROSA DA ROSA

**UMA ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE RESISTÊNCIA DO/NO CORPO TRANS NO
JORNAL DO NUANCES: *NICOLE, UMA MULHER POSSÍVEL***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem – Análises Textuais, Discursivas e Enunciativas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luciene Jung de Campos.

Porto Alegre

2023

CIP - Catalogação na Publicação

Rosa, Bruno Rosa da
Uma análise discursiva sobre resistência do/no
corpo trans no Jornal do Nuances: Nicole, uma mulher
possível / Bruno Rosa da Rosa. -- 2023.
101 f.
Orientador: Luciene Jung de Campos.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Análise do Discurso. 2. Psicanálise. 3. Discurso
transexual. 4. Resistência. 5. Jornal do Nuances. I.
Campos, Luciene Jung de, orient. II. Título.

BRUNO ROSA DA ROSA

**UMA ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE RESISTÊNCIA DO/NO CORPO TRANS NO
JORNAL DO NUANCES: *NICOLE, UMA MULHER POSSÍVEL***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem – Análises Textuais, Discursivas e Enunciativas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luciene Jung de Campos.

Porto Alegre, 28 de abril de 2023.

Resultado: Aprovado

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Carolina Fernandes
Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)

Prof.^a Dr.^a Luciana Iost Vinhas
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof.^a Dr.^a Mônica Ferreira Cassana
Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

Prof.^a Dr.^a Luciene Jung de Campos – Orientadora
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Para Gilmar, Átila e Clair

AGRADECIMENTOS

Ao Gilmar, pelo apoio incondicional, pelo amor e paciência, e por me ajudar a observar o mundo com muito mais sensibilidade. Certamente, não teria conseguido sem você. Te amo.

Aos meus pais, pelas orações direcionadas a mim, pelo amor inteiro e por acreditarem na minha educação sem medir esforços.

À professora Luciene, querida orientadora que tanto me ajudou na elaboração deste trabalho. Obrigado por, desde o início, acolher esta pesquisa com tanta cortesia, entusiasmo e psicanálise.

Às professoras e professores da Pós-Graduação em Letras da UFRGS, pelas aulas motivadoras durante o cenário de horror e COVID-19.

Aos colegas e amigos que, por meios diretos ou indiretos, participaram e cooperaram com o que eu gostaria de dizer.

À CAPES, por financiar esta pesquisa em um cenário de incerteza de bolsas para pesquisadores brasileiros.

“O corpo não é uma máquina como nos diz a ciência. Nem uma culpa como nos fez crer a religião. O corpo é uma festa.”

Eduardo Galeano – Las palabras andantes

RESUMO

A materialidade dessa pesquisa é a entrevista “Nicole, uma mulher de verdade”, concedida em 1998 ao *Jornal do Nuances*, periódico LGBTTI+ pela livre expressão sexual, com sede em Porto Alegre – RS. A análise da entrevista está ancorada na teoria da Análise do Discurso de vertente materialista, preconizada por Michel Pêcheux, em que parte-se da análise do funcionamento discursivo referente à conceitualização de gênero, de corpo e de mulher. Busca-se analisar a insubmissão do corpo ao domínio da ordem binária e da compreensão lógica, considerando as (des)identificações com os saberes provenientes do interdiscurso, manifestados como pré-construídos no intradiscurso. Problematiza-se a binaridade de gênero que acontece por meio de uma lógica disjuntiva, com os significantes *homem* ou *mulher*, para pensar como o sujeito se inscreve em uma posição de entrelugar, espaço de indefinição em que a falta de objeto e a falha na linguagem se apresentam. O corpo trans possibilita pensar outras formas de sexuação do sujeito sexual, marcado pela (im)possibilidade de se autorizar no campo político. Temos indícios de que o corpo trans é um corpo de resistência, uma vez que, na entrevista em análise “Nicole, uma mulher de verdade”, a subjetivação se dá em relação à identificação com a feminilidade, mas não se deixa determinar pela ideia dominante de mulher. Pois “a mulher de verdade” não existe. A mulher só pode existir na pluralidade e na diversidade.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Psicanálise. Transexualidade. Resistência. *Jornal do Nuances*.

ABSTRACT

The materiality of this research is the interview “Nicole, uma mulher de verdade”, granted in 1998 to *Jornal do Nuances*, LGBTTI+ journal for free sexual expression, based in Porto Alegre - RS. The analysis of the interview is anchored in the Discourse Analysis theory of a materialistic perspective, advocated by Michel Pêcheux, which starts with the analysis of the discursive functioning referring to the conceptualization of gender, body and woman. The aim is to analyze the non-submission of the body to the domain of the binary order and logical understanding, considering the (dis)identifications with the knowledge from the interdiscourse, manifested as pre-constructed in the intradiscourse. The gender binarity that happens through a disjunctive logic is problematized, with the signifiers man or woman, to think about how the subject is inscribed in a position of in-between place, a space of indefiniteness in which the lack of object and the failure in language they introduce themselves. The trans body makes it possible to think of other forms of sexuation of the sexual subject, marked by the (im)possibility of authorizing oneself in the political field. We have evidence that the trans body is a body of resistance, since, in the interview under analysis “Nicole, uma mulher de verdade”, the subjectivation takes place in relation to the identification with femininity, but it is not determined by the dominant idea of woman. For “the real woman” does not exist. A woman can only exist in plurality and diversity.

Keywords: Discourse Analysis. Psychoanalysis. Transsexuality. Resistance. *Jornal do Nuances*.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise de Discurso de vertente materialista
AIEs	Aparelhos Ideológicos de Estado
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CID	Código Internacional de Doenças
CLG	Curso de Linguística Geral
CRS	Cirurgia de Redesignação Sexual
DSM	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
FD	Formação Discursiva
ISTs	Infecções Sexualmente Transmissíveis
LGBTTI+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Intersexos
MHB	Movimento Homossexual Brasileiro
MHG	Movimento Homossexual Gaúcho
OIT	Organização Internacional <i>Transrespect</i>
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONG	Organização Não Governamental
SD	Sequência Discursiva
Trans	Transexualidade, transexual
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

APOIO DE FINANCIAMENTO CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES – Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de

Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

SUMÁRIO

NÃO QUEREMOS SER NORMAIS _____	14
1. Gritos que incomodam: podem eles ser domados pelo extermínio? ____	20
2. O corpo trans e a formação social capitalista: sentidos em disputa ____	31
3. Da (re)designação: quais sentidos suportam a palavra? _____	43
4. Do reconhecimento ideológico: considerações acerca de um quase conceito de sujeito _____	60
5. Entre combates e conflitos: a guerra simbólica e a transexualidade ____	73
(DES)ENLACES _____	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____	86
ANEXOS _____	92

nuances

25 anos

Uma trajetória
inconformada
com a norma



Fonte: Jornal do Nuances, 2017, ilustração de Luís Gustavo Weiler.

NÃO QUEREMOS SER NORMAIS

Durante as páginas deste trabalho, o leitor perceberá que a base de meus desassossegos é de natureza subjetiva. Trata-se de um aspecto subjetivo que me atravessa e desperta questões indiscutivelmente muito próximas da minha realidade. Por essa razão, em um primeiro momento, sinto a necessidade de, nesse prólogo, despir-me da inflexibilidade e da rigidez acadêmica para apresentar algo de mim. Isso se deve ao fato de que, mesmo no movimento de análise operado dentro do quadro teórico da Análise de Discurso de perspectiva materialista, levamos algo de nós.

O movimento de escrever é, em si, um movimento de afetações, um espaço para expressar as desacomodações a que estamos sujeitos e pelas quais passamos em nossos percursos.

Escrever, segundo Duras (1993, p. 47), “é o desconhecido que trazemos conosco”. A própria dor de escrever é também *transformadora*, pois nos coloca diante de um silêncio (ou é o silêncio que se impõe diante de nós, eu ainda não sei bem) que percorre o próprio corpo. A inquietação é um paradoxo que pode impedir a escrita, mas, ao mesmo tempo, impulsioná-la. O desejo como vontade de dizer, mesmo que nada jamais seja dito.

Lembro-me de, ainda criança, ocupar um lugar que provocava furo nas expectativas das outras pessoas. Na escola, na família, gostava de questionar as coisas, as normas, embora muito novo para compreender que estava realmente realizando aquilo e que, em breve, o peso de ser diferente acabaria moldando a minha subjetividade, levando-me para lugares outros. A homofobia na tempestiva fase do ensino fundamental e médio, em um período social e político no qual não se falava abertamente sobre questões relacionadas à sexualidade, foi, aos poucos, colaborando para que eu desejasse falar sobre as minhas questões. Não era possível, no meu entendimento, que tudo se resumisse à culpa e ao medo.

Essas breves palavras são o pontapé inicial para explicar que, do lugar de homem gay, passei a observar os olhares discursivos da Escola, da Família¹, sobre o

¹ Escola e Família como Aparelhos Ideológicos de Estado (ALTHUSSER, 1970). Mais adiante, no próximo capítulo, explico como eles dominam, não pelo uso da força, mas da ideologia,

sujeito LGBTTI+². Começo a reparar, também, que a representatividade dessa categoria nos meios de comunicação hegemônicos (grandes jornais e rede aberta de televisão) e a significação das sexualidades passavam, na grande maioria das vezes, pela manutenção da ideologia dominante, não sendo possível qualquer tipo de sentimento ou comportamento cujas possibilidades não fossem as da heterossexualidade.

Nesse sentido, este trabalho, para além de uma dissertação em Letras, pretende interrogar, com base nos pressupostos teórico-analíticos da Análise de Discurso, sentidos sobre a pessoa LGBTTI+, com seus corpos e suas sexualidades dissidentes, bem como pretende, também, reafirmar uma luta que parece nunca terminar, pela garantia das prerrogativas por liberdade sexual e de gênero. Muito antes, no entanto, busquei compreender, durante a graduação, como a língua e o discurso funcionavam na representação LGBTTI+ no *Lampião da Esquina*, primeiro jornal brasileiro assumidamente gay. Fui em busca de compreender como o significante *bicha* deslizava entre Formações Discursivas, significando de maneiras diferentes para posições-sujeito outras, diversas.

Para onde direcionava o olhar, encontrava vestígios, pistas, efeitos de sentido sobre o que era ser homossexual e, a todo momento, um *feeling* era despertado. Vindo de uma família com pais e avós cristãos, observava que, se o discurso religioso dava vazão ao preconceito, o discurso científico também o fazia, assumindo um papel importante na construção do processo de subjetivação do homossexual, sendo o corpo dissidente passado à categoria de objeto – e abjeto –, apropriado pelo capitalismo. Esse processo de subjetivação, de acordo com Beck e Esteves (2014), “provoca um efeito de imaginária transparência da realidade” de modo que, ainda que atravessado pela memória do dizer, o sujeito agisse e pensasse fora do interdiscurso, na ilusão de que seu agir e pensar são totalmente autônomos.

Desse modo, o indivíduo LGBTTI+ (esquecido de que é interpelado ideologicamente) é convocado a se afirmar como sujeito de uma das categorias com a qual se identifica, podendo identificar-se com mais de uma. Somos, assim,

para que a classe dominante e todas as suas concepções sobre corpo, gênero e sexualidade sejam mantidas no poder.

² Falo a partir da perspectiva de um homem cisgênero e homossexual, mas tomo a sigla LGBTTI+ emprestada para me referir ao sujeito que desvia do caminho, considerando, no entanto, a característica ultrapassada e até mesmo conservadora da sigla para representar o sujeito *queer* em sua incoerência e indefinição.

conclamados, impelidos a nos identificar com uma tomada de posição em relação à sexualidade.

O que fazemos, no entanto, com aquele que bagunça não somente a heteronormatividade, mas, também, a própria homonormatividade?

Segundo Trevisan (2018, p. 30), a busca científica pela compreensão da homossexualidade no campo da medicina sugeria que existiria uma “base neural” para tal comportamento, de modo que, constantemente, a homossexualidade estaria associada a circunstâncias patológicas, “fossem elas falhas químicas (porque faltou uma substância), fossem elas falhas comportamentais (como a depressão, a agressividade e o estresse)”. Na mesma esteira do discurso científico em busca de um cromossomo gay, havia também “propostas científicas a respeito da inferioridade intelectual das mulheres e do QI mais baixo dos negros” (TREVISAN, 2018, p. 30).

Trago essa reflexão à introdução para incluir um outro ponto também interessante que merece ser analisado discursivamente e que busco problematizar adiante: por que as ciências positivistas precisam ir em busca da origem da homo/transsexualidade? Quais são os motivos que nos levam a precisar de uma confirmação *científica* para que, só assim, questões do universo LGBTTI+ sejam consideradas pertinentes?

As teses em torno dos LGBTTI+ no século XX, com a medicina e a psiquiatria norteando parte das discussões, revelam o caráter subjetivo de todo projeto científico, isto é, ao eleger a homo/transsexualidade como um objeto passível de ser examinado, coloca-se em jogo a subjetividade de quem se propõe a examinar esse objeto, porque isso lhe pareceu *estranho*, escorregadio, fugitivo, fora dos padrões convencionais de normalidade. A homossexualidade, como fato de exceção, mostra como o discurso hegemônico vai sendo materializado pela ideologia dominante, espelhando práticas na própria ideologia dominada. Em contrapartida, enquanto a hegemonia vem sendo trabalhada pelos grandes canais de comunicação, formulo perguntas, no decorrer do texto, acerca da reprodução/transformação do discurso que acontece em mídias alternativas, periódicos de circulação não tão abrangente encarregados de atender às demandas da população LGBTTI+.

Com isso, elejo o Jornal do Nuances e, mais especificamente, uma entrevista concedida ao periódico, para pensar questões relativas ao discurso e ao universo LGBTTI+. Nascido do *Nuances: grupo pela livre expressão sexual*, uma Organização Não Governamental (ONG) situada em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, o periódico

possui como propósito a defesa dos direitos humanos da comunidade LGBTTI+, com publicações de periodicidade irregular que datam de 1998, sendo a última em agosto de 2019. Fato curioso sobre o Jornal do Nuances é que seu nome não é mencionado ou é mencionado raras vezes nas bibliografias sobre mídia alternativa LGBTTI+. Uma vez fora dos grandes monopólios culturais do Rio de Janeiro e São Paulo, periódicos menores, com pouco alcance midiático, não são muito estudados pela academia, o que ressalta meu desejo de proporcionar um pouco mais de visibilidade para o que vem sendo produzido na cena alternativa LGBTTI+.

As condições de produção e surgimento do jornal envolvem, ainda na década de 90, a epidemia de Aids e o preconceito em decorrência da infecção pelo HIV. Nesse contexto de síndrome, de acordo com Facchini (2007), o Movimento Homossexual Brasileiro (MHB), formado por militantes de diversas áreas, lutou, junto ao Estado, pelo subsídio de projetos de comunicação, como o grupo Nuances, que focassem na prevenção à doença. Nesse cenário, surgem, então, periódicos que transmitiam informações sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). É nesse momento que o Nuances, “propagador das liberdades sexuais”, como se autodefine, obtém financiamento do Ministério da Saúde para realizar as suas atividades, tratando de assuntos que interessam a esse grupo social.

Suas condições de produção envolvem, ainda, o fato de que é um jornal gerado e pensado na esfera do Movimento Homossexual Brasileiro, em particular, na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Ao passo que existe em função dos desafios desse movimento, o jornal (e o discurso) é, de igual modo, afetado por esses desafios. Como o jornal se posiciona em relação aos outros modelos de imprensa e o que ele objetiva fazer dentro desta conjuntura política e social precisa ser pensado como resultado das relações que se estabelecem entre ele próprio, seus leitores, o Movimento Homossexual Gaúcho, os outros movimentos sociais (feministas, antirracistas e antifascistas, por exemplo) e o Estado. O texto do jornal, que exige uma análise discursiva, e os discursos ali produzidos e reproduzidos são resultado de conjuntos de complexas relações e de processos ambíguos, contraditórios, constituindo os efeitos de sentido e sendo constituídos por eles.

Todavia, segundo Barroso (2007, p. 12), este jornal “não é nem pretende ser um jornal da imprensa convencional”, ligado a uma empresa privada de comunicação que vende a notícia e a informação como mercadorias. Pelo contrário, o Jornal do Nuances atualiza o modelo de imprensa de opinião ou, como no caso em específico,

o modelo de imprensa alternativa militante. Seus objetivos convergem com o que hoje entendemos por militância, cujos desdobramentos políticos concorrem para a melhoria da qualidade de vida da comunidade LGBTTI+.

Dito isso, sobre como está estruturada a dissertação, nos capítulos que se seguem, discorreremos sobre questões que se apresentaram diante de nós, exigindo análise. Tomo posição no texto em primeira pessoa do plural.

No primeiro capítulo, elaboramos uma discussão a respeito do grito de resistência como algo anterior à linguagem articulada, pensando de que forma isso que está no interstício pode nos ajudar a compreender o entrelugar da transexualidade no universo do discurso.

No segundo capítulo, apresentamos análise sobre como os sentidos acerca da transexualidade e do corpo podem entrar em disputa, com a historicidade intervindo no dizer e o interdiscurso atuando como pré-construído.

Na terceira parte, analisamos quais efeitos de sentido a palavra “redesignação” pode assumir ao considerarmos como as designações podem orientar o sentido. Neste momento, questionamo-nos por que ao corpo errante do sujeito trans não é dada a possibilidade de imprecisão, exigindo-se dele uma classificação e uma ordenação para que seja compreendido pela ótica da cisheterossexualidade.

No capítulo quatro, abordamos a noção de sujeito na Análise de Discurso, considerando a influência da psicanálise na elaboração dessa categoria conceitual para pensar a transexualidade a partir da identificação como um processo contínuo e vivo, distante de uma estabilidade evidente que o conceito fechado de identidade imporia ao sujeito. Como a transexualidade não é completamente determinada pelos significantes homem e mulher, e não é subsidiária a eles, levantamos questões sobre o trabalho de significação realizado pelo sujeito, uma vez que os significantes parecem não alcançar a transexualidade enquanto subjetivação.

Na parte cinco, refletimos sobre os embates e os conflitos em torno da transexualidade, ao analisarmos como formulações do tipo “nem homem, nem mulher” podem ser examinadas na Análise do Discurso e na psicanálise, com o sujeito incompleto e clivado que não encontra lugar próprio na significação. Nesse momento do trabalho, observamos como o significante é vazio de um significado-todo, o que equivale a dizer que ele está em aberto ao que pode vir a ser e ao que pode vir a significar.

Ao final, sob a forma de um epílogo, comento, em primeira pessoa, agora, – assim como no prólogo em que apresento questões subjetivas que nortearam a escrita – a especificidade do trabalho com AD, pelo efeito-fechamento que se impôs. Nessa etapa final, retomo o que foi discutido ao longo da dissertação sobre o sujeito do discurso não evidente, sobre a mulher que não existe em sua totalidade e sobre o corpo que não pode funcionar em sua completude. Nesta etapa, ainda, retomo o *Jornal do Nuances* como “propagador das liberdades sexuais”, ao mobilizar tantos sentidos, dentre eles a entrevista com Nicole, mulher transexual que, na sua subjetivação, não se conforma com o ideal feminino dominante, em um cenário tradicionalista como é a formação social gaúcha.

1. Gritos que incomodam: podem eles ser domados pelo extermínio?

Os tempos têm sido de batalhas. Faz seis anos que estamos caminhando, buscando um rumo entre uma sociedade que por vezes tenta nos fazer cegos, surdos ou desprovidos de qualquer sentido. [...] A fome e a sede não são obstáculos capazes de nos parar; nem mesmo nos atrasa o medo de quem nos vê quando pensava que fôssemos invisíveis. Queremos dizer para o mundo que existimos e estamos munidos com uma arma poderosa: o *berro*. Dando continuidade em nossa jornada, a partir de agora contamos com um incremento de munição – nosso *grito* vai alcançar mais gente, outras fronteiras. O *Jornal do Nuances* é nossa mais recente forma de interlocução com a sociedade. (*Jornal do Nuances*, 1998, ed. 1, *grifos nossos*).

A pergunta que regula nosso gesto analítico é: como podem o grito e o berro ser compreendidos como materialidades significantes, vinculados a uma historicidade e, portanto, passíveis de serem incorporados a uma forma de discurso?

Discorreremos sobre essa questão ao analisar alguns trechos do *Jornal do Nuances* e elaborar outra pergunta: o que é o grito como *incremento de munição*? Para Oliveira (2014, p. 59), o som emitido com força pela voz humana é um signo que perpassa a animalidade, algo ainda informe, indefinido, selvagem. Nos movimentos sociais, é o corpo inteiro que grita, por meio da denúncia, da arte, das manifestações, dos gestos, das movimentações e dos deslocamentos manejados por aqueles envolvidos em prol de um ou mais objetivos em comum. Segundo Silva (2019), “o grito nem sempre é algo que irrompe em nossos pulmões e ativa nossas cordas vocais: antes, é algo com potência de desterritorializar e provocar abalos, mesmo que singelos, em estruturas hegemônicas”. O grito, como forma de resistência no *Jornal do Nuances*, coloca em ação os corpos e as vozes que trazem consigo o desejo por provocar fissuras, rasgos, aberturas nas hegemonias, indeterminando o sentido, isto é, criando para os LGBTTI+ outros mundos possíveis, constituindo outras formas de subjetivação que não aquelas normalizadas e normatizadas pelos saberes sobre gênero e pelas exigências dos códigos sociais.

Gritos são objetos de análise em diferentes campos do conhecimento, com diferentes interpretações. Na psicanálise, é o Real que se impõe na situação traumática; nas artes plásticas, a depender de como são observados, gritos podem ser a resposta como objeção à dominação e à opressão impelidas por alguém; nos

estudos em Análise do Discurso, gritos são analisados como sentença de morte, denúncia, medo (MODESTO, 2018). As perspectivas a seu respeito são muitas, e a complexidade inerente à sua própria significação é o que o torna ainda mais singular.

O berro como arma poderosa e o grito como incremento de munição trazem à tona alguns efeitos: ambos irrompem a loucura e a animalidade, adquirindo outra potência e transformando-se em arma de guerra (DELEUZE e GUATTARI, 1995). Muitas vezes, para que pessoas LGBTTI+ possam existir em espaços de privilégio (e surge a questão: não é a formação social capitalista pensada para privilegiar heterossexuais, brancos e outras pessoas que seguem as normas?) não lhes resta outra opção senão gritar.

Grada Kilomba, em seu livro *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano* (2019), apresenta uma discussão que consideramos salutar para pensar noções como colonização e apagamento. A máscara do silenciamento utilizada em negros escravizados não servia apenas como um aparelho que impedia a alimentação. Ela representava, também, políticas desumanas de conquista e poder empenhadas pelo Outro.

Por isso, a máscara levanta tantas perguntas: Quem pode falar? Quem não pode? E acima de tudo, sobre o que podemos falar? Por que a boca do sujeito Negro tem que ser calada? Por que ela, ele, ou eles/elas têm de ser silenciados/as? O que o sujeito Negro poderia dizer se a sua boca não estivesse tampada? E o que é que o sujeito branco teria que ouvir? (KILOMBA, 2016, p. 2).

A imagem, não reproduzida aqui³, suscita algumas impressões que podem ser sustentadas por intermédio da análise. A boca, órgão, parte fundamental em relações de intersubjetividade, é somente um fragmento de uma totalidade que compõe o que compreendemos como corpo. É através dela que nos alimentamos e por meio dela que nos comunicamos e compartilhamos, salvo exceções como a linguagem de sinais ou a própria comunicação escrita. Para fins de exemplificação e tomando a perspectiva de que nos tornamos mais humanos quando compartilhamos – e nos significamos – com outras pessoas, o ato de silenciar seria, assim, essencial para a manutenção e contínua retificação de um modelo colonial de opressão. Uma vez

³ Optamos por não reproduzir a imagem da máscara por não fazer parte do escopo deste trabalho. Fazemos menção a ela apenas como exercício para pensar o silenciamento e o abafamento dos gritos.

impossibilitada de falar – e de gritar – a pessoa sucumbe ao extermínio, torna-se presa fácil, cujas forças e possibilidades de reação ao aniquilamento foram tomadas de si.

Mas os mecanismos de controle, com suas respectivas metodologias de opressão e assujeitamento são tradicionalmente atualizados de tempos em tempos, em uma velocidade quase impossível de ser acompanhada. Em épocas contemporâneas, a máscara do silenciamento converte-se em diagnósticos de transtorno e doença psicológica para pessoas transexuais⁴, em expulsão de LGBTTI+ das casas dos pais, em violência policial contra travestis. Tais dispositivos de opressão, por vezes tão sorrateiros e criados nos terrenos de uma organização social cisheteronormativa, representam modelos de saber violentos sobre os corpos desses que gritam. Não obstante, muito embora a resistência exista e aconteça em movimentos sociais e muito embora o grito apareça como arma poderosa, eles só se tornarão inteligíveis se estiverem nos moldes de uma superestrutura ideológica e dominante. Metáforas, mas os significantes *arma* e *munição* aparecem deslizando, não colados a um sentido estático, estancados em uma única possibilidade de significação (guerra, crime, militarismo, regime ditatorial, violência, morte), mas produzindo efeitos outros, (re)discutidos e (re)simbolizados em uma condição de produção específica: é contexto de abertura política e luta por direitos. Trata-se de um convite, uma tomada de posição, uma chamada para que integrantes do movimento, e aliados à causa, alistem-se em um exército diferenciado, cuja batalha é pela vida. A ideologia, nesse sentido, com seus excessos de evidência, produz o efeito de que o sentido só pode ser um, ao estabelecer obviedades. A causa da luta LGBTTI+ resumir-se-ia, assim, a resistir à opressão? Como isso é operacionalizado no discurso? Retomando saberes e funcionamentos de uma ideologia dominante e resistindo “à sua maneira”, apropriando-se de estruturas sociais e discursivas já dadas para assim buscar subvertê-las?

É fundamental, para nós, expressar as ideias que viemos amadurecendo desde que nos conhecemos como gente. [...] Discutir as ideologias que permeiam e interferem diretamente em nossas vidas. Fazer uso de uma linguagem clara e direta para varrer qualquer

⁴ Ainda tratada por transexualismo, a transexualidade foi, até a 4ª edição do DSM – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, como parafilia, perante o termo “Transtornos sexuais e de identidade de gênero”, e recebendo código no CID – Código Internacional de Doenças.

das formas de preconceito e propor outros entendimentos do que é tido hoje como “normal”. (Jornal do Nuances, 1998, ed. 1, p. 02).

“Fazer uso de uma linguagem clara e direta”. O trecho, que faz parte ainda do editorial de número um, ampara a interpretação de que o sujeito e a língua não estão abertos ao equívoco, à falha constituinte, produtora também de significações e deslocamentos. Todavia, segundo Leandro-Ferreira (2010, p. 21), “a língua da AD admite a falta, o furo, a falha; não trabalha com uma noção de estrutura fechada e homogênea”.

O sujeito dono de seu próprio dizer, assim posto, evoca aqui questões de ordem discursiva: em AD, o sujeito é resultado de complexas relações entre ele próprio, a linguagem e a história. Isso demanda pensar que se a historicidade atravessa a própria língua, não poderia ser o sujeito de linguagem nem totalmente livre, autônomo, independente, nem totalmente determinado por processos que são exteriores a ele. Assim, na ilusão da autenticidade de seu dizer, interpelado a compreender que os discursos produzidos por si são originais, esquece-se de que no próprio processo enunciativo, ao dizer “para varrer qualquer das formas de preconceito e propor outros entendimentos do que hoje é tido como normal” e que para isso é necessário uma “linguagem clara e direta”, o que está em funcionamento é o processo ideológico dominante. Isto é, para que determinados resultados sejam alcançados (o fim do preconceito, a resignificação do normal), é preciso, antes, verificar quais os meios para isso. A ideologia está determinando, no seio do movimento social, que não pode haver falhas no discurso. É preciso ser cada vez mais objetivo e cada vez menos subjetivo, sem espaços para a ambiguidade.

Os gritos, por sua vez, não são uníssonos porque não são gritados por pessoas que desejam as mesmas coisas. São plurais, abstratos e heterogêneos, marcados pelas singularidades que atravessam de formas distintas aqueles/aquelas que estão gritando: a mulher, o negro, a travesti, o homossexual, o bissexual, o indígena, o imigrante. Dentro dos movimentos sociais, como é o caso do Jornal do Nuances, enquanto produto de um movimento, as divergências (ou as falhas constitutivas, os desvios...) produzem sentidos para a luta, delineando outra posição-sujeito. Isto é, o modo como a resistência vem sendo operacionalizada, e em que moldes ela acontece, pode ou não reafirmar ou subverter sentidos da ideologia dominante, em um

deslocamento que aparece de forma espelhada. Isto é, o discurso nuanceiro⁵, no empenho político e militante de suas práticas e no questionamento que evoca a respeito de questões sociais que envolvem a comunidade LGBTTI+, por vezes traz os rastros da ideologia dominante como marcas discursivas que não puderam ser abandonadas.

Desviando de um caminho em que ao grito pertenceria uma característica transgressora, em edição de nº 28 do Jornal do Nuances, em 2006, traz-se um artigo de Denilson Lopes, intitulado “Por uma nova visibilidade”, o qual reproduzo, em partes, para que possamos pensar silêncio e grito como conceitos que, por estarem no limiar da linguagem, complementam-se, apresentando diferentes movimentações empreendidas pela pessoa LGBTTI+ em sua posição de objeção e antagonismo à classe dominante.

Agora, o silêncio não significa mais morte, como militantes diziam no passado. *Clamar* por uma nova invisibilidade não significa auto-repressão, voltar a um momento anterior a uma política de identidades necessária e eficiente na conquista de direitos, mas pensar para além, para o futuro. Trata-se de buscar menos confronto e mais sutileza diante do crescente uso conservador das políticas de representação por movimentos religiosos e étnicos fundamentalistas, uma estratégia que privilegie e amplie o necessário diálogo com outros sujeitos na esfera pública. Onde é esperado um confronto, uma luta, mudar de posição. Onde é esperado o *grito*, baixar a voz. Como diz Nietzsche: “Que a minha única negação seja desviar o olhar. E tudo somado em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim!” E este sim é um ato de entrega, de desejo de pertencimento. (Jornal do Nuances, 2006, ed. 28, *grifos nossos*).

No que lhe diz respeito, o grito – seja de resistência e enfrentamento, seja de dor ou felicidade – em sua imprecisão de sentidos, rompe com categorizações linguísticas tradicionais, fazendo emergir, na cena discursiva em que acontece, aquilo que ele não imaginaria dizer. Os sentidos mobilizados pelo ato de gritar podem ser vários, mas nunca quaisquer sentidos. O binômio grito-berro evocado pelo editorial de apresentação, em relação com uma memória discursiva sobre homossexualidade, exige de nós um batimento, isto é, uma aproximação entre o ponto de encontro dessa memória com a homossexualidade atualmente, com aquilo que o Jornal do Nuances nos apresenta como “outros entendimentos do que hoje é tido como normal”, assim

⁵ É o discurso que se formula no Jornal do Nuances, com as condições de produção que o envolvem e o constituem.

dizendo, um novo efeito de sentido de homossexualidade, um gesto de interpretação realizado.

O grito e o berro do Jornal do Nuances sustentam uma atualização nas redes de sentido sobre homo e transexualidade, destituindo a classe de uma memória cujas significações transitam ainda pela estigmatização e impedindo-a de uma aceitação social plena. Por meio de linguagem subversiva e transgressora, tal como o pajubá⁶, dialeto criado pela comunidade LGBTTI+ oriundo de um período de ditadura e com origens no iorubá e nagô (grupos étnico-linguísticos africanos), a linguagem apropriada por homossexuais e travestis, como prática cultural e discursiva, busca subverter referenciais heteronormativos, tanto no tratamento cotidiano quanto em pautas sociopolíticas. O próprio berro supracitado, o *mona*, o *babado* possuem características linguística-discursivas singulares, e isso se materializa, por exemplo, na tonalidade e entonação da fala, associados à performatividade do corpo. As irenes – homossexuais de terceira idade – mencionadas nas páginas do Jornal do Nuances, são pronunciadas “ireeeeeenes”, como se fosse um grito.

O surgimento do Nuances como mídia alternativa em Porto Alegre foi, dentre tantas razões, uma manifestação política, pois se propunha a elencar alternativas a um estado de proibições imposto pelo regime militar. Os meios para isso: a linguagem. Trata-se de um jornal destinado à discussão de ideias, objetivando a elevação da autoestima homossexual e o estímulo e encorajamento a fazer parte dos trabalhos políticos, artísticos e culturais que, pouco a pouco, vinham sendo desenvolvidos no terreno do Movimento Homossexual Gaúcho. Para além de mero entretenimento, suas ambições extrapolam para outros níveis, buscando, na medida do possível, o afastamento de conceitos do capital, como o consumismo e o individualismo, valores esses difundidos em meios de comunicação, cujos objetivos estão alinhados aos do mercado.

Na contramão de outros jornais com a mesma proposta, o Jornal do Nuances é financiado por uma ONG que, de acordo com Barroso (2007), “possui recursos com fundos provenientes de projetos de financiamento firmados com o governo brasileiro e agências internacionais e distribuídos gratuitamente”. Até edições mais recentes, o jornal possuía anunciantes, mas seus recursos mais significativos eram provenientes

⁶ O dialeto pajubá se insere nas políticas de (re)existência ao promover o protagonismo, a autonomia e a emancipação da cultura da comunidade LGBTTI+. Por meio da resignificação discursiva, o pajubá atua na desconstrução de estereótipos construídos para o sujeito trans.

do Ministério da Saúde e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Desse modo, até certo ponto livre das coações ideológicas do mercado e do capital, suas preocupações estão longe de ser o lucro e a conquista de leitores de todos os tipos. A mão de obra, a energia e a força de trabalho são assim economizadas, podendo ser direcionadas para novas frentes de combate.

A recusa da comunidade LGBTTI+ em manter a atividade sexual na clandestinidade, como prática ilegítima e a recusa ao silêncio (surge o grito) são motores propulsores para o jornal, que apresenta as demandas de um grupo social (com subgrupos que o compõe em sua totalidade) formados por homossexuais, travestis e outras classes cujas condições podem ser delineadas pelo comportamento sexual divergente e avesso ao modelo dominante.

Se “os tempos têm sido de batalha”, tem se batalhado contra quem? Segundo Barroso (2007, p. 158):

O inimigo é ou *pode estar* na sociedade. Ele investe contra ‘nós’ através de, pelo menos, dois procedimentos. Primeiro, tentando anular ‘nossos’ sentidos, isto é, tentando impedir que percebamos suas práticas e suas ideologias de controle, dominação, anulação e normalização. Segundo, tentando ‘nos’ tornar invisíveis, isto é, negando-nos o direito à existência plena. Estes procedimentos justificam a opção reativa do grupo social sobre o qual ocorre o controle. A batalha está, portanto, declarada. ‘Somos’ atacados e ‘precisamos’ nos defender e também atacar. Compreendido o inimigo e seus investimentos violentos, é preciso definir a estratégia e as táticas de luta, e escolher ou criar as armas apropriadas. (BARROSO, 2007, p. 158).

É dessa maneira que, por dois motivos diferentes, o Jornal do Nuances se configura como uma arma eficaz ao que se propõe. Primeiro, porque o grito e o berro enquanto denúncias ficam registrados em suas páginas como renúncia e rejeição aos silenciamentos impostos, recusa à dominação e à normalização do discurso de ódio. Segundo, porque oportuniza a proliferação de novos gritos e berros, em uma busca por novos parceiros de luta, interlocutores simpáticos à causa da diversidade e à luta contra o preconceito.

A respeito dos dois procedimentos mencionados por Barroso (2007), trago para a cena de discussão Louis Althusser (1970). Em seu livro *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*, o autor propõe pensar que à própria prática ideológica convém

o papel de assegurar que grupos dominados continuem sendo dominados, assujeitados à ideologia dominante. Essas práticas de dominação estariam sendo, segundo o autor, manejadas de acordo com os interesses dos agentes da exploração e da repressão, e o próprio Estado seria assegurador da dominação de uma classe sobre a outra.

À prática política-discursiva do *Jornal do Nuances* caberia a reconstrução da memória e do imaginário social sobre as homossexualidades, por meio de práticas discursivas como o grito. Dirá Souza (2011, p. 96), em um outro trecho que consideramos essencial:

O que se sustenta como grito é o confronto de forças ligadas entre si por dominação e submetimento. O grito é o ato pelo qual dominador e dominado, em suas respectivas posições de discurso, colocam-se mutuamente em risco. O que pode o carrasco perante o grito de sua vítima denunciando o limite do que não pode mais calar? (SOUZA, 2011, p. 96).

O grito como sonoridade, gritado para fora do corpo pela comunidade LGBTTI+, estabelece fronteiras, deixando descobertas as posições discursivas de dominador e dominado. As metáforas de fome e sede em uma cena de campo de batalha, como é discursivizado o editorial de apresentação, põe em jogo um funcionamento de que há dois lados nessa luta, pois não se luta contra o vazio. Isto é, quem luta, luta contra algo/alguém ou por algo/alguém. Na sequência em questão, as posições discursivas de dominador e dominado mostram-se reciprocamente em risco, como relações de força e poder que estão em jogo, disputando sentidos. Tomo a pergunta do autor como um indicativo, apresentado por ele, de que há, portanto, divisões e tensões entre aquele que está acusando e aquele que está sendo acusado; parafraseando, entre aquele que grita e aquele que impõe o silenciamento.

Os posicionamentos combativos do *Jornal do Nuances* apresentam indicativos de seus propósitos sociais com relação à luta por um mundo mais justo. O *grito* e o *berro* trazem para a cena do discurso aquilo que é polissêmico e que, por ser polissêmico, é difícil de ser subjugado. A polissemia do grito estabelece a não fixação do sentido, ao se movimentar em diferentes direções. O grito dos oprimidos, ao atuar no limiar da linguagem (Souza, 2011), é resistência, sofrimento, denúncia (MODESTO, 2018). Quando apenas o Estado pode gritar, exterminando simbólica ou corporalmente aqueles cidadãos que desejam ser ouvidos, torna-se necessário que o

grito apareça, que surja como agente responsável por uma ruptura na ordem dominante, uma fresta que se abre no impossível. Se falar não resulta em ser ouvido, é preciso que se grite, que se berre, que se tome a palavra, o discurso. É o lugar que o Jornal do Nuances ocupa enquanto ferramenta que atende aos objetivos de uma luta social.

Resistir (ou gritar?), pouco tempo depois de uma ditadura hétero-militar (QUINALHA, 2018), impõe compreender como regimes militares autoritários conseguiram dificultar, quando não encerrar, a vida de homossexuais, lésbicas, travestis e transexuais, ao expulsá-los de lugares de convivência e sociabilidade, como bares, boates e bairros reconhecidamente LGBTTI+. O esforço e o empreendimento por uma mídia gay decorreria, justamente, dentre tantos outros motivos, da necessidade de ir em busca de seus semelhantes, para construir refúgio e reunir integrantes para uma luta contra um sistema que os considerava e os tratava judicialmente como inimigos.

A imprensa gay brasileira nasce no entremeio entre intensas movimentações políticas e fortes mudanças sociais, em um período conhecido como os anos de chumbo. Ainda que em 1998 – data da edição nº. 1 do Jornal do Nuances – a censura e o controle sobre a imprensa tenham sido previamente superados, os efeitos da repressão e do medo até este momento poderiam ser observados no próprio funcionamento discursivo, como construtos simbólicos produzidos dentro da formação ideológica do capital. A mídia, o jornalismo e outros meios de comunicação em massa contribuíram para que significantes como *bicha*, *veado*, *sapatão*, *baitola*, *vira-casaca*, *traveco* – designações linguísticas com relações semânticas muito próximas – fossem historicamente empregados como referência à pessoa LGBTTI+, desenvolvendo significações mais comprometedoras durante o regime ditatorial brasileiro por atrelarem-se ao discurso judaico-cristão e ao médico-científico. O deslocamento de sentido operacionalizado pelo movimento LGBTTI+, no entanto, coloca-nos em confronto com esses significantes que não estão, de modo algum, atados a um significado apenas, mas que, contrariamente, estão abertos ao “possível da significação” (MODESTO, 2018), daí a possibilidade de movimento entre os significados e os significantes, isto é, a própria polissemia, a incompletude da língua.

Nesse sentido, quais as implicações desses discursos, uma vez que, segundo Pêcheux (1975), o sentido de uma palavra não existe nele mesmo, “em uma relação transparente com a literalidade”, mas é definido pelo jogo entre as formações

ideológicas e discursivas, no processo histórico-semântico? E o que está sendo gritado no Jornal do Nuances quando o sujeito assume posições diferentes no universo do discurso?

Durante o regime ditatorial brasileiro e até mesmo após o seu término, em 1985, período que precede em seis anos o surgimento do grupo Nuances, os gritos empreendidos pelos aparatos do Estado contra os LGBTTI+ eram de acusação, sentença de morte e envergonhamento, diferentes dos gritos dos oprimidos, cujos funcionamentos eram contrários, “abismos onde o silêncio se aloja” (Lacan, 1964-1965, p. 217). Com essa expressão, Lacan acreditava que a linguagem era limitada em sua capacidade de expressar aquilo que se encontra submerso no inconsciente. Nesse sentido, nem mesmo as palavras da pessoa LGBTTI+ dariam conta de dizer ou denunciar o que ficou preso na garganta. Pensamos o grito a partir da interpretação de que ele é anterior à própria linguagem, atuando no limiar. Desse modo, como a própria linguagem falha, o grito age na tentativa de expor o que não se traduz em palavras.

Cabia ao Estado e aos seus Aparelhos Ideológicos abafar os gritos dos oprimidos, transformando-os em sussurros, barulhos simplesmente incapazes de produzir qualquer efeito contra aquilo que os dominava. Mas aparelhos falham e a comunidade LGBTTI+ grita, do passado ao presente, ressignificando, produzindo novos sentidos, criando furos em barreiras e frestas em lugares de poder.

Da citação que encabeça este capítulo, vale chamar a atenção para dois pontos importantes. Em primeiro lugar, há um grito que está *entre* o corpo e a linguagem, no interstício, no limiar daquilo que compreendemos como dizível, compreensível à escuta e ao olhar. É o *berro* – como aquele do bebê recém-nascido, um ser infante que, na raiz etimológica, é aquele que não fala, que não é dotado das relações do discurso e da língua (NODARI, 2022, p. 263). É o movimento de inserção no complexo universo da linguagem – o grito daquele que, na inconsciência de seu ser, precisa ser ouvido. Em segundo lugar, os significantes *fome* e *sede* como metáforas, cujos significados estão em aberto, a considerar as condições de produção em que estão sendo empregados. “A fome e a sede não são obstáculos capazes de nos parar”, mas propulsores, depreende-se, motivadores que instigam quem está na luta a não parar de lutar.

O desejo e o pior (NODARI, 2022, p. 260) e suas ordenações e convocações a conhecê-los. O pior, “que não é tão sutilmente mascarado” e tampouco “algo do qual conseguimos nos livrar facilmente” faz força e rompe as barreiras do recalque.

Quando isso ocorre, fica impossível tapar os ouvidos. Um grito é sempre um sinal de que algo acordou, mesmo que esse algo não seja mais tão civilizado ou tão simbolizável quanto gostaríamos, mesmo que esse algo seja animalesco e nos devore. [...] O grito confunde-se com um choro, e assume muitas vezes a modalidade de sofrimento que escolhemos para mostrar aquilo que foge ao controle das paixões, a errância. Tivemos um jeito muito particular de fazer essa escolha: combinamos, enquanto grupo de humanos, que chorar seria tolerável e gritar, abominável. Talvez, porque o grito nos recordaria de um estado anterior à linguagem articulada, mais próximo do comportamento animal e, por esses motivos, proibido. (NODARI, 2022, p. 261-262).

Como arma poderosa, o berro pode desempenhar sentido de luta, de posicionar-se, colocar-se contra alguma opressão. A depender das condições de seu uso, o berro pode significar uma reação engraçada e inesperada a alguma situação de espanto ou admiração. Mas, o que seria o berro, senão também a tentativa de colocar em palavras aquilo que não é do domínio das palavras, em uma procura incessante – desejo – de atribuir sentido às coisas, nesse caso, às lutas sociais? O berro, assim como o desejo, estaria em um deslizamento constante, atravessando o simbólico.

Gritar (lutar?) requer, assim, fôlego, e um bebê já saberia disso, ao efetuar as trocas gasosas que o ajudam a compreender o que é do interior e o que é do exterior, bem como o que é ele e o que é o outro.

Requer preparação e treino, e é por vezes a última estratégia, após o fracasso, após tentativas malsucedidas. Diante disso, o grito nuanceiro é parte de um movimento social e carece que analisemos como é possível, no discurso e pelo imaginário, que um movimento atribua a si mesmo uma posição de resistência, de contra o poder e, ao resistir em suas práticas, acabe por reproduzir a própria dominação ideológica, com o discurso do outro retornando como parâmetro discursivo e apontando como a ideologia dominante alcança, rege e deixa frutos na própria resistência a ela, de modo que, muitas vezes, a resistência acaba se constituindo como um lugar esperado pela própria dominação.

2. O corpo *trans* e a formação social capitalista: sentidos em disputa

De acordo com Pêcheux (2014 [1969], p. 78), as condições de produção de um discurso estão diretamente relacionadas à formação social e às circunstâncias em que esse discurso é (re)produzido. Assim, conforme pontua Orlandi (2017, p. 17):

As condições de produção incluem pois os sujeitos e a situação. A situação, por sua vez, pode ser pensada em seu sentido estrito e em sentido lato. Em sentido estrito ela compreende as circunstâncias da enunciação, o aqui e o agora do dizer, o contexto imediato. No sentido lato, a situação compreende o contexto sócio-histórico, ideológico, mais amplo. Se separamos contexto imediato e contexto em sentido amplo é para fins de explicação, na prática não podemos dissociar um do outro, ou seja, em toda situação de linguagem esses contextos funcionam conjuntamente. (ORLANDI, 2017, p. 17).

Por essa razão, preconizamos a noção de condições de produção como importante elemento para a Análise de Discurso, dada a sua substancial relação com a linguagem, que fará com que o sentido comece a ser concebido como efeito, gerado pelas relações entre o que é próprio ao interior do sistema linguístico e o que vem da exterioridade (o contexto). Desta forma, compreender o discurso como efeito de sentido, nas palavras de Pêcheux (1969), é compreendê-lo como “o lugar de contato entre a língua e a ideologia”, distanciando-se da ideia positivista de que os conceitos são estáveis e atentando-se para o fato de que os discursos nunca são individuais e só podem ser analisados levando em consideração o contexto histórico e social em que são produzidos, constituindo um determinado ponto de vista. Isso acontece devido às reflexões teóricas e linguísticas empreendidas para que a História e o Sujeito fossem olhados como elementos fundamentais no processo de construção de sentidos.

A História, no entanto, como campo de estudo, ou como aquilo que conhecemos por conjunto de acontecimentos, é abordada de forma distinta na teoria discursiva de Michel Pêcheux. Passamos a pensá-la como produção de sentidos e não como sucessão de fatos cronologicamente contados, explicados pelo tempo. Na teoria da Análise de Discurso, a historicidade intervém no dizer, reivindicando sentidos e sustentando discursividades que são capazes de estruturar o corpo, organizando-o

enquanto máquina e mercadoria – nos termos do capital – mas também enquanto lugar de metáforas e possibilidades.

E quando o corpo reivindica para si sentidos que reclamam? E quando o próprio corpo é tomado como lugar de resistência e arte, tomando para si e em si experimentações que não condizem com o esperado?

É o que acontece quando, em entrevista concedida⁷ ao *Jornal do Nuances* para a edição comemorativa de nº. 6 de 28 de junho de 1998, Nicole reflete sobre suas experiências enquanto mulher transexual que vive em Porto Alegre - RS, retomando, em seu discurso, saberes da ideologia dominante, mas, ainda assim, refutando-os de dentro da própria ideologia.

A entrevista, tomada por nós como objeto de análise, se desdobrará, daqui em diante, em algumas considerações sobre corpo, discurso, sujeito, língua, inconsciente e ideologia como conceitos que foram conclamados e mobilizados durante o empreendimento analítico. A partir desse momento, o leitor perceberá um deslocamento, afinal, deixamos de lado, por ora, a discussão a respeito do *Jornal do Nuances* e seu papel social para o Movimento Homossexual Brasileiro e, em especial, para o que chamamos de Movimento Homossexual Gaúcho – MHG. O jornal é, desse modo, e em nome de sua importância, um espaço político-militante que possibilita a entrevista com Nicole em um cenário tradicionalista como a organização política, social e religiosa gaúcha.

Ao dar voz a uma mulher transexual que transita entre gêneros e que se coloca em posição de conflito com os significantes homem e mulher, o *Jornal do Nuances* atua, também, como denunciador daquilo que pretende superar (o machismo, a intolerância, a homo/transfobia). Consideramos a questão da resistência como ponto importante aqui, pois ela será operacionalizada em suas contradições e retomadas de discursos dominantes. O sujeito, assim, vai se constituindo e se significando sob os moldes do Outro, ou é capaz de irromper em novas discursividades?

Aquilo que Pêcheux (2014, p. 73) irá chamar de “conjunto de mecanismos formais que produzem um discurso de tipo dado em circunstâncias dadas” é abordado durante as análises pela forma como a historicidade e o inconsciente intervêm no dizer de Nicole. Sobre isso, separamos excertos da entrevista, como Sequências

⁷ A entrevista completa consta em anexo ao final deste trabalho.

Discursivas (SDs) em análise, para observar como é o funcionamento do discurso, e como a pessoa transexual se move nesse universo.

SD1⁸ - Nicole, uma mulher de verdade

Lavar, passar, cozinhar, ser mãe, ser mulher, profissional e dona de casa. Dividir o tempo entre os cuidados com a família e o trabalho. Essas são obrigações e dilemas comuns no cotidiano de todas as mulheres. E Nicole, 36 anos, capricorniana, carioca, com uma filha de 6 anos, não foge à regra. [...] Nossa entrevistada é uma mulher sensível, calma e que conhece como poucos os universos masculino e feminino. Mas ela fez mais que conhecê-los. Fez sua opção. E a melhor notícia: é feliz com ela.

Na SD acima, alguns elementos no começo da entrevista aparecem em ordem de justaposição, construindo discursividades sobre o corpo e seus modos de comportamento e, seguidamente, apontando para alguns efeitos, tais como: lavar-passar-cozinhar-ser mãe-ser profissional-dona de casa. É possível dizer que essas expressões apresentam-se como um pré-construído e direcionam o olhar do entrevistador sobre Nicole enquanto mulher transexual. Como mulher, e para ser efetiva e fundamentalmente uma “mulher de verdade”, é preciso que a entrevistada siga a cartilha ideológica burguesa da heterossexualidade enquanto matriz que concede inteligibilidade aos corpos, tornando-os tangíveis por assim dizer, capazes de funcionar dentro e a partir de uma lógica disjuntiva fundante. O sintagma “são obrigações e dilemas comuns no cotidiano de **todas as mulheres**” apresenta-se como o óbvio que está sendo afirmado, a partir de uma construção como se fosse um saber da ordem do indiscutível.

Ainda, o uso da anáfora “essas” funciona aqui como processo linguístico que possibilita a retomada e a repetição. Pelo modo como se apresentam, “lavar, passar, cozinhar, ser mãe, ser mulher, profissional e dona de casa” não são simplesmente palavras desconexas, mas um todo complexo imbuído de significação. Para que a anáfora seja adequadamente interpretada na ordem do discurso, faz-se necessário comentar sobre elementos que não se encontram presencialmente marcados na

⁸ As análises das Sequências Discursivas não acontecem de acordo com a ordem da entrevista por entendermos que a dinâmica de construção do texto e o processo de leitura poderiam ser prejudicados. Assim, aparecem os recortes mais importantes ou aqueles que mobilizaram mais de nós durante nosso empreendimento analítico.

superfície textual. Isto é, de que mulher se está falando? Em que condições de produção esse discurso pode ser formulado?

Na SD, os saberes dominantes sobre gênero e feminilidade funcionam para Nicole e para o Jornal do Nuances, nas posições de entrevistada e entrevistador, respectivamente, como atestadores para a condição de mulher que o sujeito deseja ocupar.

Pêcheux e Fuchs (2014 p. 168) afirmam que:

o sentido de uma sequência só é materialmente concebível na medida em que se concebe esta sequência como pertencente necessariamente a esta ou aquela formação discursiva (o que explica, de passagem, que ela possa ter vários sentidos). É este fato de toda sequência pertencer necessariamente a uma formação discursiva para que seja “dotada de sentido” que se acha recalcado para o (ou pelo?) sujeito e recoberto por este último, pela ilusão de estar na fonte do sentido, *sob a forma da retomada pelo sujeito de um sentido universal preexistente*. (PÊCHEUX; FUCHS, 2014, p. 168, *grifos nossos*).

A respeito do pré-construído, é possível iniciar uma discussão sobre interdiscurso. Pêcheux (1975 [2004], p. 149) o compreende como “o todo complexo com dominante das formações discursivas”, isto é, os sentidos e os saberes que uma determinada FD podem prover são subordinados ao próprio interdiscurso, que impõe materialmente o encadeamento, as conexões e as articulações como efeitos, de tal maneira que os discursos apresentam-se como já-ditos ou, pura e simplesmente, como significados cristalizados.

O sintagma “é uma mulher sensível, calma” como elemento insculpido no interdiscurso, vai se linearizando no fio do discurso (ou intradiscurso), como se, naturalmente, sempre estivesse ali, funcionando como efeito de adaptação, apropriado, posteriormente, por Nicole no decorrer da entrevista. Esse funcionamento vai se repetindo como regularidade em SD2 e SD3, adiante, quando Nicole repete saberes normativos sobre gênero.

As repetições enunciadas por Nicole acerca das normas de gênero funcionam como um tipo de subversão discursiva, cujo funcionamento seria a sua própria inserção no universo da feminilidade. Ainda que interpelada ideologicamente, Nicole, na condição de mulher transexual, reclama sentidos sobre seu corpo na sua fala. Isto é, ainda que em seu discurso repita sentidos hegemônicos exercidos, preponderantemente, pela ideologia do patriarcado e da heterossexualidade como

bases nas quais nossa formação social estaria estruturada, Nicole os repele, pois trata-se de alguém que conhece e está inserido em dois ou, até mesmo, três universos distintos, o da feminilidade, o da masculinidade e o da transexualidade, questionando-se, portanto, a ordem dos gêneros e a relevância dos contratos sexuais e sociais.

SD2:

Nuances: *Ser mulher é uma opção ou não existe essa escolha, é algo compulsivo?*

Nicole: *O feminino sempre esteve dentro. Ser contra os homens, contra a exploração da minha mãe pelo meu pai, que usava-a como empregada e também sexualmente, sem dar chance para ela retribuir afetivamente. **Eu sempre tive essa consciência do feminino, de achar terrível a relação de exploração da mulher pelo homem.***

Em SD2, Nicole discursiviza o feminino e o masculino como concepções que se constroem relacionalmente, em contínuas disputas de poder. O masculino, junto aos papéis de gênero, se mantém como discurso de referência o tempo todo, mas é o feminino de Nicole que protagoniza a cena.

O tópico classe social também apresenta-se como elemento fundamental, que orienta e organiza/constitui o discurso de Nicole acerca de sua localização na sociedade e no universo da linguagem. Inscrita em uma posição-sujeito desfavorecida econômica e socialmente, filha de mãe empregada, por sua relação estreita com as violências domésticas, Nicole associa as vivências das mulheres ao sofrimento do lar. Uma vez inserida no espaço da feminilidade, toma para si, imediatamente, as “dores e os amores” de ser mulher.

Ainda, devido ao trânsito que exerce entre esses universos, Nicole sustenta uma discursividade retroativa, isto é, ela faz uso de experimentações vivenciadas em seu passado para discursivizar, no momento presente da enunciação, como a sua própria feminilidade vai se construindo, mostrando em seu discurso como propriedades relacionais e anatômicas – a agressividade masculina, as genitálias, as marcas/traços de um corpo mais robusto ou mais delicado, a exploração da mulher pelo homem, por exemplo – podem ser índices para que se fale a respeito das diferenças existentes entre os gêneros. O discurso de Nicole nos apresenta alguns efeitos como discurso que está em constante construção e transformação, pois, enquanto busca problematizar sua relação com o universo masculino e feminino,

resgata saberes normativos a respeito daquilo que busca contestar, reproduzindo⁹ sentidos. Trata-se de um resgate realizado pela memória de sua infância, como significação sintomal que ressurgiu. Sua imagem, além disso, provoca interrogações para a sociedade: seu corpo e sua feminilidade são reconhecidos como legítimos?

SD3:

Nuances: *Mas então optaste por **ser mulher e te tornar a parte explorada?***

Nicole: *Não é bem isso. Eu tinha consciência de não ser homem. Por exemplo: naquela época, era comum ir para um bordel e eu ficava me perguntando como poderia fazer sexo sem sentir, sem beijar. Eu não conseguia fazer essa associação, comum para os homens. Depois me dei conta que **essa coisa de pagar para ter relação sexual, explorar e não se envolver sentimentalmente é coisa dos homens. Aí é que eu tive consciência de que eu era feminina.***

A SD3 parece sustentar aquilo que se conhece, nos estudos sobre gênero, como “sequências de atos performativos”. Para analisá-la, pensamos, juntamente com Butler (2018), como estes atos acabariam por produzir maneiras naturais de ser, com o feminino e o masculino – e os papéis e costumes que cabem a cada uma dessas categorias – sendo definidos por uma série de rituais ideológicos, gestos e modos que estilizam os corpos.

Para Nicole, a falta de sentimentos no ato sexual é característica do mundo masculino, ficando para a mulher a posição de quem deve se ocupar do afeto e do cuidado. Ela se identifica com um conjunto de saberes sobre gênero, isto é, a forma-sujeito de direito, produzido pelo modo de produção que sustenta a formação social capitalista, assumindo esses saberes como dominantes em seu discurso e reproduzindo-os simbolicamente em suas enunciações. Quando falamos acerca dos saberes sobre gênero, referimo-nos às práticas discursivas e sociais e aos saberes produzidos pela ideologia dominante, operacionalizados pelos Aparelhos Ideológicos de Estado. A mídia, a igreja, a própria escola enquanto instituições e a cultura (re)afirmam o *establishment*, funcionando como mantenedoras da ordem vigente e dificultando as rupturas que são capazes de surgir por intermédio das lutas e do

⁹ A respeito da reprodução operacionalizada pelo sujeito, na seção sobre identificação e sujeito elaboramos discussão a respeito, sob o viés psicanalítico, de modo a se problematizar que o movimento de reproduzir sentidos e padrões não é, simplesmente, repetição ou imitação, pois existe a relação com o inconsciente que modifica o eu. Sendo da ordem da encenação, o desejo vai atuar como agenciador das identificações.

trabalho intelectual de ativistas e movimentos sociais em busca de transformação. É sob essas condições de produção que o discurso sobre o corpo é formulado. Trata-se de um sujeito de direito, imbuído de obrigações civis e morais, as quais não deveriam escapar daquilo que, dentro da ideologia dominante, é formulado.

SD4:

Nuances: *Você foi criada como um menino?*

Nicole: *Sim, mas **eu sempre tive um corpo feminino, acinturado, pé 34.** Eu tinha gosto pelo feminino, mas havia aquela repressão da minha mãe escolher as roupas. Eu não podia me expressar conforme o meu gosto. Isso me causava isolamento e depressão, porque **eu não queria expressar as características do meu pai, porque eram sem sentimento.** Ele usava minha mãe, não gostava de criança. Aquela característica masculina eu achava muito ruim, enquanto que **a característica feminina eu gostava, mas também achava ruim:** eu me perguntava como a minha mãe podia servir a isso tudo. Então, **eu ficava assim: nem homem, nem mulher.** Mas aí eu consegui encarar e aceitar o meu lado masculino e comecei a criar coragem de definir que o meu corpo, a minha expressão de maior beleza, de maior agradabilidade, é feminina.*

A Família enquanto Aparelho Ideológico de Estado aparece aqui como reguladora dos sentidos ao desempenhar a função de reprodutora das relações de produção. Isto é, o seio familiar, na maioria das vezes ligado à religiosidade e a todos os preceitos formulados pela Igreja Católica, acaba por tecer, contínua e constantemente, modos de saber sobre os corpos. Althusser (1970) alertava-nos a respeito da proximidade existente entre os Aparelhos Igreja e Família, pois compreendia que, juntos, desempenhavam papéis importantes em prol de uma sociedade capitalista.

Sendo a primeira instituição com a qual o sujeito entra em contato, este AIE exerce demasiada influência nas relações de produção e reprodução social. A estrutura familiar, construída com base nas relações de poder desempenhadas pelos membros constituintes, impõe sentidos e determina atribuições. Ao pai de Nicole cabia a função de chefe da instituição, sendo ele a força máxima a ocupar um espaço de convívio entre os integrantes e à mãe um poder relativo sobre os filhos. À Nicole, por sua vez, caberia o papel de criança cujos gostos eram incondizentes com o que se esperava de uma família tradicional. Como poderia, afinal, um menino considerar seu próprio corpo feminino, com gosto pelo feminino, acinturado, com desejos por roupas do sexo oposto? Como Nicole ousaria, ainda, rechaçar os traços de seu pai, representante da virilidade? Tais relações aparecem em seu discurso como efeitos

importantes. É no embate com suas identificações, no movimento contraditório e de oposição “eu gostava, mas também achava ruim” que o sujeito vai se desconstruindo e se transformando, atravessado pela historicidade dos sentidos, cujos efeitos podem variar, a depender das condições de sua produção.

Condicionada à dominação, Nicole se viu dentro de uma instituição autoritária e opressora, assim como a própria formação social capitalista. Existia o desejo de ser uma mulher e existia a angústia de ser uma mulher. A “expressão de maior beleza, de maior agradabilidade” entrava em embate com o fato de não poder “servir a isso tudo” – isto é, à dominação. Mas, no embate, percebe que pode ser nem uma coisa, nem outra, indo na contramão dos sentidos estabilizados demonstrados pelos significantes “homem” e “mulher” por não ocupar um espaço conhecido/aceito/autorizado na formação social do capital. Nesse momento de sua enunciação, ao dizer “então, eu ficava assim: nem homem, nem mulher”, ela situa seu corpo em um entrelugar, cujo espaço e significações são ainda indefinidas, sendo escassos, inclusive, meios linguísticos eficientes e capazes de designar pessoas LGBTTI+ e fenômenos que fujam à regra, por estarem além dos sentidos permitidos pela Formação Ideológica corrente. Segundo (CASSANA, 2018, p. 121), “a angústia do não-pertencimento e o deslocamento identitário estão relacionados a um real do corpo que nunca será atingido”. A luta das pessoas trans na medicina e no jurídico constituem pautas que precisam ser abraçadas pela sociedade e pela política.

Determinado e desejante, o sujeito lacaniano sofre as afetações do simbólico nas imposições do inconsciente. Apresenta-se ao mundo a partir de seu semblante.

Segundo Stona (2018, p. 01) a respeito do conceito de semblante para a teoria psicanalítica, Lacan propõe que não pensemos sob a forma lógico-positivista:

mas que possamos articular o conceito de semblante, não submetido a uma verdade, como um *desencadeamento de verdade*, como artefato da estrutura do discurso, que vai proporcionar certa sustentação de como o sujeito articula sua subjetivação levando em conta a sua posição em relação ao Outro (seu gênero). (STONA, 2018, p. 01).

Fugindo de um reducionismo positivista de que semblante significaria fingimento, ou uma forma de se basear em um padrão preexistente de corpo/gênero, Lacan suscita o pensamento de que a *verdade do sujeito* é aquilo que irá sustentar seu semblante, de modo inseparáveis um do outro. O conceito de semblante

apresenta-se, assim, como um dispositivo importante para o processo subjetivo, pois permite que o sujeito articule a construção do seu gênero (STONA, 2018) a partir de escolhas inconscientes que o discurso possibilita. É o semblante, desse modo, que constrói a verdade do sujeito, como pode ser observado a seguir.

*Em SD2 – **Eu sempre tive** essa consciência do feminino.*

*Em SD3 – **Eu tinha** consciência de não ser homem; – **Eu ficava** me perguntando...; – **Eu não conseguia** fazer essa associação comum para os homens (relações sexuais sem sentimento); – **Eu tive** consciência de que eu era feminina.*

*Em SD4 – **Eu sempre tive** um corpo feminino, acinturado, pé 34; – **Eu tinha** gosto pelo feminino; – **Eu não podia** me expressar conforme o meu gosto; – *Aquela característica feminina **eu achava** muito ruim;* – **Eu ficava** assim: nem homem, nem mulher; – **Eu consegui** encarar e aceitar o meu lado masculino.*

Semblante é, por assim dizer, também discurso, uma forma de organizar aquilo que se apresenta como faltoso e falho ou, como no caso da transexualidade de Nicole, “impossível”. Assim, a forma como Nicole experimenta as exigências sociais passa pela construção de seu semblante a partir das marcas de sua subjetivação, com o excesso de querer ser e a falta de não poder ser.

Ainda de acordo com as considerações de Stona (2018, p. 02):

O semblante situa-se, justamente, na forma postiça, no teatro composto de construir uma aparência possível e suficiente para me relacionar com o outro, porém, impossível de finitude. Ele está na lógica daquilo que representa, mostrando-se como uma tentativa de conter o insuportável da não existência da verdade sobre o gênero e, posteriormente, da relação – ou, como Lacan enuncia, da não relação sexual. (STONA, 2018, p. 02).

A maneira segundo a qual o sujeito narra e vive a sua sexualidade e sua forma de identificação é capaz de conceituar uma transformação social ao redor da noção de gênero, porque se busca não reproduzir lugares discursivos comuns à norma. Obviamente, é um processo falho e a falha não é defeito do sujeito, mas algo que o constitui e o concebe em sua historicidade. Assim, está a pessoa LGBTTI+ imersa em um cenário profundamente marcado por disputas pelo poder, dado o embate que acontece entre a (re)produção de posições de gênero e sua contestação.

Existe ainda, em Lacan, segundo Ambra (2022, p. 195), um dos pontos mais fundamentais ao se falar sobre identificação sexuada: ela se refere à identificação do

sujeito ao grupo em vez do corpo e dos significantes. Nessa esteira da identificação a um grupo enquanto parte fundamental no contexto da sexualização, a pertença ou não a um grupo socialmente designado – masculino ou feminino – é capaz de provocar na pessoa LGBTTI+ sofrimento e incapacidade de lidar com isso dialeticamente, como o sujeito em interação constante com os seus opostos, que se contradizem e se complementam.

A inexistência de uma verdade a respeito dos significantes homem e mulher, a partir de uma afirmação psicanalítica, converge com o que buscamos elucidar a respeito do conceito de semblante, sobretudo sobre como o semblante enquanto “aparência de ser” irá organizar o seu gênero. O pensamento lacaniano é favorável para a compreensão de um outro status, o de que não existe uma verdade sobre o que é ser homem e o que é ser mulher, pois cada sujeito irá compor a sua própria significação a partir das marcas e dos vestígios de sua existência.

Do semblante, é possível, conforme Costa (2023, p. 154-155), uma aproximação com a ideia de posição-sujeito.

Uma aproximação possível com esse funcionamento (o semblante) é, notadamente, a ideia de posição-sujeito, que não existe a priori, mas que é fabricada pelo discurso e sustentada pelo sujeito, de maneira que o sujeito aparece como instância material superidentificada com determinada posição – existe uma cara, um semblante específico, que caracteriza um homem, por exemplo. Assim também ocorre com associações do tipo “tem jeito de professor”, “fala como político”, “age como uma estrela” etc. Assumir o semblante de uma dada posição no discurso significa identificar-se com a rede de sentidos que sustenta essa posição, reproduzindo uma série específica de condutas, dizeres e práticas. (COSTA, 2023, p. 154-155).

Pêcheux (1975), ao reivindicar a elaboração de uma concepção teórica que se insere na articulação – e no embate – com a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise, pontua que o sujeito em AD “é o sujeito do inconsciente estruturado na linguagem, das formações imaginárias, em cujo discurso surgem as condições de sua produção. A ideologia está materialmente relacionada ao inconsciente.”

Em condição de entrevista, o “eu” de Nicole significa, sobretudo, por sua relação com o outro para se reconhecer e se identificar. É, além disso, “projeção mental do corpo físico” (CÂMARA, 2010, p. 21) que passa por uma identificação imaginária de si no direcionamento da construção também imaginária de seu corpo.

SD5:

Nuances: *Como é o teu dia a dia de mulher?*

Nicole: *É uma vida de escrava. Tem sempre um monte de roupa para lavar. Minha filha está sempre sujando e eu atrás limpando. Como eu não faço aquela política de bater, estou sempre explicando. Depois eu tenho que sair para trabalhar, eu tenho que cuidar para que eu tenha um bom desenvolvimento emocional e afetivo com ela, que não se quebre esse **elo entre mãe e filha**. Ao mesmo tempo, eu preciso cuidar das coisas e trabalhar. É um sufoco!*

Dando prosseguimento à discussão sobre os AIEs enquanto grandes reguladores e controladores das classes subalternas, o sistema ou, aqui, a instituição Família atua como a responsável por manter as estruturas hierárquicas de poder. Em SD5, Nicole toma posse de suas atribuições enquanto mulher, isto é, do modo como essas atribuições são desenvolvidas no sistema social vigente, cujas bases ainda são as do patriarcado e da heterossexualidade. Já que se tornou mulher, é interpelada a assumir as tarefas cotidianas que condizem com a sua condição, social e discursivamente construída. Nesse contexto de uma sociedade que segue os meios do capital, é a mulher estereotipada como cuidadora, constituindo-se como o sujeito mais afligido dada a atribuição de responsabilização familiar.

Mas é curioso o movimento operado pelos Aparelhos Ideológicos, pois direcionam o sujeito em diferentes posições. Trabalhamos isso a partir da SD6, quando analisamos sua trajetória em busca pela troca de nome em seus documentos, o que se apresenta como reivindicação política para desmedicalizar a transexualidade e deixar em segundo plano a simetria que se espera entre corpo e gênero. Como bem pontua Ambra (2022, p. 460):

O nome talvez seja uma instância de reconhecimento ainda mais radical do que sua suposta materialidade corpórea. O sofrimento oriundo da vergonha e do desrespeito vividos por esse nível mais fundamental de não reconhecimento não é, bem entendido, um traço da “personalidade transexual”. Ele se refere, antes, ao caráter que a nomeação tem no interior de toda e qualquer estruturação subjetiva, mas que, por uma configuração social na qual determinadas figuras são abjetáveis, é vivido majoritariamente por transexuais. (AMBRA, 2022, p. 460).

O sofrimento da nomeação experimentado pela pessoa trans decorre, também, pela dupla identificação no Registro Civil – nome social mais o nome correspondente ao gênero atribuído no momento do nascimento. A falta de reconhecimento social de sua existência resulta, portanto, de uma configuração social que marginaliza a pessoa

transexual e que assume diferentes formas na prática discursiva: falta de acesso à saúde, à justiça, perda de emprego e de oportunidades educacionais.

Dessa forma, ao se dizer Nicole, ativa-se o sentido na enunciação porque se tornou mulher. No discurso jurídico, Próchno e Rocha (2011, p. 257) afirmam que a categoria “nome”, como “ferramenta que prevê a estabilidade para o exercício da capacidade civil” é colocada em questionamento quando se trata da multiplicidade de identificações de gênero, devido à complexa e múltipla variação subjetiva em relação ao que se compreende, hoje, por gênero. Assim, o direito ao nome como direito à integridade física e ao próprio corpo sofre ruídos na cena discursiva jurídica devido ao fato de não dar conta da desordem do corpo.

Tornar-se mulher, gênero fluido ou bicha é um movimento que dá unidade ao sujeito (AMBRA, 2022, p. 463), cujos traços tanto passam pelo corpo e pelo nome quanto o colocam como estrela e parte de uma constelação ou galáxia, tornando-o parte integrante de um todo mais complexo e que está, constantemente, em deslocamento. Todavia, seria possível dizer que a língua desampara o sujeito ao não abrigá-lo na ideologia dominante? Segundo nossas análises, o sujeito “vacila” em suas posições e, a partir de modalizações no discurso, desloca-se para diferentes lugares – dentre estes, o entrelugar – em uma busca constante pela realização completa do sentido e pela nomeação de algo que não pode ser nomeado, porque escapa, como o real do corpo que está em funcionamento.

3. Da (re)designação: quais sentidos suportam a palavra?

SD6:

Nuances: *Você pensa em se tornar uma **mulher de verdade**?*

Nicole: *Eu gostaria. Isso seria fundamental para que eu pudesse ter um **equilíbrio**. Quando eu preciso ir a um determinado lugar, como por exemplo um banco, onde eu ainda tenho um documento de homem, primeiro **eles me tratam super bem, porque veem uma moça com uma filha, toda delicada**. **Aí, quando eu mostro os documentos, vem toda uma carga de preconceito** e é isso que eu gostaria de eliminar. Nesta entrevista, eu quero me posicionar politicamente. **Eu não posso só ficar dentro de casa, cuidando da filha, porque ela está crescendo e eu tenho que ir para o mundo.***

Juridicamente, a autonomia da pessoa transexual em fazer, ou não, CRS – Cirurgias de Redesignação Sexual (procedimento de transgenitalização), nem sempre é respeitada. Trâmites legais e burocráticos para a troca de nome e readequação dos documentos podem se transformar em desafios, trazendo para a análise o tópico da indisponibilidade do direito ao próprio corpo, como aponta Zambrano (2003). Isto é, pautados e formulados no seio do discurso jurídico, os significantes *pessoa* e *transexualidade* só poderiam expressar sentidos estabelecidos pelo discurso padrão médico-científico, cujos referentes aparecem como binômios: masculino-feminino, homem com pênis - mulher com vagina, XX-XY. Essas designações funcionam como orientadoras do sentido, de tal modo que à pessoa transexual, com seu corpo *errante*, este que desconfia dos dispositivos de gênero e que se abre a novas formas de subjetivação, não seria dada a possibilidade de não entender-se nem como homem, nem como mulher, pois é preciso, no domínio da forma social capitalista, que o corpo seja definido, classificado, regularizado.

Para grande parte da população trans, a cirurgia de redesignação sexual não é, de maneira alguma, um critério ou um desejo. Não obstante, um dos pontos mais sensíveis às questões identitárias – tanto do ponto de vista dos processos de transição quanto daquele do reconhecimento e do sofrimento – é justamente o do nome social. Não à toa, as duas modalidades principais pelas quais são narrados episódios de transfobia referem-se ou ao corpo – em violência diretamente física – ou à impossibilidade de reconhecimento pelo uso de um nome ou de um endereçamento que reconheça o gênero ao qual a pessoa se identifica. (AMBRA, 2022, p. 459).

Como corpo que se molda por tecnologias de gênero, o transexual é levado a acreditar que sua identificação precisa, obrigatoriamente, estar ligada a alguma parte do seu corpo, que se (des)encaixa do restante. Mas como a própria CRS não é suficiente para garantir um lugar no gênero, o sujeito trans – sujeito do inconsciente – , sugere o limite dessas tecnologias para o processo de identificação, já que, por ser sujeito barrado (\$), a partir do encontro que realiza com a linguagem, adquire condição de efeito e de produção significativa, como aponta Ferreira-Lemos (2011, p. 102). Com as possibilidades de vir a ser no campo do político, está em autorização para questionar os imperativos que o circunscrevem.

Importante destacar a reivindicação de grupos trans e travestis no Brasil com relação ao direito de alteração de nome e sexo no registro civil, com destaque ao Projeto de Lei n. 5002/2013, popularmente conhecido como Lei João Nery, que garantiria essa prerrogativa. Ainda que em decisão demorada, o Supremo Tribunal Federal comprometeu-se a garantir os efeitos do Projeto, de autoria de Jean Wyllys, à época deputado federal pelo PSOL, e Erika Kokay (PT-DF).

Dois dos principais Aparelhos Ideológicos influem diretamente na vida de transexuais: a Medicina e o Jurídico. Governos antiprogressistas, como o de Jair Messias Bolsonaro, a título de exemplo, protagonizaram espaços de fortalecimento e emprego de práticas heteronormativas no campo das sexualidade – o enunciado *menino veste azul e menina veste rosa*, proferido por Damares Alves, à época ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, é rico de significações, pois possibilita-nos interpretar que o Aparelho Político está sendo usado para produzir sentidos sobre o sujeito LGBTTI+, tal como uma maquinaria discursiva capaz de engendrar sentidos.

O apagamento discursivo-político operacionalizado pelo Estado a respeito das pautas e políticas LGBTTI+ produz narrativas porque a língua, como um mecanismo composto por sujeito, significados e significantes, ao mesmo tempo em que é capaz de produzir resistência, é, também, capaz de produzir censura.

Orlandi (2007, p. 93), em seu livro *As Formas do Silêncio*, ao classificar dados que caracterizam a censura, pontua:

Minha proposta é compreender a censura enquanto fato de linguagem que se inscreve em uma política da palavra que separa a esfera pública e a esfera privada, produzindo efeitos de sentido pela clivagem

que a imposição de uma divisão entre sentidos permitidos e sentidos proibidos produz no sujeito. (ORLANDI, 2007, p. 93).

De que forma, portanto, reagiria a pessoa à imposição de sentidos sobre seu corpo, sua subjetividade e sexualidade? A recusa ao que o seu corpo poderia significar, ou a recusa a submeter-se a um significado produzido de forma impositiva ao seu corpo? Como uma ***mulher de verdade*** seria e qual seria o processo para tornar-se? A interpretação heterossexual de que existiriam apenas dois corpos e, estes, obrigatória e radicalmente opostos um ao outro, antagônicos *por natureza*, coloca a pessoa transexual em uma posição de busca pelo corpo correto. Isto implica dizer: ao corpo, tão imbuído de desejos e significações possíveis, caberia a adequação às normas, ao jurídico, ao direito.

Ao dizer “isso seria fundamental para que eu tivesse um equilíbrio” como resposta à pergunta “você pensa em se tornar uma mulher de verdade?”, o discurso de Nicole ampara uma leitura possível a respeito do processo de redesignação e troca de nome: sem um olhar para a historicidade desse corpo, que se (des)constrói discursivamente ao inscrever-se na história e ao sofrer indefinidos processos de interpelação, estaria apagando-se, aqui, métodos de poder que se articulam entre si para definir precisamente que a verdade incontestável do sujeito estaria em seu sexo. Por essa razão, a troca de sexo, inclusive em registros civis – já que a verdade do sujeito estaria relacionada à sua genitália – apresenta-se à Nicole como determinante para o lugar que deseja ocupar: o de mulher legitimada.

SD6: Eu não posso só ficar dentro de casa, cuidando da filha, porque ela está crescendo e eu tenho que ir para o mundo.

Neste excerto retirado da SD6, Nicole se contrapõe à perspectiva naturalista do que é ser mulher. Cuidar da filha e do lar parecem tarefas que precisam ser ultrapassadas. Sua filha já não mais ocupa lugar fálico e sua experiência no universo da maternidade já não a impede de *ir para o mundo* e tomar como posse outros atributos fálicos, como o trabalho ou as relações sociais extrafamiliares.

Nicole busca a desessencialização do feminino, como contraposto do homem viril e da mulher em toda a sua feminilidade. Ao fazer uso do que seria próprio à feminilidade, ela o faz, também, para se defender da feminilidade, como se não fosse apenas um jogo de máscaras, mas, além disso, uma relação que se exerce com a sua

própria mascarada. Isto é, no próprio jogo de máscaras da feminilidade, cria-se o desejo de desmascarar o que é próprio ao feminino, em uma tentativa sem fim de descobrir o que há por trás. E sua relação com seu semblante, por sua vez, implica o olhar do Outro sobre o seu corpo, o que carece compreender como Nicole se vê diante do mundo. O grande Outro, aqui, é o responsável pela percepção que temos sobre nossos corpos, uma vez que somos regulados e disciplinados sutil e violentamente.

A respeito da legitimação buscada por pessoas como Nicole, já existem Leis como a de número 14.382/2022, que permite que pessoas maiores de 18 anos possam alterar seu prenome e sobrenome independentemente do motivo. A Lei recém-aprovada modifica os artigos 56 e 57 de uma legislação que data de 1973, a Lei dos Registros Públicos, que, até antes de sua revogação, exigia justificativa para as mudanças e impunha restrições. Mas o olhar analítico para as Sequências Discursivas em apreço aqui requer de nós considerar as condições de produção em que foram produzidas. Por esse motivo, ao realizarmos nossas discussões, consideramos o batimento entre as épocas de publicações das edições do Jornal do Nuances e o momento atual de escrita e produção, observando, ainda, o movimento – de ordem ideológica – que insiste em criar sentidos apropriados/corretos para o corpo do sujeito transexual.

SD7:

Nuances: *Na tua cabeça já está decidido?*

Nicole: *Está, mas ao mesmo tempo eu penso assim: eu já estou com 36 anos, vão demorar 2 anos para ficar questionando se eu quero realmente me operar. Eu já avaliei muito e já sei o mundo terrível do feminino, de lavar, passar e já me decidi, quando eu for realizar a operação eu já vou estar com quase 40 anos e aí ninguém mais vai me querer. **O mais importante é conseguir alterar os documentos. Por isso que eu já decidi, se eu não conseguir mudar meus documentos, vou continuar na política e militar para acabar com este tipo de julgamentos de que toda pessoa que se veste de mulher é travesti e todo travesti se prostitui.** Eu busco hoje resolver o problema dos meus documentos, porque isso representa meu **passaporte para uma cidadania plena.** Quanto menos complicar com o social, mais fácil fica. A questão é: **se eu já sou uma mulher em todas as consequências, por que não posso usufruir dos seus direitos?** Se eu não descobrisse como é bom **ser uma mulher internamente** eu nunca ia querer **ser uma mulher externamente, nunca ia aceitar viver neste paraíso infernal.***

Conflituoso, o discurso de Nicole apresenta contraposições como deslocamentos que vão sendo, ao longo da narrativa, operacionalizados.

Transexualidade e travestilidade são os significantes que suportam uma história sobre luta de classes, sendo o corpo aquele que experimenta esses dois universos como produções relacionais em uma formação social e ideológica permeada por significações binárias, cujos referentes homem e mulher são narrativas cultural e historicamente compartilhadas.

Conforme Ambra (2022, p. 53), a aplicação de categorias binárias como homem e mulher deve ser questionada em seu valor conceitual e discursivo, sugerindo o abandono da noção de que gênero é uma realidade ontológica fixa e visando a reconhecer o sexual/a sexualidade como objetos construídos pelo discurso. Esse reconhecimento requer uma abordagem mais fluida e complexa em torno das noções de sexo, gênero e identificação, levando em conta suas múltiplas dimensões.

Em algumas construções médico-teóricas a respeito da trans e da travestilidade na contemporaneidade – densamente trabalhadas desde os anos 50, quando então são iniciados os estudos a respeito dos “desvios” de identidade, assim compreendidos à época – é realizado um direcionamento para a área da psiquiatria, pois entendia-se que dois fenômenos tão complexos, embora relacionais, só poderiam estar ligados a comportamentos desviantes individualizados. Essa observação mecanicista de que o sujeito é o problema, por não se submeter aos processos da natureza, – uma mulher com pênis que se recusa a fazer parte do universo masculino – contrapõe-se à percepção que se tem de sujeito no quadro teórico da Análise do Discurso. Assim, com o intuito de didatizar a análise, observamos os saberes discursivizados sobre corpo, baseados em orientações que se guiam pela medicalização das condutas.

Nicole, mulher transexual observada neste trabalho enquanto sujeito de discurso, apresenta muito de sua subjetivação como um fenômeno construído a partir de sua inserção na história, com dinâmicas que envolvem, dentre tantas questões fundamentais, o desejo e o significar-se a partir do olhar do outro, negando o determinismo biológico. A resistência em identificar-se com algum gênero resguarda a interpretação de que a significação – em especial a significação desempenhada pelo outro – pode, também, ser violenta. Nicole luta para que sua vontade seja respeitada. E por que o sujeito não pode dar a ele próprio o sentido desejado?

Ao longo da entrevista, Nicole faz contrapontos entre sua transexualidade e a travestilidade como uma outra forma de sexuação que difere da sua experiência. Em SD11, lemos como Nicole busca afastar-se de uma identificação com a travestilidade,

pois, sob o seu parecer, existiria o jugo de submeter-se a outras violências – não tão comuns às pessoas transexuais, mas muito comuns às pessoas travestis, por questões sociais e econômicas –, como o corpo fetichizado que enfrenta a violência da prostituição noturna de forma ainda mais agravada.

Por considerarmos essa diferenciação entre transexualidade e travestilidade uma prática discursiva, apontamos que o olhar sobre essas subjetivações deve acontecer a partir de uma perspectiva em que a historicidade do dizer seja considerada.

Por essa razão, apontamentos sobre a escrita de uma história da travestilidade requerem que compreendamos: a) trata-se de uma outra forma de sexuação; b) do lado de fora de um observatório eurocentralizado, os estudos até então desenvolvidos por aqui enfocam em algumas questões: a travestilidade é uma possibilidade de existência tão verdadeira quanto a transexualidade; há diferenças de classe entre elas; há criminalização e marginalização de uma em detrimento de outra; há experimentação da travestilidade enquanto manifestação artística. Esses pontos não são necessariamente imperativos, mas apontam para a dialética de criação de um movimento cujo enfoque é a travestilidade (ROBERTO, 2021, p. 299).

Dito isso, o significante travesti é compreendido em concordância com o que autores e artistas travestis designam: é um sujeito que, ao nascer, é denominado homem pela junta médica e jurídica, criando para si, posteriormente, outras formas de sexuação, relacionando-se de maneira diversa com seu semblante, seu gênero e sua sexualidade e criando para si a *sua verdade*, a *verdade do sujeito*. De origem francesa, travesti é um termo com significados diversos. Foi adotado por franceses que desejavam disfarçar comportamentos tidos por impróprios para homens porque estes vestiam-se de mulheres. No Brasil, o movimento travesti luta pela afirmação de sua existência e, apesar dos recortes de classe social, *ser travesti* vem produzindo muitos outros efeitos de sentido, para além do que se compreende até agora.

Importante lembrar, no entanto, apontamentos a respeito das noções de significante e significado porque estas, na psicanálise lacaniana, adquirem outra proporção, diferente da apresentada por Saussure (2012, p. 107) no CLG – Curso de Linguística Geral, em que a constituição do signo linguístico se daria pela combinação do conceito (significado) e da imagem acústica (significante). Essa formulação não permitiria o deslize do sentido em AD porque, para produzir a significação, o

significante não poderia estar afastado do significado. Por isso, a primazia do significante sobre o significado.

Lacan, no entanto, sem ignorar as formulações já elaboradas por Saussure, baseia-se em suas ideias para desenvolver uma outra topologia ao conceitualizar a noção de significante em seu campo de estudo. Assim, não há, segundo o autor, relação fixa entre os termos porque o significante está em posição de prioridade em relação ao significado. Isto implicaria dizer que, segundo Jorge e Ferreira (2011, p. 46), o sujeito, ser de linguagem, estaria sendo, sem dar-se conta, comandado pelo significante.

Ainda segundo Lacan (1985, p. 68), “o signo não é portanto signo de alguma coisa, mas de um efeito que é aquilo que se supõe, enquanto tal, de um funcionamento do significante”. De acordo com o autor, este efeito é o ponto de partida do discurso analítico para pensar o sujeito, tenha ele consciência ou não de qual significante ele é efeito. Sujeito que “desliza numa cadeia de significantes” (LACAN, 1985, p. 68).

“Este efeito-sujeito é o efeito intermediário entre o que caracteriza um significante e outro significante, isto é, ser cada um, ser cada qual, um elemento.” (LACAN, 1985, p 68). Os encaminhamentos feitos por Freud e Lacan a respeito das noções de significante e sujeito sustentam uma ideia de sujeito que é reiterada na Análise de Discurso: não é o sujeito empírico, individual. Não observamos/analizamos o discurso de Nicole a partir de uma perspectiva empirista ou biológica, mas discursiva, como sujeito que se forma no embate que acontece entre a determinação, o real e o desejo.

Ao entender que a constituição de um discurso se dá devido à exterioridade e à multiplicidade de elementos, de retalhos de outros discursos, por vezes dispersos, mas que costuram-se à sintaxe, encadeando os sentidos, é possível observar que o desejo de Nicole é também político. Existe a vontade de “tornar-se mulher de verdade” por meio da cirurgia de transgenitalização e existe, também, o desejo pelo exercício pleno de sua cidadania na qualidade de mulher, reconhecida como tal pelo Estado. Talvez seja a trans/travestilidade uma das formas de experimentar a liberdade de gênero, ao explorar possibilidades indefinidas com base em outras articulações, implodindo jaulas de significação que buscam aprisionar o sentido, embora este vaze pelas frestas.

Há, no Brasil, Leis como a de nº 11.340/2006, Lei Maria da Penha que, em seu texto, traz considerações que autorizam a aplicabilidade dessa ferramenta social às

pessoas transexuais, juntamente com o Projeto de Lei nº 8.032/2014, de Jandira Feghali, que busca proteger mulheres trans de abusos domésticos e outras violências. No entanto, ao observarmos problemas relacionados às questões concernentes às sexualidades e aos gêneros no âmbito de formulação do discurso jurídico, notamos o apagamento/silenciamento da categoria mulher travesti nessas legislações, o que demonstra invisibilização e mascaramento de políticas públicas direcionadas, de forma específica, a essas mulheres.

À vista disso, a depender da maneira como as Leis compreendem e definem os significantes “homem”, “mulher”, “transexual”, “travesti”, “orientação sexual”, “gênero”, “identidade de gênero”, “corpo”, o discurso jurídico pode (e é capaz de) controlar/silenciar, instituindo apagamentos aos sujeitos, como no caso das pessoas travestis. Nesse sentido, muito mais do que garantir direitos, o aparelho jurídico pode funcionar como ferramenta ideológica imbuída de atribuições associadas ao extermínio, simbólico ou não, de sujeitos dissidentes, porque estes divergem dos modos de organização social concebidos dentro de uma ideologia dominante.

Buscamos dar luz a essa problemática porque, do ponto de vista discursivo, os dizeres que se (re)produzem e circulam na esfera jurídica incidem sobre os sujeitos trans e, em especial, travestis, de forma substancialmente mais perigosa.

A Lei Maria da Penha, nº 11.340/2006 diz que:

Toda mulher, independentemente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião - goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhes asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social. (BRASIL, 2006, Art. 2, grifos nossos).

Embora no meio jurídico entenda-se que a mulher trans e travesti está contemplada pela Lei, discursiva e analiticamente, não há uma materialização linguística, redigida e institucionalizada, de forma legal, no documento oficial. Pensando que o homem (aqui, leia-se humanidade) está condenado a significar (ORLANDI, 2007) com ou sem palavras, pois há uma injunção à interpretação, dizer ou cair em silêncio, apesar de movimentos distintos, são funcionamentos realizados pelo sujeito, e produzem sentido no universo do discurso e das possibilidades de significação.

O sujeito trans e travesti, por sua vez, é capaz de dizer sobre si próprio, ou reproduz, em seu discurso, o discurso dito por todos os outros? Nas sequências selecionadas desta entrevista, reforça-se a noção de funcionamento do esquecimento nº 1 (ORLANDI, 2015, p. 35). Em SD8, a seguir, quando o sujeito diz ***Eu não tenho confiança não sendo mulher totalmente***, ele está condicionado ao seu inconsciente, reproduzindo os saberes normativos de uma ideologia dominante. Não completamente determinado, mas, ainda assim, subordinado à Ideologia, por determinação dos próprios processos ideológicos que envolvem a produção de sentidos dentro da formação ideológica do capital, o sujeito se constitui no cerne dos saberes que são formulados em um contexto de luta de classes e exploração da força vital do corpo, cujas posições apresentam-se em conflito umas com as outras. O sujeito, sob essas condições, é constituído e afetado pela ostensiva do capital, com a desigualdade e as atribuições de gênero muito bem demarcadas.

A sequência discursiva em questão sustenta a interpretação de que, para ***ser uma mulher totalmente***, faz-se necessário corrigir o corpo, redesigná-lo, atribuir um sentido correto, condizente com o esperado, para que as peças possam, finalmente, encaixar-se. Busca-se a ***totalidade*** do corpo, de modo que este possa completar-se de uma significação apenas, um corpo não aberto a dubiedades, não ambivalente. Para a ideologia dominante, é perigoso o corpo não obediente, do qual os sentidos escapam e cujos deslocamentos apresentam-se. É preciso, então, um corpo sem nuances, sem falhas. Esse discurso irá constituir e conceituar o modo como o observamos, ao mesmo tempo que, às vezes sob a forma de olhares inquisidores, buscará determinar a interpretação.

De acordo com Jung de Campos (2020, p. 168):

Interpretar subentende um movimento em direção ao desejo que não pode ser apreendido, nem fixado ao objeto, mas que é alvo do recalque e que dá sinais em todas as formações do inconsciente. A interpretação poderia ser pensada como um processo desejante, sempre fracassado, que vai manter o sujeito em movimento, processo que se supõe pela incompletude da linguagem em relação a algo que não se fecha, onde o dizer é sempre aberto. Aberto ao equívoco. [...] A interpretação coloca em ação a matraca do significante. Pois, quem toma a palavra para falar ficará sempre aquém ou além do que gostaria de dizer. O sujeito torna-se autor não só do que queria dizer, mas do que disse sem querer, ao recolher e reapresentar objetos simbólicos da história, a partir da causa do desejo que o obriga a falar. (JUNG DE CAMPOS, 2020, p. 168).

O movimento de interpretação, que acontece sob a forma de um desejo, coloca em questão a incompletude das significações ao formular discursos sobre o corpo do sujeito transexual. Desse modo, o discurso trans emerge como uma forma de resistência à significação que acontece na ideologia dominante. Trabalhada no conflito e na contradição, a interpretação de si está relacionada à devida interpelação ideológica: *sim, essa sou eu!*, sobre a qual o pensamento esbarra no cotejo que acontece quando linguagem e história se entrecruzam. A imagem que Nicole faz de si resgata uma imagem formulada pelo outro. Esse desempenho denota antecipação por parte do sujeito, como mecanismo que possibilita, segundo Pêcheux (1983), experimentar, de antemão, o lugar daquele que está ouvindo e quais efeitos o seu discurso produzirá a partir daí.

Nicole faz menção à prostituição de travestis¹⁰ como memória discursiva que se tem desse grupo social. O sintagma ***todo travesti se prostitui*** só é possível de ser formulado porque, conforme Pêcheux (2010), a memória não tem de ser entendida em seu sentido psicologista, como memória individual - restrita às experiências de um único sujeito -, mas como memória social, em seu sentido coletivo. Nesse sentido, a memória pode funcionar como representante das condições de existência de uma formulação discursiva dada. ***Todo travesti se prostitui*** tem suas significações insculpidas no interdiscurso, como efeito de pré-construído, e se lineariza no fio do discurso. Em vista disso, cabe à análise o efeito de universalidade de que trata Pêcheux (2014, p. 164), com o sujeito se relacionando com a FD que o domina e com o pré-construído, “o sempre já-aí da interpelação ideológica que fornece-impõe a ‘realidade’ e seu ‘sentido’”.

Mas o discurso de Nicole acontece como resistência. Ao ocupar um espaço de notoriedade em um jornal que funciona, também, como um ambiente de divulgação artística e de luta, ela “retruca” os sentidos. Sua posição é ir contra o entendimento de que todo travesti precisa se prostituir para sobreviver. Seu desejo é balançar as conceituações, promovendo outras formas de olhar a travestilidade e a transexualidade. Por isso, a necessidade de mudança dos documentos, ao se contrapor ao sistema jurídico e, por demanda, lutar para que seja reconhecida como

¹⁰ Segundo dados de 2020 registrados pela ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transexuais -, “apenas 4% da população trans feminina se encontra em empregos formais, com possibilidade de promoção e progressão de carreira e 90% da população de travestis e mulheres transexuais utilizam a prostituição como fonte primária de renda.”

mulher não a partir de referências biológicas, mas como integrante legítima do gênero com o qual se identifica.

SD8:

Nuances: *Não sentes falta de um relacionamento?*

Nicole: *Olha, faz tempo que não dá tempo para nada, mas eu sinto falta de um apoio material e de sustento para dar conta da casa, de tudo, de ter maiores condições. Mas não dá para projetar que um homem vai fazer isso. Até gostaria de ter um relacionamento, mas **eu não tenho confiança não sendo mulher totalmente**. É isso que me trava.*

A narrativa de Nicole nos coloca diante de uma complexa rede de significados. Ao embaralhar as categorias de gênero que constroem saberes sobre os corpos das pessoas LGBTTI+, nosso olhar interpretativo é deslocado. Nicole entra em conflito ao colocar em dúvida sua condição de mulher. Quando diz *mas eu não tenho confiança não sendo mulher totalmente*, a conjunção *mas*, ao denotar uma negação, aparentemente, dissimulada, reforça saberes que são retornados do interdiscurso e formulados no intradiscurso. O sujeito identifica-se como mulher, mas não como mulher *de verdade* porque não realizou a cirurgia de transgenitalização, ou *redesignação*. A expressão *redesignar*, por sua vez, desempenha papel importante e produtor de sentido ao se falar de transexualidade. Por mais que uma mulher com pênis desestabilize a ordem do mundo, o estranhamento de Nicole, formulado em seu enunciado, configura-se como identificação com os saberes normativos sobre o corpo, oriundos do interdiscurso.

A seu respeito, o interdiscurso:

compreende o conjunto das formações discursivas e se inscreve no nível da constituição do discurso, na medida em que trabalha com a re-significação do sujeito sobre o que já foi dito, o repetível, determinando os deslocamentos promovidos pelo sujeito nas fronteiras de uma formação discursiva. O interdiscurso determina materialmente o efeito de encadeamento e articulação de tal modo que aparece como o puro “já-dito”. (Glossário de Termos do Discurso, Gráfica da UFRGS, 2001, p. 18-19).

O interdiscurso pode ser demonstrado sob a forma do pré-construído porque “impõe um sentido a partir da interpelação ideológica”, isto é, “algo fala sempre antes, em outro lugar e independente” (PÊCHEUX, [1975] 2014, p. 162). Como efeito aparente, é o pré-construído efeito do interdiscurso, equivalente ao já-dito

determinado pela formação ideológica. Com isso, o discurso produzido toma a aparência de interpretação incontestável, como efeito de evidência que se impõe na sintaxe do texto e nas próprias formulações discursivas.

Lacan, ao indicar que não há relação inequívoca entre significante e significado, ajuda-nos a sustentar a compreensão de que a ilusória escolha de designações linguísticas feita pelo sujeito pode sofrer imposições do real. Ou seja, o dizer pode estar suscetível à falha, ao lapso, à fissura. O enunciado ***mas eu não tenho confiança não sendo mulher totalmente*** deixa os sentidos de mulher à deriva porque abre espaço no caminho da interpretação e produz ruptura na significação, ocasionando deslocamento. Nicole, uma mulher de verdade, entra, então, em embate com suas formas de subjetivação.

É aí sem dúvida que, antes de qualificá-lo de arbitrário, Saussure podia ter tentado formular – o significante, melhor teria valido colocá-lo como a categoria de contingente. O significante repudia a categoria de eterno e, no entanto, singularmente, ele é por si mesmo.

Não é claro para vocês que ele participa, para empregar uma abordagem platônica, desse nada a partir de onde a ideia criacionista nos diz que algo de absolutamente original foi feito por *ex nihilo*?

Não haverá aí alguma coisa que lhes apareça – se é que a paresia da preguiça de vocês pode ser despertada por alguma aparição – na *Gênese*? Ela não nos conta outra coisa senão a criação – de nada, com efeito – do quê? de nada mais do que significantes.

Uma vez surgida essa criação, ela se articula pela nomeação do que é. Não está aí a criação em sua essência? E quando Aristóteles não pode deixar de enunciar que se jamais houve alguma coisa foi desde sempre que ela estava aí, não se tratará, na ideia criacionista, da criação a partir de nada, e portanto, do significante? (LACAN, 1985, p. 56).

Mas quais sentidos a palavra *redesignar* suporta ao se referir a corpos *em desvio*, *errantes*, que se apresentam de forma desorganizada, com fragmentos que não coincidem entre si? Segundo dados da OIT (Organização Internacional *Transrespect*), entre 2008 e setembro de 2022, no Brasil, 1741 pessoas transexuais foram assassinadas¹¹, sendo o país com o índice mais alto de assassinatos por crime de ódio em toda a esfera global. Essa informação revela a situação de margem à qual sujeitos trans estão submetidos e nos impulsiona a dizer que, discursivamente, seus lugares no seio social foram apagados, silenciados, excluídos e, acusamos dizer,

¹¹ Dados retirados do site *Transrespect*: <https://transrespect.org/en/map/trans-murder-monitoring/>. Acesso em 03 jan. 2023.

roubados. Sob o risco de conivência com esses crimes, não podemos ignorar a luta pelo reconhecimento das sexualidades como uma pauta necessária hoje, para que se possa escapar do horizonte de morte que está sempre à espreita, perscrutando a pessoa LGBTTI+.

Esse apagamento – por determinação, ideológico – indica interpelação por meio de discursos diversos, que formam os discursos sobre essa população. Os discursos *sobre* atravessam e amparam os discursos dos transexuais, porque retomam, como Nicole, em um efeito de espelhamento ideológico, saberes provenientes de uma formação discursiva do corpo normativo, regulamentado e regulado. Desse modo, o corpo desviante, que não pode, por efeito de sua própria existência, “fazer sentido”, é aquele corpo classificado como anormal, e o efeito de anormalidade enquanto eco discursivo aparece nos enunciados de Nicole, como sujeito à procura de seu lugar, de um espaço de possibilidades, uma fresta que permita ao corpo fazer a festa do sentido.

SD9:

Nuances: *E como tua filha sente tudo isto?*

Nicole: *Ela gosta, me trata como mãe, mas ela gosta de mim num todo. Eu tenho que me desdobrar como mãe e pai. Tem pessoas que nem um dos papéis sabe fazer, então, se fores avaliar minha filha, vais ver que ela tem melhores condições do que outras crianças. Eu mesma nunca recebi afeto, colo do meu pai, mas, no entanto, tive a figura masculina presente. O mundo seria melhor se as pessoas tivessem **consciência do feminino**.*

Por meio de um olhar analítico, que observa a língua e o corpo em funcionamento simultâneo, buscamos compreender de que maneira acontece o movimento do discurso de Nicole enquanto mulher transexual. Ao que nos parece e se apresenta, o real do corpo (LEANDRO-FERREIRA, 2013, p. 78) exhibe-se como “uma outra ordem de real, não mais o da língua, ou da história ou do inconsciente.” Segundo a autora, por meio desse novo real, “o sujeito se inscreve na dimensão do impossível”. Impossível porque é um corpo falho, cujas faltas e cicatrizes são estruturantes, e cuja memória retorna no fio do discurso, localizando a pessoa transexual em um estado de fragilidade. Impossível, ainda – o corpo-linguagem – por seus movimentos incoerentes e contraditórios, ininteligíveis e inatingíveis, ainda que persista em sua simbolização.

Ao preconizar a noção de corpo discursivo, Leandro-Ferreira (2013) orienta-nos para a compreensão de um corpo não biológico, não empírico, tal como a noção de sujeito apreciada por Pêcheux. Esse corpo, de maneira alguma orgânico, depara-se diante de nós como objeto discursivo e, por isso, uma vez materialidade que se concebe pelo discurso, este corpo “se configura em torno de limites e se submete à falha”.

Para Cassana (2016, p. 92):

O corpo e a língua, portanto, significam juntos. Complementam-se. Por vezes, deixam escapar o contraditório, o lapso. Então, ainda que não haja sinônimo para corpo, a palavra que nos ocorre é estrutura. Estrutura lembra corpo. Um corpo que é estrutura é um corpo cujas várias partes se articulam objetivando um todo coerente, saudável, normal.

A língua também lembra estrutura. A soma de estruturas morfológicas, sintáticas, que se unem e se relacionam compondo um imaginário de língua coerente, cujas explicações para todos os fenômenos estariam ali, na própria estrutura que a sustenta. Mas essa estrutura da língua, tal como o corpo, pode apresentar suas cicatrizes: falhas, lapsos. (CASSANA, 2016, p. 92).

Língua e corpo como noções pensadas de forma relacional, articuladas dentro do quadro teórico da Análise do Discurso. A estrutura que falha quando olhada em sua busca pela completude, pela totalidade. O corpo que falha, que desmonta, que arruína, por sua lógica, a organização que dá sustentação aos arcabouços de gênero.

Segundo Hashiguti (2009, p. 02):

O corpo é *forma material* no-do discurso, tal qual a língua, como um todo de dimensões interconstitutivas no jogo de significações: uma *dimensão real ou biofísica* – da estrutura físico-motora cujo funcionamento possibilita os gestos, e que tem elementos específicos em sua composição (altura, peso, formato do rosto, dos olhos, do cabelo, cor de pele, de olhos e cabelos etc) – uma *dimensão simbólica* que diz respeito à atribuição de seus sentidos por gestos de interpretação na história e à sua constituição pela memória discursiva que possibilita suas formulações (gestos) –, e uma *dimensão imaginária* – que possibilita o surgimento de uma unidade de identidade do sujeito na relação imaginária estabelecida com outros sujeitos no discurso. (HASHIGUTI, 2009, p. 02).

Deslocando-se para o lugar da opacidade, o corpo pode ser mais ou menos feminino, como no caso de Nicole, ou mais ou menos masculino, a depender do olhar. Mas não o olhar enquanto capacidade de enxergar. O olhar interpretativo, como gesto

de interpretação possível no discurso, relaciona a corporeidade ao fato de que sua condição está apreendida pelo seu próprio olhar, e pelo olhar do outro, como gestos constitutivos da formulação do discurso sobre o corpo. O discurso médico e o jurídico dizem que um corpo só pode ser **totalmente** feminino se suas referências biológicas concordarem entre si. Trata-se de um olhar interpretativo e constitutivo sobre o corpo. O olhar discursivo, então, produzirá efeitos no modo como o próprio sujeito transexual reconhece a si mesmo, identificando-se com os saberes oriundos desse lugar, ou rechaçando-os, como resistência que acontece sob a forma de uma rachadura na ordem normatizadora. Dessa rachadura, emergem sentidos outros sobre transexualidade e sobre o corpo que se situa em um entrelugar.

Não logicamente estabilizado, o corpo, enquanto noção discursiva, é conceituado no escopo teórico discursivo-materialista em seu caráter não biologizante. Isto é, enquanto materialidade discursiva, não é o referente biológico a base sustentadora de suas significações. Não obstante, o referencial biológico pode produzir efeitos de sentido nos processos de subjetivação, justamente por não se separar sentido de sujeito, nem sujeito de ideologia.

Ao observá-lo, como bem pontua Vinhas (2021, p. 157):

Ter o corpo como objeto é ter a subjetividade como pressuposto no funcionamento dos processos discursivos, afinal, o corpo não se destaca da subjetividade pela perspectiva discursiva aqui adotada. Assim, o corpo não toma o lugar de uma folha de papel, de uma parede, de um quadro em branco, nos quais se pode observar uma imagem. Ao considerarmos o corpo na AD entendemos que ele ocupa sempre um lugar duplo: não funciona sempre como materialidade, mas, também, como constitutivo da subjetividade. (VINHAS, 2021, p. 157).

Por sua relação com a história e a ideologia, não pode o corpo ser significado, na abordagem discursiva que aqui adotamos, sem se levar em consideração seu confronto com o simbólico e o político. Isso demanda dizer, e retomo Orlandi (2012, p. 25), que, “assim como nossas palavras, nosso corpo já vem significado, antes mesmo que não o tenhamos, conscientemente, significado.”

O imaginário sobre o transexual, forjado, historicamente, pelo discurso, está amparado na memória de que esse grupo social só poderia ocupar três lugares: o da

comédia televisiva¹², com sujeitos trans atuando como figuras de alívio cômico, descompromissados com a luta LGBTTI+ e atuando no meio midiático meramente com participações figurativas; o da tragédia, pois, como mencionado, o Brasil ocupa o topo do *ranking* de assassinatos contra essa classe; o da prostituição, com 90% desta comunidade exercendo a profissão do sexo como fonte primária de renda.

Tal imaginário, ritualizado pelo simbólico, sustenta um itinerário de construção de sentidos em que a imagem do sujeito trans expõe os efeitos concebidos. Em outros termos, uma mulher transexual, mãe, rompe com a discursividade vigente, com duplo funcionamento: reproduz-se a figura feminina como padrão socialmente aceito, mas se desconstrói a ideia formulada no seio social de que transexuais não conseguem formar família.

Nicole desconfigura, em partes, esse padrão pois possui emprego formal e cuida de sua filha. Suas atribuições são as mesmas de mulheres cisgênero e heterossexuais. Seus direitos, no entanto, não, dada a problemática de seus documentos. Ainda que na posição de mulher do lar, Nicole enfrenta os desafios do feminino ao assumir sua posição como mulher do lar e cuidadora.

Ainda a respeito do imaginário como noção teórica que se produz no terreno dos estudos em AD, dirá Orlandi (1994, p. 56):

Quanto ao social, não são os traços sociológicos empíricos – classe social, idade, sexo, profissão – mas as formações imaginárias que se constituem a partir das relações sociais que funcionam no discurso: a imagem que se faz de um pai, de um operário, de um presidente, etc. Há em toda língua mecanismos de projeção que permitem passar da situação sociologicamente descritível para a posição dos sujeitos discursivamente significativa. (ORLANDI, 1994, p. 56).

A noção de corpo, embora regularmente compreendida com base em evidências empíricas, precisa ser reformulada, inventada de novo, a partir de interpretações cujas significações passam pela ordem da determinação histórica. A pessoa transexual, afetada ideologicamente e constituída por processos simbólicos, está imbuída de significações que se desenrolam na história e no desejo como eterna

¹² Como o caso da modelo e atriz Roberta Close e a cirurgia de redesignação que realizou no Marrocos, no ano de 1989, tornando-se conhecida por esse feito e, posteriormente, ganhando um quadro humorístico no programa Zorra Total, transmitido pela Rede Globo. No quadro, a atriz ganhou evidência por sua relação com o ocorrido, ao dizer que cortou o pênis. Por esse motivo, tornou-se destaque na mídia, que explorava a discussão com finalidades comerciais. (TREVISAN, 2018, p. 296).

busca pela totalidade. A falha do corpo de uma mulher transexual que diz não ser **mulher totalmente** está atravessada, ainda que sob a forma de uma resistência possível, pelas delimitações da prisão de gênero. Nesse cenário, a resistência do sujeito nem sempre pode ser lida como *ser contra a*, porque não necessariamente o discurso de resistência é antagônico, contra a norma. Esse funcionamento pode ser observado no discurso de Nicole quando ela retoma saberes institucionalizados sobre o próprio corpo, assumindo não ser mulher totalmente. Ainda que a reproduzir sentidos, o sujeito é capaz de, nas frestas do processo de interpelação ideológica, provocá-los, e produzir novas formas de subjetivação.

4. Do reconhecimento ideológico: considerações acerca de um quase conceito de sujeito

SD10:

Nuances: Achas mesmo que o mundo seria melhor?

*Nicole: Aí é que se encontra a ideia dos direitos humanos. De repente **esta questão de luta pelo ego, de matar por conceitos, por valores, por filosofia faz parte de um mundo masculino violento, no qual se fosse valorizada a consciência da mulher, seria totalmente diferente.** Ninguém nos diz: temos um lado masculino, mas de decisão, de força, de dizer “nós vamos vencer”. Existe uma força nesse masculino para incentivar a gente a lutar na vida. Mas não aquele masculino que oprime a mulher, que trata a mulher como inferior, **subjugando pela idolatria peniana e falocrata.** Por isso, **eu sempre ressalto para minha filha o valor da mulher, de que ser mulher é uma coisa muito boa e isso dá a ela força.***

Resistir à conceituação de sujeito em AD faz com que a compreensão acerca dessa categoria nocional passe por uma compreensão de teoria do sujeito que não contribua para a progressão da opressão contra grupos marginalizados, de forma alguma ignorando as suas especificidades em AD, mas reforçando e nos fazendo reencontrar com a questão social em torno da sexualidade *queer*: como entendê-la sem forçá-la a adaptar-se a uma identidade fechada que não escapa às diretrizes? Se ser *queer* é ser *estranho*, e se ser *estranho* é ser anormal, esquisito, exótico, estamos a falar daquele que é tomado pela linguagem e que é capaz de produzir (muitos) sentidos. Desse modo, é o estranho também construído por práticas discursivas, no próprio processo de subjetivação. É o sujeito cuja identificação sexual não corresponde às ideias construídas de forma dominante sobre gênero. É aquele que desvia pelo caminho.

Elia (2004, p. 12) ao trabalhar essa noção conceitual, dirá que a categoria por muito tempo escapou ao discurso científico da ciência moderna, que apenas supunha a aparição de um sujeito, sem o tomar em consideração e sem operar com ele nem sobre ele. Questiona o autor:

É o sujeito um conceito? [...] Não, o sujeito não é um conceito nessas acepções clássicas de conceito. A categoria de sujeito não foi construída por Lacan para conferir inteligibilidade a um recorte da realidade empírica ao qual a psicanálise se refere: o sujeito não é um *construto* – palavra muitas vezes empregada para substituir a de um

conceito no campo da ciência, indicando o sentido de *construção* presente na operação, sentido que também se encontra na palavra *conceito* – algo que é concebido, que decorre de uma determinada *concepção*. (ELIA, 2004, p. 12).

Como se constitui o sujeito é uma das questões principais em AD, em virtude de que, em psicanálise, o modo como o concebemos opõe-se radicalmente a concepções biológicas ou sociológicas. “Ele se constitui, não ‘nasce’ e não se ‘desenvolve’” (ELIA, 2004, p. 30) e, para explicá-lo, “é necessário considerar o campo do qual ele é o efeito, a saber, o campo da linguagem” (ELIA, 2004, p. 32). Nesse sentido, o sujeito do inconsciente, de linguagem e social exige referência a uma ordem simbólica. A transexualidade não é totalmente determinada pelos significantes homem/mulher, masculino/feminino, não é deles subsidiária porque existe um trabalho de significação que é elaborado pelo sujeito. Em síntese, o significante convoca o sujeito a se significar, requerendo dele o trabalho de sua constituição.

Ainda:

O sujeito, como categoria axial que atravessa todo o campo da experiência psicanalítica e portanto todo o campo do saber que corresponde pelo nome de psicanálise, sofre o efeito da castração, não apenas como o sujeito concreto com quem lidamos, que analisamos, mas como categoria conceitual: o sujeito é o nome de *algo* cujo modo de existir é a *elisão*, a *barra*, a *abolição*, operações pelas quais o sujeito se constitui e se realiza na experiência. (ELIA, 2004, p. 62).

Consideramos um quase conceito de sujeito o que temos trabalhado porque, quanto mais se constitui e se realiza, mais elidido e barrado ele é. Porventura seja esse o seu modo próprio de acontecer: aquilo que o veta, que o barra, o que o elide (idem, p. 63) “é precisamente o significante, que o funda e o constitui.”

Posto isso, é o sujeito sempre suposto, isto é, não um referente empírico e factual, mas um agente que se impõe a todo ser falante (de linguagem, frequentado pelo simbólico), a partir do momento em que nos colocamos (a pessoa LGBTTI+, por exemplo) sob determinada ótica. Assim, forçados a supor o sujeito, somos obrigados – porque ele se impõe a nós – a admiti-lo enquanto efeito de uma estrutura. Não se pode, portanto, não admitir o sujeito e não reconhecê-lo enquanto “suposição de um significante”.

Para a análise da SD10, foi necessário resistir (mais, ainda) aos sentidos que os significantes sujeito, homem e mulher, masculino e feminino, já tão discutidos por

aqui, entregam de prontidão, porque não se pode negar a inevitável equivocidade que os termos provocam.

Lacan atribui ao “eu” uma função precisa: “ser o lugar por onde o sujeito pode se reconhecer, de forma imaginária, como sujeito” (ROUDINESCO, 2011, p. 31). Ao levar em conta os princípios fundadores da linguística de Ferdinand de Saussure, Lacan desvincula-se analiticamente da noção de sujeito como mera representação existencial e passa, posteriormente, a uma concepção teórica em que há determinações que o inconsciente impõe à subjetividade. Nesta compreensão subjetiva, o sujeito é simbólico e está, de início, imerso na linguagem, sendo determinado à revelia de suas vontades.

Preocupado com o inconsciente e conhecidamente contra o positivismo cientificista, Lacan preconizava a ideia de que o sujeito não deveria ser reduzido à sua forma biológica, mas compreendido e analisado, por outro lado, em sua complexidade simbólica, por sua característica como ser de linguagem, subordinado, portanto, à Lei do simbólico (ROUDINESCO, 2011, p. 40).

Esse pensamento é reforçado por Alquatti e Jung de Campos (2020, p. 283), ao apontarem que “o sujeito só pode ser conceitualizado a partir de uma série de negações. Não é empírico, não é biológico, nem sociológico, não é homem, não é mulher, não é homo, trans, bi, cis. Não é gênero.” Isto posto, a compreensão radical acerca do postulado de Althusser (1970) *ei, você aí!* para falar sobre a interpelação ideológica do sujeito que se vira e se reconhece interpelado não faria sentido se deixássemos de considerar que o reconhecimento acontece devido a um efeito de linguagem.

A noção de interpelação enquanto assujeitamento é deveras importante para a compreensão de sujeito a partir de sua especificidade como categoria em Análise do Discurso. A partir de uma torção teórica, a ideia de assujeitamento surge da mudança de perspectiva em relação ao “indivíduo” como responsável por si mesmo para o “sujeito” como produto de uma influência histórica. Nicole, como pessoa transexual, é interpelada, chamada para a existência por um arranjo ideológico que se produz enquanto estrutura, capaz de atestar a realidade do sujeito, que irá se (des)construir e deslizar entre a manutenção e a reprodução de uma ordem ideológica sobre o corpo.

Deste modo, consideramos:

Habitado pelo sujeito, o corpo ocupa lugar numa determinada sociedade, numa determinada cultura, e produz determinados efeitos de sentido. O corpo passa pelos processos de interpelação e identificação e, como esses processos, não se realizam de forma plena, engendram a incompletude, a falha, a equivocidade. O corpo, assim como a língua, é um lugar material tanto da subjetivação quanto do equívoco, de modo que a resistência à dominação imposta pelo modo de produção se materializa, também, no e pelo corpo. (BRESSAN, 2020, p. 59).

Dominado pela primazia da linguagem, o sujeito lacaniano é capaz de criar a sua subjetivação a partir da nomeação, inscrevendo-se e reinscrevendo-se, de maneira que as identificações passam a ser constantes e contínuas (SOUZA; DANZIATO, 2014, p. 53). Uma vez interpelado pelo Outro, convocado a dar conta do reconhecimento, o sujeito, em suas múltiplas facetas e a partir das operações de nomeação que realiza, precisa fazer frente ao desejo.

Como movimento de análise que realizamos, lançamos olhar para a ideia de identificação a partir de uma compreensão dessa noção como suplemento essencial para o que desejamos elucidar neste ponto acerca da concepção de sujeito trabalhada em Análise de Discurso. Consideramos importante essa breve incursão para analisarmos o discurso de Nicole em suas complexas redes de significação, que se apresentam como universos compostos de possibilidades e alternativas, indicando a flexibilidade da pessoa trans com relação ao próprio corpo e com a noção de desejo, este que não pode ser colocado em palavras porque é da ordem da impossibilidade de insatisfação. Assim, já que o sujeito não está confirmado, o conceito de identidade não cabe aqui porque a noção de sujeito com a qual trabalhamos requer o simbólico como elemento material.

A noção de identificação se define a partir de processos, de articulações realizadas entre a leitura freudiana e a lacaniana, a fim de pensarmos que identificação, em AD e psicanálise, não pode ser compreendida, a grosso modo, em seu sentido mais usual. Ao contrário do significado que se estabeleceu em algumas correntes de pensamento, a identificação não tem relação, em nossa base epistemológica, com mera imitação ou, simplesmente, reprodução em si de características encontradas no outro e adotadas para si como se fossem suas. Conforme Florence (1994, p. 118), “a identificação é da ordem do romance inconsciente do sujeito, um modo de pensar inconsciente que modifica o eu”.

Da ordem da encenação, o jogo da subjetivação pode aparecer, via desejo e inconscientemente, como criação encenada pelo próprio sujeito. Nessa encenação, existem os personagens, com situações, tramas, dramas que afetam a sua própria constituição. Em concordância com o que apontam Souza & Danziato (2014, p. 54), “o modo de operação do desejo age na tecitura de uma realidade inconsciente que se encena produzindo efeitos sobre o eu”.

Segundo David-Ménard (1994, p. 73):

... um sujeito, para se constituir, torna seus elementos vindos de outro, sendo que algo daquilo que o liga a esse outro permanece recalcado, mas de tal maneira que esses elementos, retirados do outro, dados pelo outro ou impostos pelo outro, implicam ao mesmo tempo de algum modo, falta para o sujeito. (DAVID-MÉNARD, 1994, p. 73).

Por meio das identificações, o sujeito é capaz de acrescentar elementos ao seu “romance inconsciente”. Esses elementos, conforme pontua a autora, podem ser retirados do outro, dados ou impostos, via interpelação, ainda que de forma inconsciente.

O papel do significante nas identificações, por sua vez, exige de nós um movimento de retomada dos conceitos lacanianos de simbólico e imaginário, isso porque a constituição do sujeito sofre as afetações que os significantes impõe/exercem sobre o corpo. Em suas interrogações a respeito do processo de constituição do eu e os modos como esse sujeito em formação se insere no domínio da linguagem, Lacan (1998), a respeito do que é simbólico e do que é imaginário, propõe uma teoria do eu que pressupõe o outro como elemento importante em seu estabelecimento.

Tendo por base diversos estudos e procedimentos que outrora vinham sendo desenvolvidos com a observação da utilização de espelhos, segundo Souza & Danziato (2014, p. 56), Lacan tinha o interesse de

problematizar a relação do sujeito em constituição com a imagem refletida no espelho, uma relação marcada inicialmente por um fascínio pela imagem que aparece como imagem do outro e que terá efeitos gregários na constituição da imagem corporal do sujeito. (SOUZA; DANZIATO, 2014, p. 56).

Nessas observações, o olhar do outro, ao incidir sobre o sujeito, provocaria mudanças na forma como se relaciona com seu semblante. A estabilidade da percepção estaria abalada, então, por uma contemplação paranóica.

Os atributos de completude (homem-pênis-masculinidade-força-trabalho; mulher-vagina-feminilidade-maternidade-sentimentalismo-lar) imbuídos ao corpo – e, aqui, especialmente ao corpo da pessoa transexual – pela ideologia dominante apresentam-se, agora, como ficções. Desse modo, do corpo marcado pelo significante surge um efeito: a imagem especular do sujeito não é totalizante, sendo da ordem do imaginário uma identificação que busque se configurar em seu caráter de completude.

Por sua relação com o significante, a nomeação de um corpo trans/travesti como não condizente com seu gênero produz apagamento. O sujeito, dessa maneira, estaria esquecido/apagado na retaguarda do significante responsável por lhe atribuir materialidade.

Ainda acerca do processo de (re)nomeação operado pelo e no discurso, Soler (2009) apresenta uma discussão sobre o funcionamento desse mecanismo:

A primeira das operações de renomeação apontadas pela autora é a adição de um traço identificador ao nome próprio. Esta operação busca completar o patronímico como um traço que identifique uma singularidade que permita alcançar, sem possibilidade de confusão, o Um da identidade (Hitler, o homem que mais matou judeus; Alexandre, o grande etc.) Essa nomeação consiste na adição de um qualitativo, algo que informa a respeito dos feitos singulares do nomeado. Outra forma de renomeação apresentada pela autora é a imposição de nomes de “indignidade”: Há também os nomes de indignidades impostos, que vêm do Outro, sem que haja consentimento... (SOLER, 2009, *apud* SOUZA; DANZIATO, 2014, p. 59-60).

Nicole, uma mulher de verdade, exemplifica o que a autora diz a respeito da nomeação como processo discursivo. Com isso, queremos dizer que o olhar do outro e a nomeação estão relacionados à questão da identificação. O sujeito de linguagem aqui trabalhado, sujeito faltante, do inconsciente, se constitui, também, via desejo e pelo desejo, com as marcas simbólicas deixadas pelo Outro. Todos esses processos e operações, por assim dizer, inscrevem o sujeito, em constituição, no domínio da linguagem. Esse jogo de identificações, se observado analiticamente, opaciza os lugares de gênero e dificulta a estabilidade do sentido, de modo que é no jogo que a f(r)esta do sentido ocorre.

Recortamos um excerto de SD10 para discutir a *mulher*, significante que se apresenta em todas as sequências como fio condutor. Nesta SD, Nicole ressalta a importância do feminino sobre o masculino, contra a sujeição ao falocentrismo.

*Em SD10: De repente esta questão de **luta pelo ego, de matar por conceitos, por valores, por filosofia** faz parte de um **mundo masculino violento**, no qual se fosse valorizada a consciência da mulher, seria totalmente diferente.*

Pontua Roudinesco (2011, p. 83) acerca do homem e da mulher e suas relações com o semblante:

Segundo Lacan, o homem é o escravo do semblante, obrigado, para existir, a exibir uma virilidade que não controla, ao passo que a mulher seria mais próxima de uma prova de verdade – de uma espécie de escrita ou de “arqui-escrita” que lhe permitiria escapar ao semblante. Da mesma forma a mulher é “não-toda”, dizia ele, um “suplemento”, enquanto o homem precisa ser “pelo menos um”, isto é, um “todo”, ou, na falta disso, um semblante do Todo. (ROUDINESCO, 2011, p. 83).

A contribuição da psicanálise para o debate sobre feminilidade passa pela compreensão de que a mulher é não-toda na função fálica e, ainda, detentora de um gozo a-mais, como lugar concedido ao feminino nesse campo de estudos preocupado com o sujeito de linguagem e inconsciente.

É extensa a discussão sobre feminilidade no campo da psicanálise e o caminho que se percorreu para pensar a condição do feminino não está livre de empasses e contradições. No entanto, não adentramos com especificidade nesse espaço das divergências teóricas sobre o feminino e a mulher, pois esse movimento exigiria de nós um deslocamento duradouro neste trabalho. Assim, buscamos compreender o feminino e sobre como se dá a ele um estado de enigma, para refletirmos sobre como o discurso de Nicole se estrutura.

Lacan avança em suas concepções sobre feminilidade ao apontar para uma compreensão, menos essencialista, sobre a mulher: ela não se submete, totalmente, ao domínio fálico.

Verificamos esse funcionamento, retirado da sequência discursiva:

*Em SD10: Existe uma **força nesse masculino** para incentivar a gente a lutar na vida. Mas não aquele **masculino que oprime a mulher**, que trata a mulher como inferior, **subjugando pela idolatria peniana e falocrata**. Por isso, **eu sempre ressalto para minha filha o valor da mulher, de que ser mulher é uma coisa muito boa e isso dá a ela força**.*

Enquanto a partir de formulações freudianas a feminilidade seria definida a partir da referência fálica, Lacan, simpático ainda às elaborações de Freud, avança teoricamente ao dizer que “não se trata propriamente da *falta de um órgão* mas da falta de um símbolo específico da sexualidade feminina, como o falo é para o homem” (ZALCBERG, 2003).

Em um momento de virada teórica, sustenta-se a ideia de que, no que concerne à feminilidade, esta precisaria ser entendida no além Édipo, não totalmente inscrita na função fálica, mas submetida a um outro gozo, “suplementar”, pois ultrapassa a referência fálica (LACAN, 1985).

Nesse sentido, na contramão de uma explicação naturalista do que viria a ser a mulher e a sua feminilidade, o caminho tomado por Freud e, posteriormente, por Lacan, abre-se para o entendimento dessas noções a partir do âmbito psíquico e não mais anatômico/biológico. Ainda que em Freud muito seja encontrado acerca das concepções naturalísticas sobre o corpo, Lacan avança ao não mais conceituar a feminilidade a partir da falta (anatômica), e sim sob o ponto de vista do significante. Movimento importante e que converge com o que buscamos elucidar com nossas análises, pois os modelos naturalistas e essencialistas de homem e de mulher, como posições no universo do discurso, não estão ligados à anatomia, de forma que as diferenças sexuais e de gênero não podem mais ser pensadas a partir de suas referências biológicas.

Embora algo da ordem do inominável permaneça a respeito da mulher e da feminilidade, o que percebemos, com sustentação nas análises dos discursos de Nicole, é o que se impõe como questão: o feminino, como algo próximo do real, já que não pode mais ser fundamentado no corpo biológico, transformou os padrões de feminilidade e se abriu para novas formas de sexuação na mulher, enquanto processo de identificação plural que compreende não somente um entendimento *cisheterogenital* de corpo.

Ao dizer “A mulher não existe”, pela falta de um significante – tal qual o falo – para simbolizá-la, Lacan teoriza que a mulher não existe em sua univocidade, isto é, em sua inequivocidade. Nesse sentido, com as novas formas de sexuação, a mulher pode ser múltipla, ao passo que ao homem caberia o Um.

Ao enunciar, em SD8, que não é **mulher totalmente**, Nicole confirma a não univocidade de si, na condição de mulher que transita entre lugares de gênero e que

busca tornar-se “A mulher toda”.¹³ Outra questão se impõe: que lugar ocupa o transexual entre os significantes homem e mulher?

Como algo que escapa ao controle, é o corpo contingência para o sujeito. Segundo Lacan (1985), “o corpo é inscrito pelo desejo e as noções de homem e de mulher são apenas significantes”. Para reforçar essa questão, aponta Jorge (1997) que “o sujeito não tem sexo, o sujeito é o sexo, uma vez que é ele quem habita o intervalo entre os lugares designados aos significantes do homem e da mulher”. Pensando nisso, é possível perceber certa desopacização na problemática vivida por Nicole, cujo corpo é portador de um pênis como componente fálico que possui limites, mas que não se estabelece como limitador para a construção de uma subjetividade outra, feminina.

À vista disso, com a noção de sujeito que ultrapassa sua constituição biológica ou sua consciência filosófica, Nicole se insere em uma ordem simbólica que a antecede, pois é atravessada pela linguagem e saturada por um desejo Outro. Com isso, muito se tem a dizer acerca de *quem é a mulher, de quem é mulher, de quem pode ser uma mulher*. As questões que se obrigam diante de nós, e que exigem interpretação desde as frestas e rachaduras deixadas por estudiosos como Freud, têm ganhado notório espaço em correntes teórico-analíticas como a própria psicanálise e a Análise de Discurso.

Neste trabalho, uma de nossas preocupações foi indagar, com base nos pressupostos teórico-analíticos da AD, como os significantes homem e mulher conceituam e contornam a noção de feminilidade enquanto enigma que, com sua carga semântica, multiplicam a figura da mulher em um cenário de pós-modernidade.

Sujeito-linguagem, corpo-linguagem, binômios que amparam, em sua essência, a equivocidade e as múltiplas interpretações. Não cartesiano, o sujeito é sempre “determinado pela função simbólica, assim como a posição do sujeito em relação ao Outro é mediada pelas regras e convenções do registro simbólico” (VALLEJO; MAGALHÃES, 1991). Complementando, já que a mulher não está dominada pela função fálica, tampouco dependente de um significante supremo (o

¹³ Ainda que, em psicanálise, muitas vertentes continuem optando pela normatização dos corpos e das relações sexuais a partir de modelos nucleares como o Complexo de Édipo e o Complexo de Castração (GOUVEIA; SOUTO; SILVA JUNIOR; BRECKENFELD, 2016, p. 188), tem-se promovido um alargamento das discussões sobre as sexualidades dos sujeitos, superando-se algumas convicções que buscam reduzir a vida humana em sua complexidade a manifestações biológicas simplesmente.

falo), apresenta-se, no feminino, uma experimentação, ou vivência que, segundo Madarasz (2015, p. 56), “escapa à formação normalizadora do sentido”.

Desse modo, ao escapar da lei do binário, as noções de corpo, gênero e feminilidade podem ser pensadas a partir do que Lacan considera sobre as sexualidades: são culturais e, por isso, espaços de criação, movimento, transformação e subjetividade. Nesse momento, acontece uma breve, mas potente, suspensão de uma lógica estrutural repetitiva no discurso de Nicole, pois à sua condição de mulher não cabe mais o sentido unificador oriundo da Formação Ideológica dominante. Isto é, ainda que suscetível à Formação Discursiva que o domina (nutrida por outras FDs, como a médica, a religiosa e a psiquiátrica), o sujeito consegue escapar pelos poros dessa mesma FD, em deslizamentos, equívocos, desvios inconscientes, produzindo assim novas interpretações e significações a respeito de si.

O que acontece durante o processo discursivo em que Nicole se vê entre o masculino e o feminino é a modelização enquanto performatividade do sujeito, na contramão de se pensar o que é simbólico – com elementos definidos – a partir de uma tese tão somente essencialista.

Pêcheux (2015, p. 34) comenta acerca da urgência de um mundo semanticamente normal, padronizado, normalizado, ao dizer que esse processo “começa com a relação de cada um com seu próprio corpo e seus arredores imediatos.” O logicamente estabilizado sofre, assim, a irrupção do corpo que falha e que está subjugado à falta como meios pelos quais o sujeito irá se significar.

Curioso esse corpo-linguagem. Lacan (1985 apud LEANDRO-FERREIRA, 2013, 78), ao referir-se ao real, diz que ele “é o mistério do corpo falante, é o mistério do inconsciente”. Acerca do real do corpo que nunca será atingido, em SD11 é possível observar como essa noção produz afetações na subjetividade e nos processos de identificação, em constante (re)construção.

SD11:

Nuances: *Você foi casada com a mãe dela?*

Nicole: *Fui. Nós não vivemos muito tempo juntos, talvez uns nove meses. Naquela época, embora tendo uma identidade interior feminina, a única alternativa de relacionamento sexual era com mulheres; ou, então, a abstinência. Já com homens não seria possível, **porque eles teriam que me enxergar como uma mulher, não só interiormente, mas também por fora. A minha questão é sentimento. É essa a diferença entre transexuais e travestis. Estes não têm problemas de ser homem, se vestir de mulher e fazer sexo com outros homens. No meu caso, não. Eu sempre tive***

relacionamentos com mulheres, porque necessitava da vida emocional, sentimental que elas proporcionam, o que eu acredito, não me ocorreria numa relação homossexual. Vou fazer a operação e virar lésbica agora! (risos)

Em SD11, retornam os sentidos provenientes de uma FD de gênero dominante. A lógica disjuntiva *ou isso, ou aquilo* regressa como constituinte do discurso de Nicole. Mulheres sentimentais *ou* homens sexualmente ativos são formulações definidoras nessa SD, pois funcionam a partir de uma lógica estruturante e repetitiva, que se refaz e se desfaz no movimento inconsciente do sujeito com o seu semblante. O olhar do Outro, o falo que se apresenta nesta sequência como significante supremo, produz simbolização no corpo de Nicole e no modo como se reconhece como mulher. É indispensável a aprovação e o reconhecimento do olhar masculino sobre a sua feminilidade para que, desse jeito, reconheça a sua condição de “mulher toda”.

Ambra (2022, p. 431) argumenta como a sexuação e a constituição do eu ideal estão relacionadas ao estatuto do semblante em psicanálise. O autor discute como a formação (ou a performance?) do gênero como isto *ou* aquilo, homem *ou* mulher, é fortemente influenciada pela relação com o outro e pelo lugar que este ocupa no discurso do Outro, que nomeia o indivíduo como sexuado. E, ainda, para além dessas questões, destaca como a dimensão cultural e os complexos familiares têm importância no processo de constituição e de identificação do sujeito.

É no discurso e pelo discurso que essas formações vão sendo concebidas. Pelo discurso, Nicole rechaça sentidos sobre a sua posição no universo feminino e, também pelo discurso, retoma os mesmos saberes dominantes como padrões organizacionais que modelizam a subjetividade. O vaivém do sujeito ocorre devido à interpelação, com ideologia e inconsciente trabalhando conjuntamente e de forma material.

Na SD em análise, a noção de semblante retorna como marca normalizante, isto é, ao retomar a sexuação a partir de uma constituição cujo horizonte está restrito às normativas da heterossexualidade, como a relação romântica e sentimental, a atribuição de papéis de gênero estereotipados e até mesmo a prescrição de comportamentos sexuais normativos. Mas a sexuação, em seu caráter processual, não diferencia cis e trans.

No tocante a esse corpo não orgânico, construído pelo discurso, sujeito à falha e às determinações do inconsciente, Leandro-Ferreira (2013, p. 78) destaca:

Para a Análise do Discurso o corpo surge estreitamente relacionado a novas formas de assujeitamento e, portanto, associado à noção de ideologia. Mais do que objeto teórico, o corpo comparece como dispositivo de visualização, como modo de ver o sujeito, suas circunstâncias, sua historicidade e a cultura que o constituem. Trata-se do corpo que olha e que se expõe ao olhar do outro. O corpo intangível e o corpo que se deixa manipular. O corpo como lugar do visível e do invisível. (LEANDRO-FERREIRA, 2013, p. 78).

O discurso dominante sobre gênero, insistente ao retorno; a falta; a não-totalidade do corpo apresenta-se nas SDs como aquilo que resiste à simbolização. É o real do corpo que se impõe. Essa resistência à simbolização, por vezes caracterizada como compulsão à repetição de padrões, surge de forma constante como luta pela preservação da estabilidade do sentido. No entanto, a resistência pode apresentar-se de diferentes maneiras, pois a pessoa transexual, ao reinventar a própria vida, o próprio corpo e a própria subjetividade, consegue re-existir, em formato novo, com novos arranjos subjetivos.

Postas estas considerações, o sujeito do inconsciente é o sujeito trans porque não tem lugar garantido, ainda que o sujeito da razão não aceite. Segundo Porchat (2013, p. 73-74):

O termo *queer* é usado para investigar, analisar, questionar e intervir sobre as normas e as margens que se produzem. Dois outros usos do termo *queer* chamam a atenção pela sua aproximação com a psicanálise. *Queer* pode se referir a lacunas, lapsos, excessos e dissonâncias, funcionando como uma matriz aberta a possibilidades na constituição de gênero e sexualidade. (PORCHAT, 2013, p. 73-74)

O conceito de *queer*, desse modo, está ligado à manifestação do inconsciente através de escapes, lapsos e excessos, tornando o indivíduo parcialmente desconhecido para si próprio, desmontando e decompondo, assim, qualquer possibilidade de filiar-se a ideais normativos de gênero e sexualidade. O *queer*, assim, escaparia à categorização, sem importar o quanto se tente a indexação e a ordenação do corpo.

Ainda que dado o caráter polimorfo da sexualidade e do corpo, o discurso médico-jurídico e o religioso e também algumas práticas teóricas e analíticas enjaulam o sujeito *queer* e a identificação de gênero no rol de práticas discursivas que se baseiam na segregação do dissidente. No entanto, a psicanálise e o *queer* compartilham semelhanças e um horizonte comum de desconstrução porque

desconfiam do caráter substancial e essencial do corpo e do gênero, com as (des)identificações que podem acontecer na cena do sujeito interpelado e inconsciente.

5. Entre combates e conflitos: a guerra simbólica e a transexualidade

Saí daquela “jaula” estreita, certamente para entrar em outra jaula, mas pelo menos desta vez por minha própria iniciativa. Alguns dirão que ainda é uma jaula política: em todo caso é melhor que a jaula “homens e mulheres” porque tem o mérito de reconhecer seu status de gaiola. (PRECIADO, 2022 p. 4).

As reflexões retratadas e simbolizadas durante a elaboração desse texto em AD dizem respeito, ainda, a empreendimentos analíticos que, no efeito de estranhamento, levaram-nos a pensar sobre o universo LGBTTI+ em suas condições de complexidade, com o corpo e a língua como estruturas falhas, a falta e o desejo como condição de falta constituinte admitida pela AD e o discurso como (re)produtor de realidade.

Pensando sobre como o movimento gay e trans interrompe uma extensa e profunda tradição de ver gênero e sexualidade como categorias presas, fixas, é que buscamos observar, sob a perspectiva materialista da Análise do Discurso, como o discurso trans é capaz de construir novas formas de subjetivação, retomando discursividades a respeito de si. Ressignificando-as, por vezes, mas assentando o sentido sobre uma base estrutural de significação que, no próprio movimento de resistência operado, torna difícil uma ruptura de gênero.

A mídia, a cultura, a medicina e o discurso jurídico estão, a todo o momento, atribuindo significados para a transexualidade. Isso produz efeitos na pessoa LGBTTI+, que pode vir a se constituir a partir do que dizem os Aparelhos Ideológicos. As significações partem, assim, de dois lados: o da transexualidade (um lugar de autoafirmação, de tomada de posição sexual, de dizer-se de um gênero ou de outro independente do sexo biológico) e o lado das instituições de poder com seus discursos de verdade. Há disputa pelo sentido e o que ocorre com a sobreposição de enunciados é que se perde a dimensão da enunciação política (AMBRA, 2022, p. 22) “que visa estabelecer um discurso unívoco do saber sobre o sexo. Parece haver uma disputa sobre a narrativa do ‘verdadeiro sexo’”.

Estrutura fálica e falha. O corpo transexual, interdito pela medicina e pela religião, apresenta modos de significação indiscretos. Seu desejo escapa à implicação médico-jurídica-religiosa porque o sujeito resiste e se constitui enquanto não-doente, não-pecador, contrapondo-se às determinações linguísticas e ideológicas, embora essas designações reverberem e se reatualizem em seus discursos. Procurando não

reproduzir os destinos atribuídos por aparelhos ideológicos, Nicole busca escapar, ainda que em sua tentativa falha e inconsciente, das determinações, e contemplar a possibilidade de dizer sobre si, colocando-se sob suspeitas e suposições. **Nem homem, nem mulher.** Por meio desta afirmação, Nicole se coloca em uma posição de possibilidade. Assim, os sentidos que circundam a transexualidade denunciam a lógica preestabelecida de algo que já foi dito anteriormente sobre o que é considerado pertencente ao feminino e/ou ao masculino. Essa lógica, socialmente imposta, não dá conta da complexidade do sujeito (ROSA; BRESOLIN, 2021, p. 2).

Como acrescenta Coelho (2006, p. 109), “o sujeito que interessa à psicanálise é o sujeito do inconsciente, é o sujeito clivado, sem qualidades, vazio, caracterizado pela possibilidade constante de vir a ser.” Sujeito barrado (\$), ele está marcado pela possibilidade, uma vez que é vazio de toda e qualquer substancialidade.

“Efeitos de verdade” (BUTLER, 2017, p. 236), corpos “não podem ser nem verdadeiros nem falsos, mas somente produzidos como efeitos de um discurso”. Seguindo a lógica de Butler, que está amparada em uma compreensão discursiva de corpo, é possível afirmá-lo, então, como algo que está entre fronteiras movediças. Deste modo, por ser movediço e não estabilizado, pode o corpo estar suscetível a outras discursividades e, portanto, outras formas de sexuação porque o sujeito é indeterminado. Lugares construídos pela linguagem, não é a noção de gênero pensada aqui a partir de suas relações essencialistas e/ou anatômicas.

Ainda que apontemos gênero com suas categorias como construtos, prisões, arcabouços que buscam estabilizar o sentido, Preciado (2022) aponta a transexualidade como uma jaula escolhida e redesenhada. Diz o autor que a jaula, “dourada, desta vez”, é tão sólida quanto as anteriores. É dourada, agora, devido à sua condição de doutor e porque, enquanto filósofo, atingiu o nível cultural de um homem burguês ocidental, durante o tempo em que o caminho representou, para a maioria dos e das transexuais, um teste assustador.

É importante observar como os discursos da medicina, da psiquiatria e da própria psicanálise funcionam com relação à trans/travestilidade, construindo-a como *monstro* a partir de suas palavras e de suas práticas clínicas. Ainda segundo Preciado (2022, p. 3), não tem o sujeito trans, nessas esferas de poder, a “possibilidade de falar com conhecimento especializado” sobre sua própria condição, “nem a possibilidade de produzir um discurso ou uma forma de conhecimento” sobre si mesmo. É preciso,

antes, apoderar-se da linguagem dominante, a “língua do patriarcado colonial” para se fazer entender em meios de poder.

Imerso o sujeito em uma rede de significações que tem como pressuposto a diferença sexual, a própria ideologia age como máquina de produzir verdades, com micropoderes que operam sobre o corpo e moldam o comportamento.

Para não cair em uma forma de psicologismo essencialista a respeito de uma noção de identidade fechada, unívoca, noção da qual procuramos distanciamento, dada a sua categoria estática e de recusa ao inconsciente, trazemos à luz de nossas elucubrações outro trecho de Preciado, por sua lucidez e leitura apurada acerca das relações de poder que se estabelecem e se sustentam sobre a noção em questão. Trata-se de um excerto de um relatório para uma academia de psicanalistas, que reproduzimos aqui como contraste e como problematização realizada pelo autor no que concerne a uma interpretação da ideia de identidade enquanto produto:

Mas por que vocês estão convencidos, queridos amigos binários, que só os subordinados têm uma identidade? Por que vocês estão convencidos de que somente muçulmanos, judeus, bichas, lésbicas, transexuais, suburbanos, migrantes e negros têm ma identidade?

E vocês, vocês são os psicanalistas normais, hegemônicos, brancos da burguesia, os binários, os patriarcas coloniais, sem identidade? Não há identidade mais esclerótica e rígida do que a sua própria identidade invisível. Que a sua universalidade republicana. Sua identidade leve e anônima é o privilégio da norma sexual, racial e de gênero. *Ou todos nós temos uma identidade, ou não há identidade.* Todos nós ocupamos um lugar diversificado em uma complexa teia de relações de poder. Ser marcado com uma identidade significa simplesmente não ter o poder de nomear a própria posição de identidade como universal. (PRECIADO, 2022, p. 11, *grifos nossos*).

Preciado critica o positivismo em torno da noção de identidade na qualidade de noção que se (trans)forma à medida que os sujeitos são representados ou interpelados ideológica e culturalmente. O processo pelo qual passa Nicole, ao falar sobre questões de sua subjetividade, sofre uma série de intervenções discursivas – sociais e patológicas – que repercutem no próprio encadeamento sintático ao responder às perguntas do Jornal do Nuances. ***Aquela característica masculina eu achava muito ruim*** (a figura do pai sem sentimento), ***enquanto que a característica feminina eu gostava*** (o corpo, a expressão de maior beleza e maior agradabilidade), ***mas também achava ruim*** (porque não queria se submeter à dominação e opressão

masculina). **Então, eu ficava assim** (o entrelugar como falha estrutural do corpo, como espaço de indefinição): **nem homem, nem mulher**.

Em uma formação social que crê na gestão e na ordem natural das coisas, fica o caráter inconsciente do sujeito de lado, com suas incoerências e revoltas incompreendidas, lançadas ao poço das adaptações. Lacan (1985, p. 57) diz que revolução nem sempre é subversão, mas, por vezes, o que chamamos revolução “está destinado, por seu enunciado mesmo, a evocar o retorno”. À vista disso, outra pergunta se impõe: existe algo no discurso de Nicole que subverta o que os significantes homem e mulher designam? O que eles fazem significar ao sacudir os estatutos de gênero? Em psicanálise, o significante é vazio de um significado-todo, o que é equivalente a dizer que ele está em aberto ao que pode *vir a ser* e ao que pode *vir a significar*.

Para Lacan (1992, p. 158), “os discursos nada mais são do que a articulação significante, o aparelho, cuja mera presença, o status existente, domina e governa tudo o que eventualmente pode surgir de palavras. São discursos sem palavras, que vêm em seguida alojar-se nele.” Dito de outra forma, muito mais do que uma coleção de palavras amontoadas entre si, os discursos são, de acordo com o pensamento lacaniano, um aparelho significante capaz de moldar ideias.

Sobredeterminado por uma pluralidade de fatores, sociais e linguístico-discursivos, o sujeito se significa, em conformidade com o que acentua Leandro-Ferreira (2010, p. 11), na tensão que se figura entre a sobredeterminação e o desejo, como noções conceituais, de análise e de simbolização que não se dissipam. Embora sobredeterminado por fatores interiores e exteriores ao desejo, o sujeito, em condição de transitoriedade, vai se deslocando, identificando-se e desidentificando-se com as traduções de si.

Em um jogo de significações ou em uma guerra como cenário onde se disputam os sentidos, a pessoa trans cruza os limites entre os sexos, no entanto, sob a ameaça do regime da diferença sexual, formado por uma série de micropoderes.

O funcionamento da ideologia sobre o corpo passa pela compreensão de que este precisa ser uno e harmônico, cujos conflitos, que insistem em furar as frestas e apresentar-se, sejam apagados, silenciados. Como estrutura que se impõe ao sujeito (ALTHUSSER, 1986), a ideologia forma o corpo unívoco, cuja possibilidade de significação deve ser apenas uma. A não ambiguidade do corpo é causa do funcionamento ideológico sobre o corpo. Essa relação produz efeitos como os que

podem ser captados em SD6. A **mulher de verdade** de que se fala deve possuir, em seu corpo, as genitálias que façam referência ao seu gênero. O **equilíbrio** é a estabilidade do sentido que o funcionamento ideológico busca produzir.

Ler o corpo, portanto, é entendê-lo em seu funcionamento ideológico, isto é, enquanto objeto simbólico, compreendê-lo como noção que sofre atravessamentos originários da ideologia. Heterogêneo, pode ele não somente ser determinado pela exterioridade como se determinar devido à sua historicidade e desejo.

Como objeto suscetível à interpretação, o corpo é, ainda, passível de equívoco, pois não há, segundo Orlandi (2007), “univocidade entre pensamento/mundo e linguagem”.

Sob a forma de uma aparente evidência, o dizer sobre o corpo feminino, histórico e ideologicamente estabilizado, possibilita a montagem de um imaginário a respeito da transexualidade. O dizer científico-biológico¹⁴ sobre o corpo cria condições que facilitam a reprodução de normativas, instituindo normas que devem ser seguidas, sob pena de interdição.

Na contramão de uma compreensão essencialista sobre o corpo, em Análise do Discurso, o simbólico, o histórico e o social entrecruzam-se como noções que, no embate, complementam-se.

A respeito da desconsideração do determinismo biológico, Grosz (2000, p. 84) afirma:

[...] o corpo deve ser visto como um lugar de inscrições, produções ou constituições sociais, políticas, culturais e geográficas. O corpo não se opõe à cultura, um atavismo resistente de um passado natural; é ele próprio um produto cultural, o produto cultural. (GROSZ, 2000, p. 84).

Assim como enunciados linguísticos estão assinalados por uma historicidade, não está o corpo dissociado de sua inscrição simbólica na história, o que implica questionar: é o corpo, também, discurso? É salutar pensar, assentado em uma análise materialista de discurso, que efeitos de memória – sobre o corpo trans, sobre a

¹⁴ Optamos por reproduzir o binômio “científico-biológico” como discurso que produz efeito de evidência sobre o que se compreende por ciência na contemporaneidade. O estatuto de ciência dado à biologia produz sentidos sobre a noção de corpo feminino e, invariavelmente, sobre corpos trans, validando ou invalidando a estrutura corpórea de acordo com o que se conceitua nesse campo de estudos.

trans/travestilidade – repetem-se, modificam-se, opondo-se ou não a enunciados definitórios.

Emerge sempre como questão de análise, no entanto, a ratificação do heterossexismo como máquina psíquica/estrutural de poder, ao agir, na engenhosidade de seu funcionamento, como base reguladora do sentido. Por isso, busca-se produzir, com a análise, a ruptura da evidência mascarada da cisheterossexualidade, com suas lógicas e estatutos de ciência.

É necessário que se coloque o corpo sob suspeita, sob dessuperficialização, de modo a não ser definitiva a constituição identitária do sujeito, uma vez que trabalhamos, aqui, com a noção de sujeito histórico, interpelado ideologicamente. Dada a porosidade das formações discursivas, pode o sujeito aventurar-se em novas discursividades, irrompendo em novas significações e formas de ser. É o sujeito da AD constantemente ressignificado, como apresenta-se Nicole nas SDs trabalhadas, em confronto com as definições sobre masculinidade e feminilidade, em busca por um lugar de definição para além dos muros de gênero.

O discurso *nuanceiro* converge com esse efeito, embora as contradições também apresentem-se como constituintes de seu discurso. Isto é, o que se expressa no discurso de Nicole e no discurso do Jornal do Nuances é o rechaço às estratégias de silenciamento e definições imperativas operadas pelas ideologias dominantes, que se mostram por meio das mídias hegemônicas e do discurso do Outro. A estereotipização do corpo e do sujeito LGBTTI+ sempre se mostrou como problemática para o Jornal, que abraçou o discurso de luta e enfrentamento contra a normalização do preconceito e dos rótulos atribuídos à classe.

A transgressividade da palavra e do corpo em relação à heteronormatividade funcionou conjuntamente com as tensões político-sociais que se estabeleceram no seio do Movimento Homossexual Brasileiro. As ambiguidades, limites e contradições encontradas nada mais são do que estratégias de funcionamento que deploram a domesticação produzida pelo discurso heteronormativo. Enquanto a mídia e a sociedade em geral valorizam o gay e o transexual bem-sucedido e em sua discrição, o Jornal vai atuar como agente possibilitador de espaços outros, onde podem falar a bicha afeminada e a transexual que não consegue se definir em nenhum dos gêneros.

Contra-hegemônico – no entanto, ainda fazendo uso de elementos próprios à ideologia dominante – o discurso *nuanceiro* trabalha, a seu modo, como *arma* no combate à exclusão social de pessoas com suas cidadanias prejudicadas. O discurso

do jornal, ainda que não se prive de reproduzir a dominação, como a interpretação do corpo que não pode escapar à lógica binária, consegue produzir, por intermédio da falha e do desejo, afetações na ordem do discurso que institucionaliza o saber.

Em suma, esse sujeito-linguagem do qual aqui falamos, historicizado, se constrói em uma relação de regularidades e dissipação de discursos, tratados, segundo Foucault (2011, p. 53) “como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram e se excluem”.

À primeira vista, é possível afirmar uma forma de contradiscurso nas modalizações do *Jornal do Nuances*, ao confrontar os padrões da heteronormatividade. Todavia, o que se impõe, em sua complexidade e como significação potente, é uma forma de resistência que se realiza a seu modo próprio. A ruptura de Nicole com o conjunto de elementos e símbolos que regem o sistema da masculinidade não acontece sem que ela, enquanto sujeito-linguagem, recupere em seu discurso componentes próprios à ideologia que a domina. A resistência acontece, no entanto, ainda sob os moldes daquilo que se denomina como padrões de gênero. Arriscamos dizer que a expressão violência de gênero, por sua natureza, é redundante, pois gênero em sua essencialidade é violência e prática discursiva.

A naturalização da gramática sexo-gênero define os dispositivos da sexualidade como estruturas que restringem a experiência transexual à imoralidade, visto que essas formas de existência têm sido relegadas à marginalidade, sempre excluídas de possibilidades de subjetivação outras, com suas potências de legitimidade.

Para que, enfim, seja abandonado o espectro da abjeção e da vergonha, a transexualidade precisa habitar o mundo viável da sexuação (ARÁN, 2006, p. 59), ao estremecermos as “barreiras excessivamente rígidas e fixas – tais como as do simbólico e das estruturas de poder.”

(DES)ENLACES

A teoria da Análise do Discurso impõe a este trabalho um efeito de fechamento, como apontamentos que mais funcionam como respostas não dadas. Não apresentamos uma conclusão, assim como em todas as páginas não tratamos o sujeito do discurso em sua essencialidade, nem o corpo em seu caráter de completude, nem a mulher em sua totalidade. Afastamo-nos da exatidão do sentido para aproximarmos do efeito, daquilo que pode vir a ser.

Com partes que não se encaixam, o corpo – e, especialmente, o corpo transexual – se constitui no escape à compreensão linguística lógica e não pode existir em sua integralidade. Ele coloca em questão a contradição quando operacionaliza o discurso de que não é nem uma coisa, nem outra, ao mesmo tempo em que pode ser as duas coisas simultaneamente ou uma delas apenas.

Com ideologia e inconsciente funcionando materialmente, observamos como a falta e o desejo, constituintes do sentido, agem na formação da subjetividade, transformando o indivíduo em sujeito, desterritorializando-o ao quebrar seus vínculos com referentes biológicos positivistas e colocando-o em outro patamar: o da simbolização.

O círculo da repetição que se rompe e se refaz rapidamente estabelece em nossas análises que o sujeito é jamais imóvel ou incapaz de se rearranjar em diferentes possibilidades de significação. É justamente a mobilidade do sentido que determina a inviabilidade de um encerramento neste momento. Procuramos observar o corpo que desobedece às fronteiras do gênero e questiona a ordem ideológica que o domina, ao buscar formas de escapar da dominação e da estabilização do sentido. Nesse movimento, o sujeito joga discursivamente e inscreve-se em outras formas de subjetivação, empenhando-se na criação de espaços discursivos, nos quais sejam viáveis a própria existência a partir de uma posição-sujeito outra no próprio domínio da ideologia dominante. Movimentos de resistência que se realizam em um mundo semanticamente determinado, sem dar-se conta de processos que lhe são anteriores.

Quando o sujeito se diz ***nem homem, nem mulher***, qual é o significante capaz de dar conta do que se apresenta nesse entrelugar, simbólico, mas tão material quanto a própria binaridade de gênero? A lógica disjuntiva força o sujeito a aderir a um sentido e, nesse embate entre sujeito e ideologia, a falha no ritual ideológico permite certa liberdade para que se signifique de outra maneira, com a fresta que se abre em seu

discurso. Isto é, ainda que o discurso médico-científico trabalhe na determinação biológica do corpo, Nicole enuncia que não pertence ao masculino nem ao feminino, mas que, em uma contradição, é também mulher – em sua não totalidade, enquanto não realiza a cirurgia de redesignação, como analisamos –, contudo, uma mulher.

O simbólico, ao se distanciar da fixidez que o significado estaria impondo ao significante, “torna-se o domínio no qual a sexuação se emanciparia da ideia de tipos ideais dados, a partir dos quais os sujeitos passivamente se identificariam” (AMBRA, 2022, p. 340). Nesse sentido, simbolicamente falando, ser homem, mulher, gay, trans, travesti etc. não é pertencer a uma identidade rígida, seguindo *scripts*, mas representar uma performance (ou um processo) que pode ser realizada com diferentes graus de liberdade. Essas performances, especialmente quando falamos de uma (trans)sexualidade, permitem o movimento e a vida dentro de uma posição social dada, de tal modo que a pessoa poderia se expressar de diferentes maneiras, de acordo com suas preferências subjetivas, sem que isso se torne a quebra do laço social ou a expulsão da vida em comunidade.

De acordo com Cassana (2016, p. 121), “é preciso designar sempre, é preciso nomear sempre, como uma tentativa de atribuir sentido ao insuportável vazio que nem sujeito nem língua podem aceitar.”

SD4.1: [...] eu ficava assim: nem homem, nem mulher.

SD4.2: Mas aí eu consegui encarar e aceitar o meu lado masculino e comecei a criar coragem de definir que o meu corpo, a minha expressão de maior beleza, de maior agradabilidade, é feminina.

Os sentidos de homem e de mulher, rejeitados e retomados pelo sujeito, geram desestruturações nas redes de significação, uma vez que o sujeito, por meio da contradição, nega os saberes e as determinações advindas da FD de gênero (SD4.1), mas, apesar disso, os estereótipos do feminino são repetidos em seu discurso (SD4.2). Com isso, queremos dizer que a relação do sujeito com os sentidos é determinada historicamente, o que convém dizer que os dispositivos de produção de sentidos sofrerão mudanças, afetando seu desenho no relacionamento com inconsciente, desejo, história e ideologia.

Atravessado por uma FD que o domina, o sujeito situa-se em uma encruzilhada, na qual deve escolher – não por livre e espontânea vontade, lembremos, pois é interpelado – que posição irá ocupar na cena que se apresenta para ele. Assim, o

sujeito precisa responder à demanda do Gênero como grande Outro que se impõe sobre a sua vivência. A posição-sujeito de Nicole, em sua tomada de posição com relação ao sexual, é porosa, perfurada, provocando deslizamentos e quase escapes às exigências do discurso dominante. Nossa questão é sobre como o sujeito se move entre dois pontos binários: o lado masculino e o feminino.

Esses desdobramentos apresentam-se como problemática, uma vez que o sujeito é forçado a ocupar um lugar binário e disjuntivo – ou isso ou aquilo –, sem haver espaço para a equivocidade. Em uma FD de gênero, não poderia o sujeito não ser homem, nem ser mulher, ou, mais ainda, não ser homem, nem mulher, mas, ainda assim, ser uma mulher de verdade.

Talvez, a questão aqui não seja mais sobre qual lugar ocupa a transexualidade entre os significantes homem e mulher, mas o real de um corpo sem continuidade lógica (CASSANA, 2016, p. 123), sem uma dita coerência esperada no seio de uma FD que se demonstra dominante. As perguntas se reformulam: que efeito produz a transexualidade nos campos de saber sobre gênero e sexualidade? Como pode o transexual ousar desvincular-se das patologias e regulamentações que, até pouco tempo, eram definidoras dos sentidos sobre ele?

Essa possibilidade de subjetivação cria espaços discursivos para Nicole, como corpo vivo que se manifesta em outros arranjos de gênero. Esse breve epílogo, portanto, funciona de modo diferente neste trabalho, uma vez que não iniciamos o texto a partir de arquétipos tradicionais, com a finalidade de obter um resultado incontestável, mas como janela que se abre para outras produções, igualmente preocupadas com o funcionamento do discurso e como ele pode produzir sentidos, em diferentes condições de produção.

A incompatibilidade e sentimento de inadequação do transexual com seus referentes biológicos, postos em questão aqui, figuram, até este tempo, a construção simbólica do corpo disforme, “monstruoso”, segundo palavras de Preciado.

Pontuamos que o corpo se constitui (e resiste) na operacionalização lógico-binária, ao ser exigido que se signifique enquanto homem ou mulher, com características e funcionamentos próprios à subjetividade que não podem, simultaneamente, pertencer a ambas as categorias masculino/feminino. A transexualidade nos leva a refletir sobre a abertura que ocorre na concepção falocêntrica de gênero, uma vez que a transgeneridade e a travestilidade desestabilizam as noções de corpo generificado. A oposição binária, como matriz que

fundamenta os corpos, se desfaz e, em seu lugar, emerge a não estagnação da pessoa transexual, que se situa na oposição e na disjunção de gênero.

Então, a pergunta: conseguem a transexualidade – e outras sexualidades dissidentes – resistir à coerção da norma que se impõe por intermédio da formação ideológica? Nossa resposta é que o discurso de Nicole perturba a imagem de corpo e de mulher que se faz no interdiscurso e se reproduz no intradiscurso. Ao criar um semblante para si, o sujeito do discurso sacode a determinação de uma interpretação apenas e, por meio de sua narrativa, dá espaço ao rearranjo de sua constituição subjetiva, transformando a regularidade do sentido em uma não-previsibilidade. Logo, acontece uma torção no ideal de corpo e de mulher que se desfaz na trama do discurso e do desejo, porque Nicole abandona momentaneamente as determinações sócio-históricas e estéticas que se instituem como verdades.

A transexualidade como experimentação política, como processo inquietante e que instaura a incerteza nos faz perscrutar o questionamento, a contradição e a dúvida como pontos que promovem um certame de disputa para o sentido de corpo, de mulher, de sujeito LGBTTI+.

Dito isso, é impossível falar sobre questões do universo LGBTTI+ sem que o medo, o preconceito e a discriminação sejam mencionados. Estes, que transformam a vida dos e das transexuais em reprovação. Buscamos, assim, maneiras de simbolizar, de transformar o horror e a angústia que produzem morte em propulsores para a vida, por meio da luta e da resistência operacionalizada pelo sujeito, que se rebela, que nega e que não se formata às normas e nem aos imperativos de gênero.

Nicole, posta a se significar de uma determinada maneira a partir de uma organização estrutural e discursiva que a define e designa como mulher adjetivada (ela é mulher trans, porque precisa estar demarcado o lugar que ocupa na cena), deixa em suspenso lugares de gênero comuns: o masculino, o feminino, que a própria cultura tratou de engendrar como fronteiras que não podem ser ultrapassadas.

Mas Nicole provoca fissuras no determinado porque sua transexualidade está a serviço da interrupção da imobilidade do sentido, em benefício da produção de uma zona de estranhamento. É a partir desse estranhamento que se forma o nosso desejo de lutar contra um *cistema* que privilegia dizeres, corpos e vivências em detrimento de nossas diferenças sexuais, que deveriam ser apenas nossas e não parte de uma superestrutura que oprime os dissidentes.

Nossa inquietação frente ao conservadorismo, que está sempre à espreita como horizonte de morte, deve impulsionar a nós todos a pensar sobre a emergência de outras sexualidades que estão surgindo, bem como deve nos encorajar, também por meio de empreendimentos teóricos e de análise, a compreender formas distintas de lidar com o gênero e o que demais é do campo sexual.

Assim, a reflexão teórica deve ter a obrigação social de explicitar horizontes de transformação possíveis, mas, como realizar isso, sem levar em consideração o esforço pulsional que acontece no centro de movimentos sociais que reivindicam suas “identidades” como legítimas e existentes, organizando-se ao redor da luta política e em torno da defesa por uma causa identitária?

Questionamos a categoria conceitual identidade, mas não sem ter em consideração que, nos bastidores da organização popular *queer*, existe uma demanda genuína por reconhecimento. Assim, por se tratar de um trabalho situado no campo teórico-analítico da Análise do Discurso, com as implicações da psicanálise para o entendimento do sujeito, questionamos a primazia da consciência e da identidade ao propor uma reflexão cuja observação passasse pela noção de sexuação. Nesse sentido, uma vez apontado esse problema, elegemos o emprego do conceito de *identificação*, como processo e como método importante para a sexualidade e a constituição subjetiva. Pontua Ambra (2022, p. 524) a respeito da noção de identificação que “se de um lado temos o núcleo polimorficamente pulsional, não todo e contingente, do outro temos aquele da alienação, da necessidade e da constituição subjetiva.”

Ainda segundo o autor, a leitura de sexuação em Lacan nos permite afirmar que a identificação ocorre na tensão entre uma escolha do sujeito e sua inserção em uma determinada comunidade. Desse modo, em outras palavras, a sexuação, enquanto processo, pode ser influenciada tanto pela escolha pessoal do indivíduo quanto pelas normas sociais e culturais de seu grupo.

A partir da noção de identificação enquanto um processo que se realiza no e com o sujeito, poderia este mudar de posição perante o Outro, transformando-se, já que é o sujeito do inconsciente, dividido e com lugar não determinado?

Ao passo que a determinação ideológica dominante impõe referências – de corpo, de gênero, de sexualidade –, às quais a pessoa LGBTTI+ estaria submetida, o movimento do sujeito é o de contradição, como falado, porque identifica-se com o

discurso dominante sobre si, mas o repele e o contesta, como processo de insubmissão ao discurso de dominado.

Como laço que realizamos com o outro por meio da linguagem, por meio dela também podemos (re)criar narrativas, (re)interpretar o sentido da norma e, assim, transformar o sofrimento do corpo ao compreendê-lo como materialidade significativa que aponta para algo que insiste em escapar. Mas escapar do horizonte de morte, do lugar de onde nos dizem que devemos permanecer.

Desse modo, com o efeito de fim das análises, suspeitamos de que Nicole é uma mulher possível por todos os rearranjos que realiza no discurso, por sua não determinação a partir de uma compreensão heterocompulsória e por desobedecer a referentes fálicos.

Assim, pontuamos que as fronteiras de gênero e corpo, tão metodicamente demarcadas pela ideologia dominante, tendem, agora, a ser reconsideradas, tornando-se mais borradas. Em outras palavras, mesmo que tão atravessada pelas noções e ideais de gênero, a transexualidade revelou a instabilidade e a ambivalência do corpo, a partir de sua fragilidade conceitual e ainda que tão determinado por uma lógica discursiva binária e disjuntiva.

Nesse sentido, o *Jornal do Nuances* mostrou-se fascinante por suas inesgotáveis possibilidades, e por permitir que análises e questionamentos, como os propostos aqui, fossem levantados no passado, quando tudo era mais difícil para o sujeito que erra. Possibilitar o discurso de Nicole é “colocar o pé na porta” e sair do armário, pela provocativa que exerce por meio da linguagem. Através do grito de resistência, que se materializa de tantas formas possíveis e escapa a simbolizações com sentido único, o discurso de Nicole nos mobiliza a pensar sobre o que é da ordem do nominável e da designação – o corpo, o sexo, o gênero – e, também, sobre o que é da ordem do indizível, como o Real que se impõe na trama de nossas questões sociais. Assim, “a mulher de verdade” não existe, pois só pode existir na pluralidade e na diversidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALQUATTI, Raquel. Assujeitamento. In: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (org.). **Glossário de termos do discurso**: edição ampliada. São Paulo: Pontes Editores, 2020. Cap. 4. p. 33-37.

ALQUATTI, Raquel. Sujeito. In: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (org.). **Glossário de termos do discurso**: edição ampliada. Campinas: Pontes Editores, 2020. Cap. 48. p. 281-285.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. Lisboa: Editorial Presença, 1970.

ALTHUSSER, Louis. **Pour Marx**. Paris: Editions La Découverte, 1986.

AMBRA, Pedro. **O ser sexual e seus outros**: gênero, autorização e nomeação em Lacan. São Paulo: Blucher, 2022. 512 p.

ARÁN, Márcia Ramos. A transexualidade e a gramática normativa dos sistemas de sexo-gênero. **Ágora**: revista de divulgação científica, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 49-63, 2006.

BARROSO, Fernando Luiz Alves. **Jornal do Nuances**: a prática midiática de uma ONG de Porto Alegre - RS para o confronto político entre o “gay classe média” e a “bicha bafona”. 2007. 305 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4581>. Acesso em: 8 fev. 2023.

BECK, Maurício.; MARCEL DA S. ESTEVES, Phellipe. O sujeito e seus modos: identificação, contraidentificação, desidentificação e superidentificação. **Leitura**, [S. l.], v. 2, n. 50, p. 135–162, 2014. DOI: 10.28998/2317-9945.2012v2n50p135-162. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/1152>. Acesso em: 20 ago. 2022.

BRASIL, Lei nº. 11.340, de 7 de agosto de 2006, (**Lei Maria da Penha**). CAMPOS, Amini Haddad; CORRÊA, Lindinalva Rodrigues.

BRESSAN, Mariele Zawierucka. Corpo. In: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (org.). **Glossário de termos do discurso**: edição ampliada. São Paulo: Pontes Editores, 2020. Cap. 8. p. 55-60.

BUTLER, Judith. **Os atos performativos e a constituição do gênero**: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Rio de Janeiro: Edições Chão de Feira, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CÂMARA, Gabriel Ferreira. A formação do eu e o poder da psicanálise. **Cógito**, Salvador, p. 20-25, 2010.

CASSANA, Mônica Ferreira. **Corpos impossíveis**: a (des)ordem do corpo e a ambivalência da língua no discurso transexual. 2016. 164 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/143139>. Acesso em: 05 jan. 2023.

CASSANA, Mônica Ferreira. Sujeito, discurso e identidade de gênero: o olhar como gesto de resistência na Análise de Discurso. **Linguagem & Ensino (UCPel)**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras, Pelotas, p. 118-133, jul. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15169>. Acesso em: 17 jan. 2023.

COELHO, Carolina Marra Simões. Psicanálise e laço social: uma leitura do seminário 17. **Mental**, Minas Gerais, v. 4, p. 107-121, 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272006000100009. Acesso em: 12 dez. 2022.

COSTA, Isaac Itamar de Melo. **VRÁ (ou entre ela e eu)**: discurso de um sujeito drag queen. 2023. 185 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/255679>. Acesso em: 23 mar. 2023.

DAVID-MÉNARD, Monique. Identificação e hystéria. In: MANNONI, Maud (org.). **As identificações na clínica e na teoria psicanalítica**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. p. 69-83.

DURAS, Marguerite. **Escrever**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. 80 p. 1 v.

FACCHINI, Regina. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. **Cadernos AEL**, Campinas, v. 10, n. 18/19, p. 81-125, 2003. Disponível em: <https://repositorio.sistemas.mpba.mp.br/jspui/handle/123456789/351>. Acesso em: 20 ago. 2022.

FERREIRA-LEMONS, Patrícia do Prado. Sujeito na psicanálise: o ato de resposta à ordem social. In: SPINK, MJP; FIGUEIREDO, P; BRASILINO, J. (orgs.). **Psicologia social e personalidade**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais; ABRAPSO, 2011, pp. 89-108.

FLORENCE, Jean. As identificações. In: MANNONI, Maud (org.). **As identificações na clínica e na teoria psicanalítica**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. p. 115-134.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 21. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

GALEANO, Eduardo. **Las palabras andantes** (1993). Argentina: Siglo Veintiuno, 2000.

GOUVEIA, Maria Lígia de Aquino; SOUTO, Jailma Belarmino; SILVA JUNIOR, Edivan Gonçalves da; OLIVEIRA, Patrícia Aurília Breckenfeld Alexandre de; NOGUEIRA, Josiane de Aquino. As vias da transexualidade sob a luz da psicanálise. **Cadernos de Psicanálise**, Campina Grande, p. 187-206, 2016.

GROSZ, Elizabeth. Corpos reconfigurados. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 14, 2000. p. 45-86.

HASHIGUTI, Simone Tiemi. O corpo como materialidade do discurso. In: INDURSKY, F; LEANDRO-FERREIRA, M.C; MITTMANN, S. (orgs.). **O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras**. 1 ed. São Carlos: Clara Luz, 2009.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. **Sexo e discurso em Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

JUNG DE CAMPOS, Luciene. Interpretação. In: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. (org.). **Glossário de termos do discurso: edição ampliada**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 167-173.

JUNG DE CAMPOS, Luciene. **Imagens à deriva: interlocuções entre a Arte, a Psicanálise e a Análise do Discurso**. 2010. 157 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/27958/000765603.pdf?sequence=1>. Acesso em: 12 dez. 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LACAN, Jacques. O estádio do espelho. In J. Lacan, **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. **O Seminário: Livro 20: mais, ainda**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, Jacques. **Problemas cruciais para a psicanálise**. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 1964-1965. Publicação para circulação interna.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. **Glossário de Termos do Discurso**. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 2001.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. Análise do Discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. **Organon**, Porto Alegre, v. 24, p. 17-34, 2010.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. O corpo como materialidade discursiva. **Redisco**: Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo, Vitória da Conquista, v. 2, p. 77-82, 2013. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/redisco/article/view/2697>. Acesso em: 17 set. 2022.

MADARASZ, Norman Roland. Sexuação e genericidade: sobre a teoria do sujeito genérico em Badiou. **Sig**: Revista de Psicanálise, Porto Alegre, v. 7, p. 45-64, 2015. Disponível em: https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/11131/2/Sexuacao_e_genericidade_sobre_a_teor%C3%87a_do_sujeito_gen%C3%A9rico_em_Badiou.pdf. Acesso em: 10 out. 2022.

MODESTO, Rogério. Interpelação ideológica e tensão racial: efeitos de um grito. **Littera Online**, Maranhão, v. 17, p. 124-145, 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/38186446/INTERPELA%C3%87%C3%83O_IDEOL%C3%93GICA_E_TENS%C3%83O_RACIAL_EFEITO. Acesso em: 20 ago. 2022.

NODARI, Abner. Quanto a escrever, mais vale um cachorro vivo. In: JUNG DE CAMPOS, Luciene; BISOL, Cláudia Alquatti; NODARI, Abner (Org.). **Psicanálise, Análise do Discurso e Psicologia**: percursos. Cruz Alta: Editora Ilustração, 2022. p. 259-267.

OLIVEIRA, Eduardo Jorge de. **Inventar uma pele para tudo**: texturas da animalidade na literatura e nas artes visuais (uma incursão na obra de Nuno Ramos a partir de Georges Bataille). 2014. 356 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECAP-9HXHBP/1/tese_eduardo_jorge_vrd.pdf. Acesso em: 12 set. 2022.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni. **Discurso em análise**: sujeito, sentido, ideologia. 2. ed. Campinas: Pontes, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2007.

ORLANDI, Eni P. Análise de Discurso. In: ORLANDI, Eni P.; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (org.). **Introdução às ciências da linguagem**: discurso e textualidade. 3. ed. Campinas: Pontes Editores, 2017. p. 15-35.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso, imaginário social e conhecimento. **Revista em Aberto**, Brasília, n. 61, p. 53-59, 1994.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. 7. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. Tradução: Eni P. Orlandi.

PÊCHEUX, Michel. A análise de discurso: três épocas (1983). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. Cap. 7. p. 307-315.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. Cap. 4. p. 159-249.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PORCHAT, Patricia. Tópicos e desafios para uma psicanálise queer. In: TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. et al. (Orgs.). **Queering: Problematizações e insurgências na Psicologia Contemporânea**. Cuiabá, MT: EDUFMT, 2013. p. 73-82.

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

PRÓCHNO, Caio César Souza; ROCHA, Rita Martins Godoy. O jogo do nome nas subjetividades travestis. **Psicologia e Sociedade**, v. 23, n. 2, p. 254-261, 2011.

QUINALHA, Renan. Uma ditadura hetero-militar: notas sobre a política sexual do regime autoritário brasileiro. In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan; FERNANDES, Marisa (orgs.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018. Cap. 2. p. 15-38.

ROBERTO, Anderson Marques. Apontamentos sobre uma História da travestilidade: costume, perversão, arte e identidade. **Em Tempo de Histórias: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UnB, Brasília**, v. 39, p. 299-315, 27 set. 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/36907>. Acesso em: 02 jan. 2023.

ROSA, Bruno Rosa da; BRESOLIN, Ana Magnus. Muriel e a disputa de sentidos: o pré-construído na obra de laerte. In: X SEAD: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 10., 2021, Recife. **Anais do SEAD**. Recife: [S. N.], 2021. p. 1-3. Disponível em: <https://www.discoursead.com.br/sess%C3%B5es-coordenadas-x-sead>. Acesso em: 08 jun. 2023.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Lacan, a despeito de tudo e de todos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Tradução de: André Telles.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, Mariah Rafaela. Devir selvagem: a arte do grito (ou do grito na arte). **Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro, v. 3, p. 1-16, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/39916/29689>. Acesso em: 17 jan. 2023.

SOLER, Colette. Os nomes da identidade. **Trivium: Estudos Interdisciplinares de psicanálise e cultura**, Rio de Janeiro, p. 171-177, 2009.

SOUZA, Leonardo Barros de; DANZIATO, Leonardo José Barreira. Das relações entre identificação e nomeação: o sujeito e o significante. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 14, n.1, p. 53-61, abr. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692014000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 25 jan. 2023.

SOUZA, Pedro de. Gritos e sussurros: rasgos vocais em discurso. In: RODRIGUES, Eduardo Alves; SANTOS, Gabriel Leopoldino dos; BRANCO, Luiza Katia Andrade Castello (org.). **Análise de Discurso no Brasil: pensando o impensado sempre**. Campinas, SP: RG Editores, 2011. p. 87-106. Uma homenagem a Eni Orlandi.

STONA, José. Semblante e identidade de gênero: uma articulação possível? **Correio da APPOA**, APPOA, 2018.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Editora Objetiva. Rio de Janeiro, 2018.

VALLEJO, Américo; MAGALHÃES, Lígia C. **Lacan: operadores da leitura**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

VINHAS, Luciana Iost. O corpo na Análise de Discurso: materialidade, lugar de enunciação, subjetividade. **Revista Língua & Literatura**, Frederico Westphalen, v. 23, n. 42, p. 143-163, 05 jun. 2021. Disponível em: <https://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/3966>. Acesso em: 05 jan. 2023.

ZALCBERG, Malvine. **A relação mãe e filha**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

ZAMBRANO, Elizabeth. **Trocando os documentos: um estudo antropológico sobre a cirurgia de troca de sexo**. 2003. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/3693/000403116.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 17 jan. 2023.

ANEXOS

Anexo 1 – Capa da edição nº 1 do *Jornal do Nuances*, de janeiro de 1998



Anexo 2 – Transcrição do editorial de apresentação do *Jornal do Nuances* à sociedade, ed. nº 1 de janeiro de 1998

Apresentamos mais um integrante na luta.

Os tempos têm sido de batalha. Faz seis anos que estamos caminhando, buscando um rumo entre uma sociedade que por vezes tenta nos fazer cegos, surdos ou desprovidos de todos os sentidos. Nem sempre se sabe onde o norte está, e mesmo sem andar em círculos passamos por cenários que se repetem, personagens que já conhecemos. Muitas locações novas, porém, e muitos novos “prazer em conhecer”. A fome e a sede não são obstáculos capazes de nos parar; nem mesmo nos atrasa o medo de quem nos vê quando pensava que fôssemos invisíveis. Queremos dizer para o mundo que existimos e estamos munidos com arma poderosa: o berro!

Dando continuidade em nossa jornada, a partir de agora contamos com um incremento de munição – nosso grito vai alcançar mais gente, outras fronteiras. O jornal do nuances é nossa mais recente forma de interlocução com a sociedade.

Para nós, nuances – grupo pela livre expressão sexual, vem em boa hora este veículo mega-falante. É fundamental, para nós, expressar as ideias que viemos amadurecendo desde que nos conhecemos como gente. Discutir as ideologias que permeiam e interferem diretamente em nossas vidas. Fazer uso de uma linguagem clara e direta para varrer qualquer das formas de preconceito e propor outros entendimentos do que é tido hoje como “normal”.

Mas não só. Mais. Fazer com que saibam que nossa marcha também é uma parada, daquelas paradas em que o povo se diverte enquanto dá o seu recado. A proposta sendo discutir, polemizar, propor novas formas de pensamento e mudanças, por si não se restringe à sugestão de algo monocromático, minimal. ousamos prescrever uma dieta de prazeres. Porque ninguém é de ferro, gente! Não custa lembrar que sexo é gostoso, é saudável, combate as cáries, faz um bem enorme à pele e, acima de tudo, não causa câncer! Vamos conversar sobre Ética e Moral? Vamos debater a hipocrisia e a culpa que as assombram?

A participação de todas as entidades da sociedade civil é de vital importância no diálogo, uma vez que trabalham diretamente com a população e assim podem contribuir de forma efetiva para esse processo de transformação. Isto é um convite!

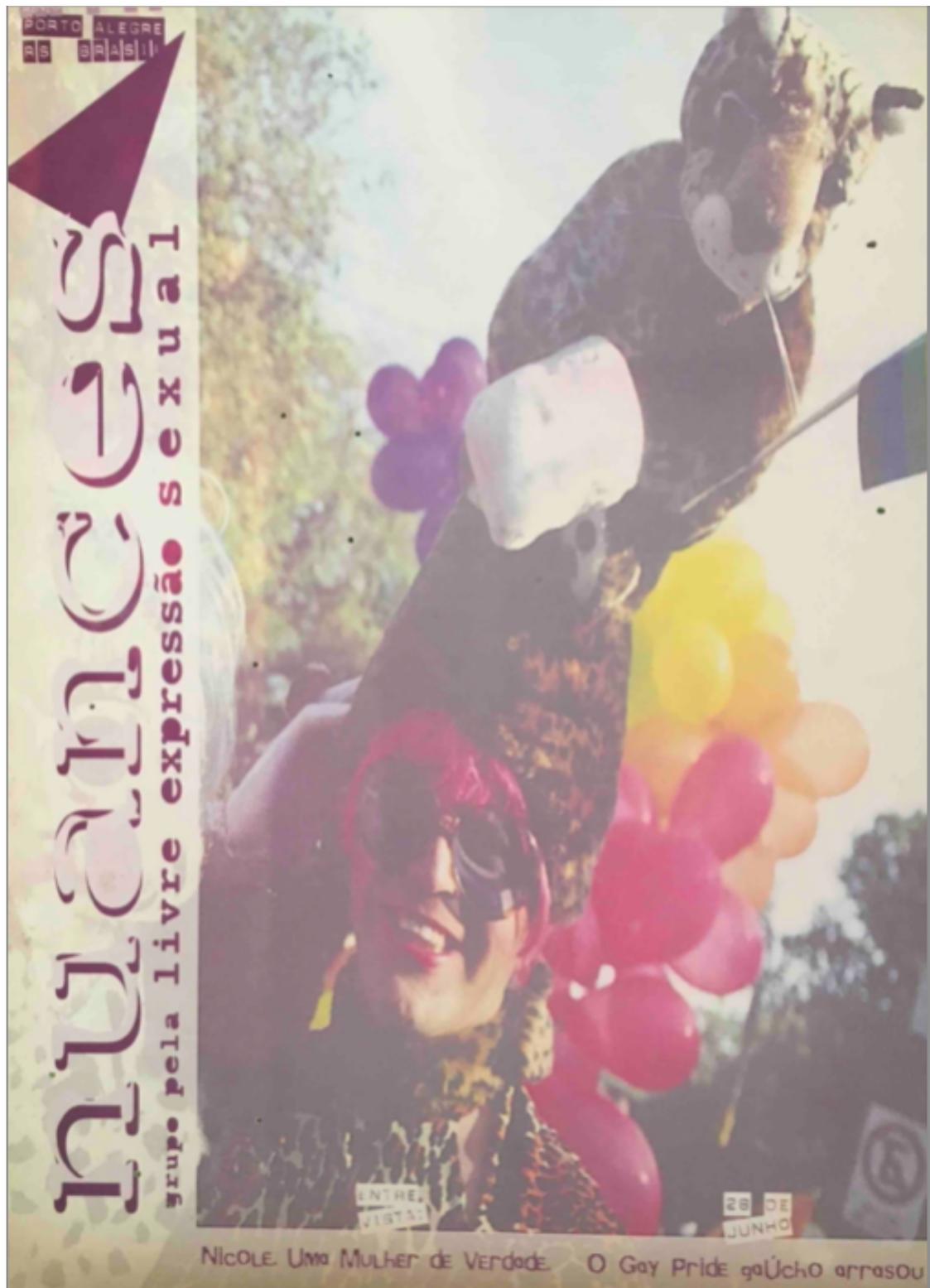
Com este periódico pretendemos trabalhar questões relacionadas com as sexualidades, quaisquer que sejam suas acepções, gênero, Direitos Humanos, AIDS, opiniões, cultura e “babados” que andam acontecendo nos cenários locais. Fica esperto!

É de nossa responsabilidade nos organizar, criando novos espaços que possibilitem dizer o que pensamos, denunciar o que acreditamos violar nossos direitos e propor ações afirmativas.

Muito temos feito. Hoje estamos com mais um integrante: este que tu estás lendo. O nuances conta com que ele dê o recado, e que seja porta de entrada para

que outros interessados venham nos conhecer. Afinal, tanto mais alto vamos falar e longe ser ouvidos quanto mais vozes à nossa se juntarem.

Anexo 3 – Capa do *Jornal do Nuances*, ed. nº 6, de 28 de junho de 1998: “Nicole. Uma Mulher de Verdade.”



Anexo 4 – Entrevista completa com Nicole

Utilidade do Corpo Inocente
A busca de corretivos para os desvios da conduta humana esconde o interesse pela padronização

Há 20 anos, mais ou menos, Habermas perguntava se as sociedades complexas seriam capazes de formar uma identidade racional de si mesmas. O problema, então, era saber: primeiro, como os grupos sociais, separados por diferenças de interesses, poderiam aceitar um ponto de vista ético posto acima das diferenças; segundo, como os indivíduos, descritos como joguetes de forças ocultas - a luta de classes, a evolução das espécies, as leis da economia, as leis da história, as moções inconscientes, etc. - poderiam guardar a noção de responsabilidade por suas escolhas humanas. A reabilitação do valor político na esfera pública, dizia ele, seria a solução. O tempo passou: a questão persiste em baixa, os indivíduos se atomizam, os grupos radicalizam seus particularismos e do vazio moral vem emergindo a engenharia humana e a tecnologia dos corpos. Nos últimos meses, a imprensa publicou sucessivas matérias sobre a determinação genética e o controle psicofarmacológico das condutas humanas. Os chamados "deprimidos" e os supostos "homossexuais" são as estrelas do espetáculo. Os deprimidos, diz-se, são pessoas com distúrbios no funcionamento do neurotransmissor conhecido por serotonina; os "homossexuais" são portadores de especificidades genéticas do cromossoma X.

Para os primeiros, já sabemos, PROZAC!; para os segundos, bem, aí varia conforme o gosto de cada um. Os militantes "gays", acham que só é motivo para reivindicarem respeito moral por suas preferências sexuais; já alguns "heterossexuais" vêem nisso uma boa razão para ortarem fetos com tal "malformação genética". A talice beira a ensatez.

Uma cultura sonambólica é incapaz de ver as consequências desta lesão científica de nossas subjetividades. Nada, na imagem de certo que temos de nós mesmos, é fixo e imutável. Assim, como endemos a ver-nos como seres que falam e agem segundo intenções ralmente dirigidas, podemos aprender a ver-nos como feixes nervosos: reagem a estímulos mecânicos ou neuroquímicos, a psicofarmacologia pode muito bem descobrir as drogas que diminuem a expressão dos indivíduos; a genética pode determinar qual a origem nosômica de cada suspiro, grito ou gemido que venhamos a dar. Ou nenhuma das duas pode fazer é criar um sujeito moralmente responsável pelo que faz, diz ou sofre, se insistir em desconhecer ou discutir as razões de nossos feitos, discursos ou sofrimentos. Muitos tistas sabem disso; a maioria dos ideólogos faz de conta que não.

Então, a "felicidade" pode ser comprada em pílulas e consideração al pelo outro é uma questão de arranjo de aminoácidos, direto aos nove fora! Em que importa saber qual a pretensa ilaridade genética de homens e mulheres que sentem atração sexual orosa por outros do mesmo sexo biológico? Alguma vez na história rrimidos conseguiram a benevolência dos opressores reclamando idade de tratamento humano, em nome da "naturalidade" de suas terísticas fisco-morais?

Invenção da dignidade moral da vida e da pessoa pode evitar a ncia do preconceito baseado em argumentos naturais. Do mesmo o, faz diferença - e muita - dizer que podemos sentir tristeza por s motivos e que, em alguns casos, é moralmente aconselhável usar camentos para aliviar o sofrimento e dizer que "depressão" é uma ão de metabolismo da serotonina.

Estonina "não sabe" o que é sentir ansiedade depressiva por conta incorrência alucinada por dinheiro e poder; por que se perdeu a ra amada; por que se é vítima de preconceitos raciais, sexuais, os, etc. ou por que supomos a existência de um eventual distúrbio químico, causa da depressão imotivada. Todos são casos de ressão"; todos possuem causas e razões completamente diversas, edem intervenções diversificadas. Inventando a idéia de que existe deprimido" ou "um homossexual" criamos ficções teóricas que, em ida, tornam-se realidades humanas. Um dia, para os que não sabem, quiatría criou "regicidas", "loucos morais", ou "criminosos ratos" nhecíveis pelo rosto, pelo tamanho do crânio, pelo peso do cérebro lo isto "cientificamente comprovado".

Idéias caducaram e nenhum ganho moral surgiu dessa definição do ito enquanto realidade biológica. Hormônios e genes não criam valores. Sabemos o que é sofrer porque conhecemos a físico-química da tonina; temos interesse no conhecimento da serotonina por que sabemos e é sofrer. Da mesma maneira, só temos interesse em conhecer "genes homossexuais", porque discriminamos moralmente pessoas que amam ras do mesmo sexo biológico. Sem isso, essa pesquisa seria absolutamente til e sem sentido.

Inocência moral de nosso corpo é útil aos que nos percebem como reles circuito das mercadorias. Já nos ensinaram que somos objetos consumidores outros objetos; agora começam a ensinar como nossos sentimentos são bricados e quais são os armazéns de peças de reposição. É preciso mais o que cadeias genéticas de antidepressivos para fazer homens responsáveis or seus atos morais.

NICOLE

Lavar, passar, cozinhar, ser mãe ser mulher, profissional e dona de casa. Dividir o tempo entre os cuidados com a filha e o trabalho. Essas são obrigações e dilemas comuns no cotidiano de todas as mulheres. E Nicole, 36 anos, capricorniana, carioca, com uma filha de 6 anos, não foge à regra. Bailarina e artista de profissão, Nicole escolheu a ciência da astrologia para explicar os seus conflitos interiores. E que conflitos! Nossa entrevistada é uma mulher sensível, calma e que conhece como poucos os universos masculino e feminino. Mas ela fez mais que conhecê-los. Fez sua opção. E a melhor notícia: é feliz com ela.

nuances: Ser mulher é uma opção ou não existe esta escolha, é algo compulsivo?
 Nicole: O feminino sempre esteve dentro. Ser contra os homens, contra a exploração do minha mãe pelo meu pai, que usava-a como empregada e também sexualmente, sem dar chance para ela retribuir afetivamente. Eu sempre tive esse consciência do feminino, de achar terrível a relação de exploração sexual da mulher pelo homem.

nuances: Mas então optaste por ser mulher e te tornar a parte explorada?
 Nicole: Não é bem isso. Eu tinha consciência de não ser homem. Por exemplo: naquela época, era comum ir para um bordel e eu ficava me perguntando como poderia fazer sexo sem sentir, sem beijar. Eu não conseguia fazer essa associação, comum para os homens. Depois de um tempo me dei conta que essa coisa de pagar para ter relação sexual, explorar e não se envolver sentimentalmente é coisa dos homens. Aí é que eu tive consciência de que eu era feminina.

nuances: Você foi criada como um menino?
 Nicole: Sim, mas eu sempre tive um corpo feminino, acinturado, até 34. Eu tinha gosto pelo feminino, mas havia aquela repressão da minha mãe escolher as roupas. Eu não podia me expressar conforme a meu gosto. Isso me causava isolamento e depressão, porque eu não queria expressar as características do meu pai, porque eram sem sentimento. Ele usava minha mãe, não gostava da criança. Aquela característica masculina eu achava muito ruim, enquanto que a característica feminina eu gostava, mas também achava ruim: eu me perguntava como a minha mãe podia servir a isso tudo. Então, eu ficava assim: nem homem, nem mulher. Mas aí eu consegui encantar e aceitar o meu lado masculino e comecei a criar coragem de definir que o meu corpo, a minha expressão de maior beleza, de maior agradabilidade, é feminina.

nuances: Quando isso aconteceu?
 Nicole: A partir do momento em que eu comecei a trabalhar com terapia, lá pelos 24 anos.

nuances: E antes como era?
 Nicole: Antes eu não tinha relacionamento sexual com ninguém. Só dançava ballet e vivia naquela parte etérea de artista sem ter corpo. Sabia que eu tinha um lado masculino e outro feminino, mas não era nada. Quando eu larguei a dança, larguei pensando: eu quero ser humana, chego do ser artificial. Eu precisava passar por alguma experiência física, ter problemas, o que as outras pessoas têm. A partir daí, quando eu comecei a avaliar e buscar alguma coisa dentro de mim, de entendimento, é que eu comecei a compreender e me expressar.

nuances: Como tua família reagiu, quando começaste a te definir como feminina?
 Nicole: Na verdade há um certo afastamento, talvez de geração. É um processo de não-comunicação com a minha família, não há troca de sentimentos, coisas que eu gostaria de conversar. Eles vivem no mundo deles e não conseguem olhar para mim como eu sou, como eu realmente

Jurandir Freire Costa é psicanalista (Título emitido pela Ffiba de São Paulo, de 136794)

nuances: Foi fácil fazer a tua opção?
 Nicole: A minha luta é pelo direito de expressar minha racionalidade, meus sentimentos, minha inteligência e o que eu considero belo. Eu sei que o corpo vai morrer, tudo vai envelhecer, mas no momento é um estímulo para eu poder trabalhar. O que eu quero no momento não é ter relações sexuais, porque eu preciso desenvolver sentimentos. Então essa consciência de que sentimento é muito mais importante do que o genital é o ponto da diferença da transexualidade.

nuances: Como é o teu dia-a-dia de mulher?
 Nicole: É uma vida de escrava. Tem sempre um monte de roupa para lavar. Minha filha está sempre sujando e eu estou limpando. Como eu não faço aquela política de bater, estou sempre explicando. Depois eu tenho que sair para trabalhar, eu tenho que cuidar para que eu tenha um bom desenvolvimento emocional e afetivo com ela, que não se quebre esse elo entre mãe e filha. Ao mesmo tempo, eu preciso cuidar das coisas e trabalhar. é um sufoco!

nuances: É fácil para uma mulher criar filhos sorinha?
 Nicole: Toda mulher quando tem filhos sazinha recorre aos pais e eu não passo, porque, politicamente, sou como se fosse um pai separado, que cuida de uma filha, mas todas as minhas responsabilidades, na verdade, me foram jogadas como se fossem de uma mãe.

nuances: Hoje você é uma mulher 24 horas por dia?
 Nicole: Sim, a partir do momento em que assumi a minha filha integralmente.

nuances: Você foi casada com a mãe dela?
 Nicole: Foi. Nós não vivemos muito tempo juntos, talvez uns 9 meses. Naquela época, embora tendo uma identidade interior feminina, a única alternativa de relacionamento sexual era com mulheres; ou, então, a abstinência. Já com homens não seria possível, porque eles teriam que me enxergar como uma mulher, não só interiormente, mas também por fora. A minha questão é sentimento. E essa a diferença entre transexuais e travestis. Estes não têm problemas de ser homem, se vestir de mulher e fazer sexo com outros homens. No meu caso, não. Eu sempre tive relacionamentos com mulheres, porque necessitava da vida emocional, sentimental que elas proporcionam, o que eu acredito, não me ocorreria numa relação homossexual. Vou fazer a operação e virar lésbica opore! (risos)

nuances: Mas você não é uma mulher?
 Nicole: Eu tenho a essência feminina, a minha estética, a minha experiência, a minha identidade, o meu posicionamento sempre foi feminino. Mas sexualmente, eu passei por um processo de liberar e aceitar o meu lado masculino e ter relacionamentos com mulheres, época em que tive meus filhos.

nuances: Você pensa em se tornar uma mulher de verdade?
 Nicole: Eu gostaria. Isso seria fundamental para que eu pudesse ter um equilíbrio. Quando eu preciso ir a um determinado lugar, como por exemplo um banco, onde eu ainda tenho um documento de homem, primeiro eles me tratam super bem, porque vêem uma moça com uma filha, toda delicada. Ai, quando eu mostro os documentos, vem toda uma carga de preconceito e é isso que eu gostaria de eliminar. Nesta entrevista, eu quero me posicionar politicamente. Eu não posso só ficar dentro de casa, cuidando da filha, porque ela está crescendo e eu tenho que ir para o mundo.

nuances: O que falta para que tu faças a operação?
 Nicole: Já existe a cirurgia em São Paulo, no Hospital das Clínicas e em São José do Rio Preto, ela é de graça e o acompanhamento leva 2 anos. Faltava a minha mudança de local, a minha sobrevivência com a minha filha, de conseguir trabalhar e ao mesmo tempo estar num local que não é aqui em Porto Alegre. Aqui eu tenho um apartamento, tenho onde morar. Se tivesse aqui em Porto Alegre num hospital, não teria nenhum problema, mas ainda não tem.



Fotos: Gláucia Lopes

nuances: Na tua cabeça já está decidido?
 Nicole: Está, mas ao mesmo tempo eu penso assim: eu já estou com 36 anos, vão demorar 2 anos para ficar questionando se eu quero realmente me operar. Eu já avalei muito e já sei o mundo terrível do feminino, de lavar, passar e já me decidi, quando eu for realizar a operação eu já vou estar com quase 40 anos e aí ninguém mais vai me querer. O mais importante é conseguir alterar os documentos. Por isso que eu já decidi, se eu não conseguir mudar meus documentos, vou continuar na política e militar para acabar com este tipo de julgamentos de que toda pessoa que se veste de mulher é travesti. Nado travesti se prostitui. Eu busco hoje resolver o problema dos meus documentos, porque isso representa meu passaporte para uma cidadania plena. Quanto menos complicar com o social, mais fácil fica. A questão é: se eu já sou uma mulher em todas as consequências, porque não posso usufruir dos seus direitos? Se eu não descobrisse como é bom ser uma mulher internamente eu nunca ia querer ser uma mulher externamente, nunca ia aceitar viver neste paraíso infernal.

nuances: Não sentes falta de um relacionamento?
 Nicole: Olha, faz tempo que não dá tempo para nada, mas eu sinto falta de um apoio material e de sustento para dar conta de casa, de roupa, de tudo, de ter maiores condições materiais. Mas não dá para projetar que um homem vai fazer isso. Até gostaria de ter um relacionamento, mas eu não tenho confiança não sendo mulher totalmente. É isso que me trava.

nuances: E como tua filha sente tudo isto?
 Nicole: Ela gosta, me trata como mãe, porque minha relação com ela sempre foi do ponto de vista feminino. Não tenho uma psicologia masculina, de valorizar mais o homem do que a mulher.

nuances: Não achas importante que ela tenha um referencial masculino?
 Nicole: Ela sabe que eu sou pai, ainda não sou mãe, mas ela gosta de mim num todo. Eu tenho que me desdobrar como mãe e pai. Tem pessoas que nem um dos papéis sabe fazer, então, se fores avaliar minha filha, vais ver que ela tem melhores condições do que outras crianças. Eu mesma nunca recebi afeto, calo do meu pai, mas, no entanto, tive a figura masculina presente. O mundo seria melhor se as pessoas tivessem consciência do feminino.

nuances: Achas mesmo que o mundo seria melhor?
 Nicole: Ai é que se encontra a ideia dos direitos humanos. De repente esta questão de luta pelo ego, de matar por conceitos, por valores, por filosofia faz parte de um mundo masculino violento, no qual se fosse valorizado a consciência da mulher, seria totalmente diferente. Ninguém nos diz: temos um lado masculino, mas de decisão, de força, de dizer "nós vamos vencer". Existe uma força neste masculino para incentivar a gente a lutar na vida. Mas não aquele masculino que oprime a mulher, que trata a mulher como inferior, subjugando pela idolatria peniana e falocrata. Por isso, eu sempre ressalto para minha filha o valor da mulher, de que ser mulher é uma coisa muito boa e isso dá a ela força.

nuances: Já foste agredida por preconceito?
 Nicole: Quando eu comecei a expressar meu feminino, algumas pessoas invejosas, que me conheciam antes, começaram a criar intrigas. Minha filha não pode brincar no playground do meu prédio porque já foi alvo de perseguição por ter uma mãe que não se enquadra no padrão do dito "normal". O principal problema é a questão social, política e de cidadania. Eu gostaria de lutar pela minha cidadania, da minha identidade e, também, de participar da sociedade levando a minha filha para a escola, indo ao banco, sem preconceitos.

Anexo 5 – Transcrição da entrevista completa com Nicole, ed. nº 6 de 28 de junho de 1998

Lavar, passar, cozinhar, ser mãe, ser mulher, profissional e dona de casa. Dividir o tempo entre os cuidados com a filha e o trabalho. Essas são obrigações e dilemas comuns no cotidiano de todas as mulheres. E Nicole, 36 anos, capricorniana, carioca, com uma filha de 6 anos, não foge à regra. Bailarina e artista de profissão, Nicole escolheu a ciência da astrologia para explicar os seus conflitos interiores. E que conflitos! Nossa entrevistada é uma mulher sensível, calma e que conhece como poucos os universos masculino e feminino. Mas ela fez mais que conhecê-los. Fez sua opção. E a melhor notícia: é feliz com ela.

Nuances: Ser mulher é uma opção ou não existe essa escolha, é algo compulsivo?

Nicole: O feminino sempre esteve dentro. Ser contra os homens, contra a exploração da minha mãe pelo meu pai, que usava-a como empregada e também sexualmente, sem dar chance para ela retribuir afetivamente. Eu sempre tive essa consciência do feminino, de achar terrível a relação de exploração sexual da mulher pelo homem.

Nuances: Mas então optaste por ser mulher e te tornar a parte explorada?

Nicole: Não é bem isso. Eu tinha consciência de não ser homem. Por exemplo: naquela época, era comum ir para um bordel e eu ficava me perguntando como poderia fazer sexo sem sentir, sem beijar. Eu não conseguia fazer essa associação, comum para os homens. Depois me dei conta que essa coisa de pagar para ter relação sexual, explorar e não se envolver sentimentalmente é coisa dos homens. Aí é que eu tive consciência de que eu era feminina.

Nuances: Você foi criada como um menino?

Nicole: Sim, mas eu sempre tive um corpo feminino, acinturado, pé 34. Eu tinha gosto pelo feminino, mas havia aquela repressão da minha mãe escolher as roupas. Eu não podia me expressar conforme o meu gosto. Isso me causava isolamento e depressão, porque eu não queria expressar as características do meu pai, porque eram sem sentimento. Ele usava minha mãe, não gostava de criança. Aquela característica masculina eu achava muito ruim, enquanto que a característica feminina eu gostava, mas também achava ruim: eu me perguntava como a minha mãe podia servir a isso tudo. Então, eu ficava assim: nem homem, nem mulher. Mas aí eu consegui encarar e aceitar o meu lado masculino e comecei a criar coragem de definir que o meu corpo, a minha expressão de maior beleza, de maior agradabilidade, é feminina.

Nuances: Quando isso aconteceu?

Nicole: A partir do momento em que eu comecei a trabalhar com terapia, lá pelos 24 anos.

Nuances: E antes como era?

Nicole: Antes eu não tinha relacionamento sexual com ninguém. Só dançava ballet e vivia naquela parte etérea de artista sem ter corpo. Sabia que eu tinha um lado masculino e outro feminino, mas não era nada. Quando eu larguei a dança, larguei pensando: eu quero ser humana, chega de ser artificial. Eu precisava passar por alguma experiência física, ter problemas, o que as outras pessoas têm. A partir daí,

quando eu comecei a avaliar e buscar alguma coisa dentro de mim, de entendimento, é que eu comecei a compreender e me expressar.

Nuances: Como tua família reagiu, quando começaste a te definir como feminina?

Nicole: Na verdade há um certo afastamento, talvez de geração. É um processo de não-comunicação com a minha família, não há troca de sentimentos, coisas que eu gostaria de conversar. Eles vivem no mundo deles e não conseguem olhar para mim como eu sou, como eu reivindicava as coisas. Não há um intercâmbio.

Nuances: Foi fácil fazer a tua opção?

Nicole: A minha luta é pelo direito de expressar minha racionalidade, meus sentimentos, minha inteligência e o que eu considero belo. Eu sei que o corpo vai morrer, tudo vai envelhecer, mas no momento é um estímulo para eu poder trabalhar. O que eu quero no momento não é ter relações sexuais, porque eu preciso desenvolver sentimentos. Então essa consciência de que sentimento é muito mais importante do que o genital é o ponto da diferença da transexualidade.

Nuances: Como é o teu dia a dia de mulher?

Nicole: É uma vida de escrava. Tem sempre um monte de roupa para lavar. Minha filha está sempre sujando e eu atrás limpando. Como eu não faço aquela política de bater, estou sempre explicando. Depois eu tenho que sair para trabalhar, eu tenho que cuidar para que eu tenha um bom desenvolvimento emocional e afetivo com ela, que não se quebre esse elo entre mãe e filha. Ao mesmo tempo, eu preciso cuidar das coisas e trabalhar. É um sufoco!

Nuances: É fácil para uma mulher criar filhos sozinha?

Nicole: Toda mulher quando tem filhos sozinha recorre aos pais e eu não posso porque, politicamente, sou como se fosse um pai separado, que cuida de uma filha, mas todas as minhas responsabilidades, na verdade, me foram jogadas como se fossem de uma mãe.

Nuances: Hoje você é uma mulher 24 horas por dia?

Nicole: Sim, a partir do momento em que assumi a minha filha integralmente.

Nuances: Você foi casada com a mãe dela?

Nicole: Fui. Nós não vivemos muito tempo juntos, talvez uns 9 meses. Naquela época, embora tendo uma identidade interior feminina, a única alternativa de relacionamento sexual era com mulheres; ou, então, a abstinência. Já com homens não seria possível, porque eles teriam que me enxergar como uma mulher, não só interiormente, mas também por fora. A minha questão é sentimento. É essa a diferença entre transexuais e travestis. Estes não têm problemas de ser homem, se vestir de mulher e fazer sexo com outros homens. No meu caso, não. Eu sempre tive relacionamentos com mulheres, porque necessitava da vida emocional, sentimental que elas proporcionam, o que eu acredito, não me ocorreria numa relação homossexual. Vou fazer a operação e virar lésbica agora! (risos)

Nuances: Mas você não é uma mulher?

Nicole: Eu tenho a essência feminina, a minha estética, a minha experiência, a minha identidade, o meu posicionamento sempre foi feminino. Mas sexualmente, eu passei

por um processo de liberar e aceitar o meu lado masculino e ter relações com mulheres, época em que tive meus filhos.

Nuances: Você pensa em se tornar uma mulher de verdade?

Nicole: Eu gostaria. Isso seria fundamental para que eu pudesse ter um equilíbrio. Quando eu preciso ir a um determinado lugar, como por exemplo um banco, onde eu ainda tenho um documento de homem, primeiro eles me tratam super bem, porque veem uma moça com uma filha, toda delicada. Aí, quando eu mostro os documentos, vem toda uma carga de preconceito e é isso que eu gostaria de eliminar. Nesta entrevista, eu quero me posicionar politicamente. Eu não posso só ficar dentro de casa, cuidando da filha, porque ela está crescendo e eu tenho que ir para o mundo.

Nuances: O que falta para que tu faças a operação?

Nicole: Já existe a cirurgia em São Paulo, no Hospital das Clínicas e em São José do Rio Preto, ela é de graça e o acompanhamento leva 2 anos. Falta a minha mudança de local, a minha sobrevivência com a minha filha, de conseguir trabalhar e ao mesmo tempo estar num local que não é aqui em Porto Alegre. Aqui eu tenho um apartamento, tenho onde morar. Se tivesse aqui em Porto Alegre num hospital, não teria nenhum problema, mas ainda não tem.

Nuances: Na tua cabeça já está decidido?

Nicole: Está, mas ao mesmo tempo eu penso assim: eu já estou com 36 anos, vão demorar 2 anos para ficar questionando se eu quero realmente me operar. Eu já avalei muito e já sei o mundo terrível do feminino, de lavar, passar e já me decidi, quando eu for realizar a operação eu já vou estar com quase 40 anos e aí ninguém mais vai me querer. O mais importante é conseguir alterar os documentos. Por isso que eu já decidi, se eu não conseguir mudar meus documentos, vou continuar na política e militar para acabar com este tipo de julgamentos de que toda pessoa que se veste de mulher é travesti e todo travesti se prostitui. Eu busco hoje resolver o problema dos meus documentos, porque isso representa meu passaporte para uma cidadania plena. Quanto menos complicar com o social, mais fácil fica. A questão é: se eu já sou uma mulher em todas as consequências, por que não posso usufruir dos seus direitos? Se eu não descobrisse como é bom ser uma mulher internamente eu nunca ia querer ser uma mulher externamente, nunca ia aceitar viver neste paraíso infernal.

Nuances: Não sentes falta de um relacionamento?

Nicole: Olha, faz tempo que não dá tempo para nada, mas eu sinto falta de um apoio material e de sustento para dar conta da casa, de tudo, de ter maiores condições. Mas não dá para projetar que um homem vai fazer isso. Até gostaria de ter um relacionamento, mas eu não tenho confiança não sendo mulher totalmente. É isso que me trava.

Nuances: E como tua filha sente tudo isto?

Nicole: Ela gosta, me trata como mãe, mas ela gosta de mim num todo. Eu tenho que me desdobrar como mãe e pai. Tem pessoas que nem um dos papéis sabe fazer, então, se fores avaliar minha filha, vais ver que ela tem melhores condições do que outras crianças. Eu mesma nunca recebi afeto, colo do meu pai, mas, no entanto, tive a figura masculina presente. O mundo seria melhor se as pessoas tivessem consciência do feminino.

Nuances: Achas mesmo que o mundo seria melhor?

Nicole: Aí é que se encontra a ideia dos direitos humanos. De repente esta questão de luta pelo ego, de matar por conceitos, por valores, por filosofia faz parte de um mundo masculino violento, no qual se fosse valorizada a consciência da mulher, seria totalmente diferente. Ninguém nos diz: temos um lado masculino, mas de decisão, de força, de dizer “nós vamos vencer”. Existe uma força nesse masculino para incentivar a gente a lutar na vida. Mas não aquele masculino que oprime a mulher, que trata a mulher como inferior, subjugando pela idolatria peniana e falocrata. Por isso, eu sempre ressalto para minha filha o valor da mulher, de que ser mulher é uma coisa muito boa e isso dá a ela força.

Nuances: Já foste agredida por preconceito?

Nicole: Quando eu comecei a expressar meu feminino, algumas pessoas invejosas, que me conheciam antes, começaram a criar intrigas. Minha filha não pode brincar no playground do meu prédio porque já foi alvo de perseguição por ter uma mãe que não se enquadra no padrão do dito “normal”. O principal problema é a questão social, política e de cidadania. Eu gostaria de lutar pela minha cidadania, da minha identidade e, também, de participar da sociedade levando a minha filha para a escola, indo ao banco, sem preconceitos.